

CADEIRAS

PATRONOS ACADÊMICOS EFETIVOS

Gasparino José Romão	1	Vaga
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	Antônia Conceição Vaz Duarte
João Guimarães Rosa	4	Mauro dos Santos Oliveira
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	João Bosco da Silva
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Vaga
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hanssen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Vaga
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	Terezinha Silva Maltez de Souza
Otávio Rodrigo Langgaard Filho	12	Jacques Miranda de Oliveira
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ari Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Claudemir Pedroso da Silva
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Elmi El Hage Omar
Nelson Antonio Natalino	16	Vaga
Cassiano Ricardo Leite	17	Vaga
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Vaga
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Attilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
José Manuel Mateos Martínez	24	Vaga
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	Silvio Ribeiro
Onofre Leite	28	Estanislau Henrique da Cunha
Silvio Ourique Fragoso	29	José Roberto Jerônimo
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	Edison Evaristo Vieira Júnior
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	Fernando Canto Berzaghi
Laerte Romualdo de Souza	33	Mario Yoshinaga
Pe. Geraldo Penteadó de Queiroz	34	Ivo de Souza
Néfi Tales	35	Marlene Auxiliadora Torrigo
Antonio Filardi Luiz	36	Janethe Fontes
Norlândio Meirelles de Almeida	37	Aura Gold
Milton Luiz Ziller	38	Gil Campos de Farias
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39	Sebastião Dácio de Moura Montans
João Ranali	40	André Figueiredo Rodrigues

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES: *Concita Weber, José Luiz Negreiros, Sérgio Eduardo Port, Vanda Fagundes Queiroz e José Aparecido Araujo.*

ACADÊMICOS HONORÁRIOS: *Alfredo Ibrahim Khouri, Edmilson Souza Santos, Elói Pietá, Gasparino José Romão Filho, Maria Alice Pereira Ramos, Oscar Gonçalves, Jane Guilherme da Silva Rossi e Wilma de Melo Colacioppo.*



navegar@navegareditora.com.br



Academia Guarulhense de Letras Revista Nº 19 Ano XIX 2017

Academia Guarulhense de Letras



Revista Nº 19 Ano XIX 2017

Há trinta e nove anos...

Nascia na cidade de Guarulhos, uma promitente Casa de Cultura, edifício de sonhos dedicados às letras, artes e principalmente por amor ao vernáculo, alheia a estilos e escolas literárias – a Academia Guarulhense de Letras.

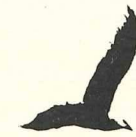
Todos os finais de ano a nossa Academia, na comemoração do seu aniversário, estará ao invés de receber presentes, premiando com uma nova Revista os amantes das Letras guarulhenses.

Numa efusiva atitude, convidou-me o Sodalício, para às honras da orelha na Revista que muito breve viria à luz. Em criação editorial o que se chama de “Orelhas” são as partes internas das capas dos livros. Trata-se a solicitação de uma apreciação sucinta sobre a obra apresentada. O lugar comum da orelha é o elogio, ela se assemelha a abertura de uma ópera, logo, deve conter, não babugeiras, mas sim, algo de profundidade que impressione o leitor a deleitar-se com o livro. É sob este aspecto que assistimos o surgimento da Revista número 19, da Academia Guarulhense de Letras.



Academia Guarulhense de Letras

Revista Nº 19 Ano XIX 2017



NAVEGAR EDITORA



Copyright © 2017 AGL - Academia Guarulhense de Letras
Revista Nº 19 Ano XIX 2017

Editor: *Rubenal Hermano Santos*

Todos os direitos desta edição, reservados para:
COMERCIAL EDITORA HERMANO & BUGELLI LTDA
MF: *Navegar Editora*
Endereço: *Rua Coronel Emidio Piedade, 659 - São Paulo - SP*
CEP: *03018-010 - Fones: 11 3482-5055*
Site: *www.navegareditora.com.br*
E-mail: *navegar@navegareditora.com.br*

FICHA TÉCNICA

Projeto Gráfico: *Rubenal Hermano Santos*
Preparação de originais: *Equipe Navegar*
Composição e diagramação: *Equipe Navegar*
Capa: *Rubenal Hermano Santos sob colaboração de Clovis Domingues*
Leitura Crítica: *Os autores*
Fotos e Ilustrações: *Acervo da AGL*
Revisão ortográfica: *Equipe AGL*

ISBN: 078-85-8630-252-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

19ª Revista da Academia Guarulhense de Letras - AGL
Guarulhos, SP: A Academia 2017
Vários autores - ISBN: 078-85-8630-252-7
1. Contos brasileiros - coletâneas. 2. Coletâneas brasileiras
3. Poesias brasileiras - Coletâneas
CDD - 869.9308
869.9108

Academia Guarulhense de Letras - AGL
Endereço para correspondência:
Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro
Guarulhos - SP - CEP: 07115-020

Impresso no Brasil, 2017 - Pinteado in Brazil

DIRETORIA 2016 / 2018



Presidente:

acadêmico José Augusto Rodrigues Pinheiro.

Vice-presidente:

acadêmico Jacques Miranda de Oliveira.

Secretário geral:

acadêmico Mauro dos Santos Oliveira.

1º Secretário:

acadêmica Teresinha Silva Maltez de Souza.

2º Secretário:

acadêmico Silvio Ribeiro.

Tesoureiro geral:

acadêmica Antonia Conceição Vaz Duarte.

1º Tesoureiro:

acadêmico José Roberto Jerônimo.

2º Tesoureiro:

acadêmico André Figueiredo Rodrigues.

Conselho Fiscal:

acadêmicos Armando Attilio Colacioppo Sobrinho, Isabel Borazanian Macedo de Oliveira e Gil Campos de Farias.

Suplentes:

Ary Baddini Tavares, Lineu Roque Aceiro e João Bosco da Silva.

Grupo de trabalho AGL 40 anos:

Clovis Domingues.

Comunicação:

Jacques Miranda de Oliveira. - Eventos: Janete de Sousa Fontes.

Relações institucionais:

Armando Attilio Colacioppo Sobrinho.

Orador oficial: Lineu Roque Aceiro.

EXPLICAÇÃO DA CAPA

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999 e atualizado com a logomarca da Academia Guarulhense de Letras.

Como registra o Acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.



ACEITA-SE PERMUTA

Exchange is accepted - Si piede permuta

On demande l'échange - Man bitter um austausch

Si prega l'intercambio

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	5
<i>Acadêmico Ary Baddini Tavares</i>	

PARTE I - Artigos

ANTONIA C. V. DUARTE.....	15
ARISTIDES CASTELO HANSEN	31
AURA GOLD	41
BISMAEL BATISTA DE MORAES	53
CLOVIS DOMINGUES	61
EDISON EVARISTO VIEIRA JR.	75
FERNANDO CANTO BERZAGHI	91
ISABEL BORAZANIAN	95
JOSÉ AUGUSTO R. PINHEIRO	103
JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO	117
LINEU ROQUE ACEIRO	123
MÁRIO YOSHINAGA	127
MARLENE AUXILIADORA TORRIGO	145

MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA	177
PLINIO TOMAZ	183
SILVIO RIBEIRO	193
TERESINHA S. MALTEZ DE SOUZA	201
VALDIR CARLETO	207

PARTE II - Discurso de Posse

IVO DE SOUZA	223
---------------------------	------------

PARTE III - Elogio Fúnebre - Nelson Antonio Natalino

MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA	229
--	------------

**PARTE IV - Sinopse da AGL de Agosto de 2016 a
Setembro de 2017**

MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA E TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA	233
--	------------

PARTE V - Medalha do Mérito Cultural João Ranali

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL	267
---	------------

APRESENTAÇÃO



USANDO O FUTURO, PARA CONSTRUIR O PASSADO

A Academia Guarulhense de Letras não foi fundada apenas para que seus membros tivessem o prazer de encontros periódicos para um cafezinho e algumas trocas de ideias. Sua razão de ser é reunir e prestigiar escritores que pretendam deixar como legado seus pensamentos escritos e registrados para mostrar, no futuro, os pensamentos de hoje, então transformados em passado. Parece incoerente, mas não é.

O que é o presente senão um pequeno pedaço do futuro que imediatamente se torna passado. Um momento, roubado do tempo que chega, imediatamente faz parte do tempo que se foi. Por isso, o escritor usa esse momento que passa para registrar seus pensamentos e, configurados e editados, transformá-los em realidades para que, quando alguém quiser, poder lê-los para saber como as gerações que foram (ou estão indo) viam o mesmo mundo em um outro tempo.

Esta Revista de edição anual, é o veículo dessa comunicação fisicamente muito real e filosoficamente quase irreal entre o autor e seu leitor, independente do passar do tempo. Ficará guardada ciosamente para os tempos vindouros invadindo o futuro com o tempo furtado dele mesmo na criação dos textos, como o fizeram

todos aqueles que conseguiram, através da História, assegurar a permanência de seus pensamentos. Que acabaram fazendo parte de nossa realidade ou, simplesmente, de nós mesmos em nosso tempo. Que está passando e virando passado.

Acadêmico Ary Baddini Tavares

Medalha do Mérito Cultural João Ranali



PARTE I - Artigos

ANTONIA C. V. DUARTE
Medalha do Mérito Cultural João Ranali



O DOMADOR DE CAVALOS E ABELHAS

Lá ia Bernardo, com seu laço e coragem na mão, capturar mais um animal selvagem nas florestas próximas à aldeia de Felgueiras.

Bernardo Augusto, nome de nobre, era um aldeão português e deve ter sido mesmo nobre, em sua biografia singular.

Todas as costelas quebradas, coladas firmemente, depois dos acidentes, no trato com os animais selvagens.

Foi companheiro de vida inteira da avó Clara.

No início da juventude, por volta de 1900, Bernardo lutou no exército para defender as colônias portuguesas em África. A descolonização aconteceria bem mais tarde, somente em 1975.

Por pouco, a jovem Clara não ficou por casar. O jovem Bernardo voltou cheio de vida, depois de ver tantas mortes, no continente africano.

Muitos combatentes morriam vítimas das doenças tropicais, sem precisar dar ou receber nenhum tiro. Era só banharem-se num caudaloso rio, sob o sol ardente e queimavam em febre, que geralmente terminava em morte. Na África, águas contaminadas marcavam o fim da existência de milhares de jovens que haviam chegado ali para serem heróis.

O desenvolvimento da quinina, um tratamento efetivo contra a malária, permitiu que a vasta região tropical africana pudesse ser acessível aos europeus.

Os afortunados soldados, como Bernardo Augusto, voltariam vivos ao continente Europeu para viverem vidas civis e, às vezes, contentes.

Esguio e forte, o avô de Maria do Rosário, Helena e Tônia, dentre outros netos, não voltava de mãos abanando quando retornava por meses de viagem como mascate. Trazia na algibeira doces, bonecas de pano, iguarias e frutas das terras por onde passava. Era uma festa para as crianças a chegada do avô Bernardo.

Viajava a cavalo, no lombo do próprio animal que havia domado. Agora se transformava no aliado solitário da longa jornada vindoura.

Levava mercadorias de fabricação própria para vender: azeite, velas, favos, mel e o próprio cavalo que havia domado. Essa, certamente, era a mercadoria mais difícil de negociar e dela se desfazer.

O avô despedia-se do garanhão ou da égua, fitando firmemente o animal nos olhos, como se esse gesto encerrasse o tempo de estarem juntos e que outro ciclo tivesse que recomeçar. É a roda da vida; era assim que tinha que ser.

A casa de Bernardo e Clara era de dois andares, no meio do vilarejo próximo à igreja de Santa Eufêmia¹, padroeira da aldeia.

A família de dona Clara vivia especialmente melhor do que a maioria da gente do vilarejo.

O marido hiperativo não cessava a lida; plantava boa parte do que consumia: batata, cereais, frutas e várias leguminosas; cuidava dos olivais, das vinhas e das castanheiras; domava cavalos e abelhas; fabricava azeite no lagar, além do vinho, do mel e das velas.

Conhecia todos os processos da produção e participava dela. Ele era o senhor desse milagre.

Velas serviam para iluminar as casas, para as cerimônias religiosas, cumprir promessas, alumiar os velórios e tudo o que carecia de luz.

As abelhas davam-lhe muita alegria e trabalho, embora fosse um habilidoso apicultor. Bernardo não dispunha da tecnologia moderna para colher os favos; a alternativa era a criatividade.

A máscara improvisada na máquina de costura de dona Clara protegia o rosto do primitivo apicultor. Trabalhar com abelhas era uma aventura e risco constantes naquela época.

O aldeão sabia da importância dos insetos para a agricultura. As abelhas são responsáveis por 80% da polinização. Sem elas, dizia Bernardo, não temos maçã, nem melão. Ficava preocupado com o uso de inseticida, pois diminuía a proliferação dos insetos, causando danos para a lavoura.

_ O mel, a própolis e a cera são produtos nobres de origem animal. _ continuava Bernardo, na defesa das abelhas:

¹ Eufêmia (PORTUGUÊS BRASILEIRO) ou Eufémia (PORTUGUÊS EUROPEU) (em grego: Ἐϋφῆμια), dita "Bem aventurada" na Igreja Ortodoxa, é uma Grande Mártir e santa, que morreu por sua fé em Calcedônia no início do século IV d.C.

Animais tão pequeninos e de tão grande valor! Algumas têm ferrão, outras não.

Os espinhos estão para as rosas, assim como os ferrões para as abelhas; são defesas que a natureza lhes deu para que sobrevivam. É uma idiosincrasia necessária do ser.

- Os cavalos dão patadas, não é?

As crianças, com a natural curiosidade, ficavam encantadas com as histórias reais do avô herói. Ficavam lá, à escuta, sem arredar pé, até que algum adulto estraga- prazeres as mandasse dormir.

Os cavalos eram sua condução; deles recebia grande ajuda, tanto no trabalho, como uma enorme valia na distribuição da produção, como também para engalanar as festas religiosas.

Destarte, já ancião, Bernardo arava a terra com o macho de hábito, quando se aproximou dele um amigo de muitas vindimas e interpelou:

- Oh, homem, que tanto labutas? Mal acabastes de colher as uvas e fazer o vinho, já estás aí, a plantar oliveiras? Sabes bem que só darão azeitonas daqui a dez anos.

- Deixa lá, Domingos, outros haverão de colher, como ocorreu com os olivais do meu avô. Uma geração deve deixar um bom legado para a outra. A planta leva muitos anos para se desenvolver, porém é muito forte. Há oliveiras que têm mais de dois mil anos; são testemunhas do nascimento de Cristo.

Bernardo Augusto continuou plantando com determinação e esperança, até que a última mudinha estivesse fincada na cova. Regou todo o campo, arrebanhou as ferramentas, despediu-se de Domingos, subiu no cavalo e partiu junto com o pôr do sol, de volta para casa.

Enquanto o final da primavera ainda não cobria tudo de neve, apeava pelos caminhos, recolhia cogumelos silvestres de tons e

formas diferentes, de encher os olhos e a cesta, e levava-os para o jantar. Eram fontes de proteína e muito saborosos.

As rosas, deixava-as lá. Dizia que duravam mais no pé e enfeitavam a caminhada.

Cantava aos domingos na igreja de Santa Eufêmia e ajudava o padre na missa, antes de cada viagem para mascatear suas mercadorias. Pedia à santa proteção e bons negócios. Era um homem pleno de si. Enquanto durava a labuta, sobravam esperanças.

Bernardo amava a vida, estava sempre em ação. Prover bem o seu grupo familiar era preocupação constante. À época, era isso que se esperava de um bom chefe de família.

O domador de cavalos e abelhas considerava que a vida é a arte das escolhas, a arte dos encontros e arte das artes.

As diferentes escolhas que fazemos determinam os resultados que alcançamos ao longo da vida.

Domar os animais com arte pode ser bom para os dois: domado e domador.

Avó Clara chamava-o normalmente com doçura, pelo seu nome forte: "Bernardo". Porém, quando passava da conta, chamava-o enfatizando todas as sílabas do seu nome composto:

- Ber-nar-do Au-gus-to! Estás borracho!
- Outro osso quebrado!
- Esse meu homem ainda vai dar cabo à vida!
- Estas são horas, homem!
- Ora, os animais são a sua paixão!
- Venha logo, vou pôr o jantar.

As boas e longas conversas aconteciam à mesa cheia de pão, de chouriço, de carnes secas ao fumeiro, de vinho, de azeitona, de

queijo, de sardinha, de frutas e de muito mais. Os relatos das aventuras de viagem entreteciam e encantavam todos. Falava do rio Douro², do seu leito e desníveis; das populações e das cidades que margeavam o extenso rio, que nascia em Espanha e desaguava no Oceano Atlântico, na cidade do Porto, no norte de Portugal.

As crianças ouviam esses fatos reais como se fossem lindos contos de fadas. Seu filho, Antonio, foi tão influenciado pelos relatos fantásticos do patriarca Bernardo, que repetiu a história do pai na vida real. Atravessou o rio Douro e, com alguns ciganos, comercializou tanto do lado espanhol, quanto do lado português. Recomeçava o ciclo do comércio com o único herdeiro varão; era a década de 1990.

Os três filhos de Antonio eram surdos desde nascença. Isso o entristecia e permeava todo o seu cantar. Essa era uma ocorrência única da família, portanto o fator hereditário era descartado pelos médicos.

Os dois meninos foram enviados para estudar em Lisboa, num educandário profissionalizante, especializado para atender os surdos-mudos. Tornaram-se autônomos e excelentes em suas profissões: estilista e designer.

Antonio, cantante, guitarrista, grande contador de casos, fascinava a todos com um grande poder de sedução, que magnetizava os ouvintes da genuína música popular à erudita.

²O rio Douro (em espanhol: Duero) é um rio que nasce em Espanha na província de Sória, nos picos da Serra de Urbión, GPS (42.007121, -2.879944), (Sierra de Urbión), a 2.080 metros de altitude e atravessa o norte de Portugal. A foz do Douro é junto às cidades do Porto e Vila Nova de Gaia. Tem 897 km de comprimento e é o terceiro rio mais extenso da península Ibérica. A UNESCO incluiu, em 14 de Dezembro de 2001, a Região Vinhateira do Alto Douro (45°68' N, 5°93' W) na lista dos locais que são Patrimônio da Humanidade, na categoria de paisagem cultural. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Homem alto, lindo, era o encantador das moças das aldeias e de todas as regiões com as quais mantinha comércio. Era o princípio embrionário da globalização: movimentação de pessoas, informações e mercadorias pelo mundo todo.

Maria do Rosário, a terceira filha, ficou na aldeia, fazendo companhia para a mãe Maria. Aprendeu tudo sobre prendas domésticas com louvor; era uma dama. Sabia de etiqueta, dominava sobremaneira a arte da cozinha, da costura, do especializado artesanato local: bordado, tricô, crochê e suas variáveis.

Reclamava constantemente da educação diferenciada de gênero. Achava injusto os irmãos partirem para a capital e apenas ela ficar na aldeia. Mulher feita, ainda acalantava sonhos de igualdade e de liberdade.

O sedutor Antonio, filho do Sr. Bernardo, havia deixado muitos amores pela vida. Um muito especial foi o da jovem apaixonada Cândida.

Avó Clara jamais aceitou o romance dos dois amantes: não queria uma nora deveras humilde e além do mais, maneta.

Cândida era de baixa estatura, mal alcançava o ombro do seu amado, mas atingia o seu coração, numa fração de segundos. Era obstinada em seus objetivos amorosos; era a Dom Casmurro da aldeia.

Sociedade arcaica, tradicionalmente católica, patriarcal por séculos passados e muitos vindouros. Pior para quem usava saias.

Cândida não combinava com essa descrição. Engravidou do seu amor, Antonio. A paixão cegou a moça, que teria por bom destino entregar-se apenas ao marido, que teria a obrigação de protegê-la e acompanhá-la em todos os tempos e lugares da vida. Cândida frustrou as expectativas morais familiares e de uma aldeia inteira!

Teve seu rebento sozinha, no banheiro. Quase ninguém viu o natimorto; era um fruto pecaminoso. Naquele tempo, a repressão sexual feminina era enorme e até dentro do casamento o sexo era recatado.

Pode-se imaginar o sofrimento solitário da jovem Cândida, a noiva renegada pela família de Antonio, secretamente banida da aldeia da freguesia de Bragança. O novo país foi um exílio involuntário; era um jeito de viver longe da censura cruel da população moralmente impiedosa. O Brasil foi seu destino, palco de seu recomeço.

Com os pés nos trópicos, a cabeça na Aldeia, o coração em Antonio, ia vivendo um dia depois do outro.

Quantos diálogos contundentes a jovem desafortunada Cândida sofreu com a Senhora Clara, a mãe de Antônio:

- Não foi contigo, uma portadora de aleijão que sonhei para noiva do meu filho. És uma pessoa disforme, disparatas com a beleza de Antonio.

- Senhora, eu o quero como nunca houve quem quisesse mais alguém neste mundo.

- Olha para ti, não o mereces! Ele pode ter a moça mais bonita e perfeita de todas estas terras. Não desgraças a vida de quem tem tanto a gozar nela. Saia da minha frente com o teu desvalimento e não o apoquentes mais com teu desatinado amor. Rezarei por teus males e que Deus tenha piedade de ti e da tua imoralidade.

Pobre moça! Enclausurou-se no seu amor, movia-se com as poucas energias que lhe sobraram. Comprou uma passagem e foi para o Brasil, lugar onde já moravam alguns parentes, e ali ficou por casar, até que Deus a levou cedo, por volta dos 50 anos.

Como a bondade, o preconceito e duros valores enraizados podem habitar a mesma pessoa? Por que Clara, um poço de candura, poderia ser pontualmente tão insensível?

Dizem as más línguas que, antes de sair da Terra, Cândida deixou a terrível maldição para seu amor impossível:

- Aquilo a que você mais amar, é justamente o que mais lhe fará sofrer. Padecerás até a morte desse castigo de dor e remorso e nada poderás fazer para tua salvação.

Realmente a praga da moça rejeitada pegou. Três filhos surdos-mudos nasceriam da união civil e religiosa de Maria e Antonio.

Nenhum filho jamais pôde ouvir a voz que embalava a aldeia, que encantava homens e mulheres. Viviam no silêncio sepulcral.

Cada canção de Antonio era o gotejar da lembrança amorosa, um lamento do amor proibido, do amor carne, do amor sonho, que doravante ardia, embora já brasa não fosse.

Para refletir: um dos maiores desafios humanos é transformar indivíduos em pessoas, e pessoas boas.

ALEX E AS TARTARUGAS

O menino ainda não tinha apagado as velinhas do seu terceiro aniversário e seus amigos já estavam na maturidade: Chronos e Kairós³. Impressionante, como os três amigos se entendiam!

³ Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairós*. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico (ou sequencial) que pode ser medido, esse último significa "o momento certo" ou "oportuno": um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece. Em *teologia* descreve a forma qualitativa do tempo (o "tempo de Deus"), enquanto *chronos* é de natureza quantitativa (o "tempo dos homens").

A tartaruga Chronos tinha 30 anos contados; Kairós, de idade incerta, veio procurando um novo lar. Chegou no momento oportuno, quando Chronos, muito triste, estava entrando em depressão.

O réptil sentia-se muito só; Alex estava iniciando a sua escolaridade.

O menino permanecia muito tempo no colégio e a tartaruga ficava horas se rastejando no belo gramado em volta da piscina, a esmo.

A família de Kairós pensava em se mudar para um apartamento. Menos trabalho doméstico, maior sensação de segurança. Mais um animal seria demais!

Discutiu-se, discutiu-se, mas, por enquanto, tudo continuava igual...

O caráter das duas tartarugas era bem diferente, porém, isso nunca seria impedimento para uma grande amizade.

A casa era ampla, o quintal enorme, o coração também e a nova hóspede foi ficando, para contentamento do menino, que adorava animais.

O escudo das duas tartarugas era muito parecido, lindo e bem desenhado. A semelhança parava por aqui, era só física.

Chronos era metódica, tinha sempre o mesmo ritual para fazer as coisas. Gulosa, comia sem parar. Precisava de mais atenção; sua rotina era para lá de controlada.

Kairós, de caráter expansivo, mordida delicadamente o pequeno dono para expressar afeto.

Gostava de brincar de esconde-esconde na varanda, na grama, no tapete, onde fosse... Ela gostava de rastejar, de preferência onde houvesse gente.

A tímida Chronos deixava-se ficar horas a fio, sob o motor da piscina. Talvez atraída pelo barulho ritmado ou pelo conforto do calor. Depois saía, como que à procura de algo.

Chronos e Kairós foram se entendendo, passeando juntas e compartilhando quase todos os momentos.

Às vezes ia cada uma para um lado.

Convém ter um pouco de privacidade, ter um tempo só para si.

Nunca houve uma preocupação para saber o sexo dos répteis, isso não importava. Importante era a afeição compartilhada.

Constantemente Alex precisava desenterrar Chronos da sua carapaça e estimular o bicho à atividade.

Bem diferente da ágil Kairós, uma hiperativa de berço, melhor, de ovo. Tartarugas são ovíparas.

A vivacidade de Kairós era evidente. Claro, era uma agilidade expressiva para uma tartaruga, seres de natureza vagarosa.

O importante é que lentamente ela chegava lá, pois, sabia aonde queria chegar, e chegava no momento certo, oportuno.

Embora Alex gostasse das duas tartarugas, a identificação com a esperta Kairós saltava aos olhos.

Chronos fazia uma coisa por vez, sem alterar a sequência. Caso contrário era uma bagunça, atrapalhava-se toda. Ou comia, ou comia, senão: oh, oh, oh... Engasgava!

Quando Kairós desaparecia era um alvoroço.

Procuravam a sapeca tartaruga por todos os lados. Às vezes era achada nos lugares mais inusitados; até do fundo da piscina foi resgatada pelo menino Alex e saía andando como se nada tivesse acontecido.

Outra vez, a silenciosa Chronos foi trancada na sala de jantar. Passou a noite deslizando sobre o fofo tapete bege e defecou sobre todo o caminho percorrido.

Não houve jeito, senão entregar o tapete para Zenildo, que estava caiando o muro da casa, para dar um destino ao tapete sujo.

A família de Alex gostava de acampar em Cabreúva, nos fins de semanas, férias e feriados.

- Vamos, crianças, há muito que fazer; acampar é bom, mas dá trabalho. Aliás, tudo o que é bom dá trabalho. Mãos à obra!

- Alex, já ligou para o Thales? Você o convidou, lembra-se?

- Não esquentar, mãe, tá tudo certo!

Kairós gostava de passear pelo gramado, num platô que dava acesso à piscina e era facilmente superado.

Vencia-se o desnível do terreno, subindo-se dois patamares com seis degraus em cada um.

De quando em vez, uma das redondinhas capotava, e aí? Esperneava até que alguém viesse desvirá-la.

Um imenso tapete de grama esmeralda, bem tratada, verdejava boa parte do exterior da residência.

As tartarugas variavam o seu cardápio. Na grama, achavam alimento farto: caramujo, aranhas, lesmas, borboletas, ovos de passarinho, minhocas e sabe-se lá o que mais...

Chronos e Kairós gostavam de caçar seu próprio alimento. É muito mais valioso e recompensador. Sentiam-se bem melhor, merecedores do verdadeiro sustento. Porém, não era o suficiente.

Os zelosos donos traziam sempre a refeição do dia: alface, banana, tomate, cenoura e até carne. Afinal, quem tem bicho deve cuidar bem deles, muito bem.

“A TARTARUGA E O PICHE”

Num desses finais de semana com feriado prolongado, Alex, mais seu inseparável amigo Thales, foi com a família toda para o trailer, no Camping Cabreúva.

Como era de costume, só retornaram no domingo à noite, cheios de cansaço, tralha para guardar e a alma satisfeita.

Difícil era engatar a semana: aula logo pela manhã, trabalho e muito que lembrar e organizar. Mas tudo vale a pena, se a alma não é pequena, dizia o poeta.

De repente, quando as luzes do quintal se acenderam, iluminou-se a tartaruga Kairós, melhor dizendo a cabeça e o pescoço, pois o resto afundara no piche, havia horas ou dias. Esse impermeabilizante serviria para calafetar o telhado.

Não se soube ao certo quanto tempo o pobre animal ficou mergulhado no betume, que certamente havia derretido e solidificado, acompanhando o calor dos dias e o resfriar das noites.

Em meio ao desespero de todos, começou a operação tartaruga.

- Pega o removedor, gritou a mãe.

-Tragam uma faca de serra, berrava o pai.

Percebiam-se lágrimas a escorrer dos olhinhos da imobilizada criatura.

O pequeno Alex, a mãe e a irmã, chorando, saíram de cena.

A angústia da tartaruga invadiu a todos, que se apressavam em tirá-la da agonia.

O irmão mais velho auxiliou o pai, no improvisado e eficiente socorro.

Piche duro, pele mole, faca de serra, removedor e alguns longos minutos depois, Kairós estava livre da prisão em que ela mesma havia se colocado.

O banho de mangueira aliviaria muito o calor e o excesso de removedor.

O piche, esse colado ao corpo de Kairós, levou meses fazendo um rastro escuro e pegajoso pela varanda ou por onde a tartaruga se arrastasse.

“A TARTARUGA QUE NÃO SABIA VOAR”

Alex adorava o desenho da tartaruga Touché. Sua imaginação fértil ia além, muito além do desenho animado.

Um dia estava brincando no quintal, dramatizando e dando vida a tudo o que precisasse entrar na história.

Faltava uma personagem para completar o elenco de sua última peça, quando por sorte, passou em marcha lenta e sincronizada o réptil ator.

O menino criativo e afoito alçou a tartaruga e ordenando, gritou:

-Vua tartaruga... Vua tartaruga...

Pluft... O pobre animal caiu do alto da mureta que separava a piscina, do jardim em frente da sala.

O obstáculo não passava de dois metros, porém sentem-se bem longos, quando se está em queda livre.

Chronos não berrou porque não sabia, mas correu o que pode. A carapaça raspou suas patas traseiras e deve ter doído o suficiente para aquietar-se por um bom tempo, sem achar graça em teatro algum.

O menino, de bons sentimentos, embora imprevisível, assustou-se com o resultado de sua ação. Não era bem esse o desfecho esperado. Tratou de consolar a frágil amiga.

Mas, como será consolar uma tartaruga?

ARISTIDES CASTELO HANSSEN
Medalha do Mérito Cultural João Ranali



O BILHETE ÚNICO

-Não sei se vou de botinha ou de sandália melissa - dizia Ruth com sua voz esganiçada. - O que vocês acham?

Aquilo o irritava. A menina já havia enchido e esvaziado sua enorme bolsa várias vezes, e nunca estava satisfeita. Queria levar tudo, seus badulaques não cabiam, apesar do tamanho dela. E não se decidia o que levaria, o que deixaria em casa. Passariam uma semana fora, mas para ela era como se estivessem de mudança.

Haviam comido pizza à guisa da janta, como era costume aos domingos. Os homens e Ruth haviam tomado tonéis de cerveja, as outras mulheres de refrigerante, e estavam todos animados com a viagem programada para a manhã seguinte.

-Só tenho dó da Jolly, que vai ficar sozinha - era novamente Ruth se lamentando. A Jolly era a cadelinha da vizinha, mas estava sempre na casa deles, acostumara-se com os agrados e mimos da moça.

-Leva ela, ué – disse Jurandir. – Decide se ela vai de botina ou de sandália melissa.

-E se ela vai carregar a mala – rematou Carlinhos

Coitada da Rutinha – lamentava dona Rosa. – Tem um coração tão meigo. Se preocupa até com os bichos.

Essas discussões entre os netos sempre irritavam o velho. Carlinhos e Jurandir sempre querendo ser um mais engraçado do que o outro, se tornando o maior galão, chamando a atenção de todos, principalmente das meninas. Eles não estavam apaixonados por ninguém, era a mania de galantear todas as meninas. Paquerar, como eles diziam. Essa irresponsabilidade da juventude, essa mania de brincar com tudo, o irritava. Mas preferia não abrir a boca, para não o chamarem de velho rabugento. Ainda mais que estava aposentado, e se preparavam para passar uma semana em Mangaratiba.

No fundo, tinha inveja dessa criançada. Homens e mulheres, crescidos, fortes e bem-dispostos, de tanto praticar esportes, não precisavam trabalhar. Só estudavam, e só pensariam em conseguir algum emprego depois de formados. Jurandir nem nisso pensava, prestara um montão de vestibulares, e se inscreveria na faculdade em que fosse aprovado, se fosse em alguma.

O velho ria, por dentro, de suas piadas, algumas obscenas, mas fazia cara feia para impor um pouco de moral.

No seu tempo as coisas eram diferentes, começara a trabalhar aos 13 anos. Se quis estudar, foi à noite, depois do trabalho. E só completara o ginásio. Estava velho, mas não se trocava por um moleque daqueles, acostumado à vida boa, ter tudo à mão, sem nenhum esforço. Mas a culpada era também a rosa. A coitada se

matava, fazia tudo para agradar os netos. Com os filhos tinha sido uma boa mãe, mas com os netos exagerava.

No fundo, porém, ele estava feliz. Aposentado, não precisava se preocupar com os dias de amanhã. Seus filhos estavam criados, e os netos, embora estabados, não eram ruins. Tratavam-no com respeito, e se preocupavam com sua saúde. Bobagem, ele ainda aguentava a vida muito bem, tinha saúde para dar e vender. Eles veriam, em Mangaratiba. Duvidava que algum deles jogasse bola e nadasse melhor do que eles.

Seus filhos também davam muita moleza aos filhos. Ernesto e Lucinda é que incentivaram Carlinhos a estudar Direito, e deixavam Jurandir à deriva. A filha Marieta e o marido Joaquin também insistiram para que Ruth se formasse em Filosofia, e queriam que Julieta fosse para um convento. Certamente Renatinho, o caçula, e sua esposa Marly tinham desejos semelhantes para seu casal de filhos, Gilberto, ainda na quinta série, e Emília, na terceira, iriam viver na boa vida até se formarem em alguma coisa. A educação rígida que dera aos filhos, o senso do dever cumprido, não se reverteria nos netos. O mundo estava assim mesmo, não havia o que fazer.

- Manhê, posso dar uma espiada na prancha que você me deu?

- pedia Gilberto.

- Não, filho. Está tudo arrumadinho na mala. Você vai ter uma semana pra brincar com ela, vai enjoar.

O chão da sala estava entulhado de mochilas, malas, sacolas de todos os tipos e cores. Dona Rosa advertiu a todos:

-Espero que vocês todos estejam organizados, cada um com suas bagagens, não deixem nada para a última hora. Amanhã

teremos que sair antes das cinco, pegar o primeiro ônibus, para estar na rodoviária antes das seis.

Ernesto, Renatinho e Joaquim se despediram, deram muitas recomendações às esposas e filhos, e foram embora, todos no carro de Ernesto. Eles não iriam ao passeio, pois tinham que trabalhar, mas pareciam mais animados do que toda a família. Estariam preparando alguma aventura para a semana em que ficariam solteiros? Ele não os condenava, em sua juventude também aprontara das suas quando Rosa aproveitava os dias enforcados, entre um feriado e um sábado, para passar na casa dos pais. Mas se aceitava essas travessuras dos filhos devia pelo menos tolerar a mesma coisa do genro. E isso era o diacho.

Uma lembrança caiu-lhe à cabeça, como uma pancada. Esquecera-se de comprar o bilhete único. A cidade havia aderido ao sistema de transporte urbano pré-pago, os bilhetes tinham que ser adquiridos antecipadamente em quiosques apropriados. Não havia como adquiri-los naquela hora. Sem o bilhete não teriam como tomar o primeiro ônibus para chegar cedo à rodoviária. Teriam que embarcar mais tarde, talvez depois do almoço. Ainda teriam muito tempo para aproveitar o resto das férias, mas ele não queria confessar seu esquecimento. Teria que inventar alguma desculpa para mudar o horário que ele mesmo tinha sugerido, e fora aceito depois de muita discussão. Onde encontrar tal desculpa?

-Também, essas autoridades municipais não têm mais o que inventar – resmungava em pensamento. - e eu é que tenho que pensar em tudo.

O carro de Ernesto era grande, mas o de Joaquim era um fusca. Renatinho não tinha carro, andava de moto. Não daria

para darem carona para tanta gente, e ainda com aquele volume de bagagem. Seria preciso uma Kombi. Quem tinha uma Kombi, que ele conhecia era o Isaias, mas ele não tinha coragem de pedir-lhe esse favor. Tinha esse direito, pois quando ele dirigia e o Isaias não tinha carro, muitas vezes lhe deu carona. Não custava nada pedi-la emprestada a aquele cara chato.

Na verdade, o Isaias não era tão chato assim. Era até prestativo para todo mundo, mas não seria com ele. Ambos tinham brigado naquele jogo entre Palmeiras e Corinthians. A besta do Isaias era corintiano roxo e vivia chamando os palmeirenses de porcos. E o Corinthians tinha dado de lavada em seu querido verdão. Jurou nunca mais falar com ele.

Mas o problema era sério. Não podia estragar o passeio da família por causa do Corinthians. Que tal se fingisse esquecer o desaforo, e fingindo humildade ligasse ao Isaias e pedisse a Kombi emprestada? Era isso que faria.

Mas... que diabo! Como pedir emprestada? Embarcariam na rodoviária e só voltariam depois de uma semana, como devolver o veículo? Fazer o corintiano acordar cedo para levar a turma era demais, ele não iria concordar. Só se o Ernesto concordasse em levar a turma, voltar, devolver a perua, e depois fosse trabalhar. Seria uma solução.

Finge que vai ao banheiro, entra no escritório, e liga para o filho. Naquela hora ele já devia ter chegado em casa. Tenta uma, duas, três vezes, e ninguém atende. Será que o malandro já estaria usufruindo suas férias conjugais? Tenta várias vezes, e acaba desistindo. O que fazer?

Lembra-se do pimentão. No almoço comeram pimentão recheado. Era louco pelo prato, mas lhe caía mal no estômago.

Após o almoço sobrara um na panela, e ele comera para não jogar fora. Se amanhecesse com azia diria que não podia viajar, não estava bem. Diria que eles podiam ir, ele ficaria bem em casa. Mas a família, unida e solidária desistiria da viagem, e tudo estaria resolvido. Era cruel, mas não havia outra saída. Não podia admitir sua falta. Justo ele, que vivia pregando o cumprimento do dever, e não admitia esquecimento, taxando-o de irresponsabilidade.

- Bem, minha gente, acho que é bom irmos todos para a cama
- ordenou dona Rosa.
- Amanhã é acordar cedo, não esqueçam.

Antes de se recolher foi à varanda e deu uma olhadinha para o céu, na esperança de chuva. O céu estava mais azul do que nunca, presidido por uma lua muito branca, cercada de estrelas. Nem uma nuvem. A noite estava quente, mas esse era o clima natural da cidade. Ainda se fosse em São Paulo, onde chove todas as segundas-feiras, principalmente quando se marca um passeio.

Quando entrou no quarto, a esposa já roncava. Deitou-se, com cuidado para não acordar, mas não conseguiu dormir. O estômago estava quietinho, mas a ansiedade o atormentava.

Quando começou a cochilar foi acordado pela zoeira de todo mundo se levantando, escovando os dentes, lavando o rosto. Dona Rosa acordara mais cedo e já preparara o café, cheiroso e tentador, tendo ao lado o pão de forma e o requeijão cremoso. Tomaram rapidamente o desjejum, deixaram a louça na pia, para lavar na volta, cada um pegou suas coisas, e saíram. Ao fechar a porta, fez seu mea culpa:

- Gente! Esqueci de comprar o bilhete único!

- Não faz mal, eu tenho – gritou, esganiçada, Ruth. – Passa todo mundo no meu.

Já estão no ponto. A luzinha do ônibus brilha na esquina. O estômago começa a dar os primeiros sinais de uma dorzinha fina e chata.

O NOME DA LUA

Vocês sabem qual é o nome da Lua, o único satélite natural do planeta Terra? É Lua, uai!

Tal explicação se faz necessária por que, volta e meia, ouve-se, no rádio e na televisão, besteiras, como se os nossos ouvidos fossem penico. Uma dessas besteiras é que as “luas” de Vênus, e de outros planetas, descobertas mais recentemente, tem nomes, dados pelos astrônomos. Mais siglas do que nomes, pois tais sujeitos são fracos em criatividade. Só a “nossa lua” não tem nome.

Pô, dizer que as “luas” de Vênus tem tal nome equivale a dizer que a “Brasília” de Portugal se chama Lisboa, a da Espanha chama-se Madrid, e a da França Paris.

Eu já sabia isso quando usava calças curtas. Não que eu fosse muito inteligente, eu era até meio bobinho. Mas toda criança sabia, a gente aprendia no grupo escolar. Os russos ainda não tinham inventado o Sputnik, o primeiro satélite artificial, que chegou bem pertinho da Lua. Depois os americanos lançaram outro, quase todos os países inventaram um, até o Brasil, para fazer pesquisas espaciais. A coisa ficou tão na moda que se esqueceram do adjetivo artificial. E hoje os formadores de opinião não sabem mais o que significa a palavra satélite. Pois lá vai uma aulinha, de graça. Satélite é um corpo menor que gravita, dá volta,

ou rodeia um corpo maior. Os povoados que surgiram ao redor de Brasília são as cidades satélites. As pequenas repúblicas que formavam a União Soviética, são os países satélites da Rússia. E olhem que tais formadores de opinião são obrigados, não por lei, mas por exigências de seus patrões, a ter pelo menos um título universitário.

Ah, antes que eu me esqueça. Muita gente talvez não saiba o que é penico, urinol ou vaso noturno. Era um utensílio que toda casa tinha debaixo das camas, no tempo em que as latrinas, banheiros ou toaletes, que se chamavam privada, ficavam fora das residências. Mas a Lua sempre esteve lá, e continua levitando em torno da Terra, do mesmo jeitinho de sempre.

SE EU FOSSE LÁ

Mesmo sem saberem o nome da Lua, os tais formadores de opinião já comentam que em breve já será possível aos terráqueos darem um passeio por lá. Muita gente que tem dinheiro demais e não sabe o que fazer com ele já está comprando passagem para esse tour. Não sei o que esperam encontrar de bonito por lá. Pelo que se sabe, a única coisa que tem são crateras, buracos muito maiores do que os que sobram nas ruas e avenidas das nossas grandes e médias cidades, que ninguém acha bonito. A não ser que com o passar dos anos se construa por lá shopping centers e condomínios de luxo, se abram ruas e avenidas e as encham de veículos movidos por combustível fóssil, poluindo o pobre satélite que tanto alegra as nossas noites claras.

É claro que isso não vai acontecer amanhã ou depois. Já entrado em anos, saturado de décadas, por certo não viverei o suficiente para ver tal maravilha. Nem quero, os avanços da Informática e da desinformação já bombardearam os meus

pobres miolos caipiras. Mas, apesar de tudo, se já fosse possível fazer tal passeio, e as passagens fossem vendidas em astronômicas parcelas, que coubessem no meu depauperado bolso, até que eu me arriscaria. Queria passar pelo menos uma “enterrada” noite lunar (correspondente às nossas noites enluaradas) para olhar o céu e verificar se a Terra é mesmo azul. Conforme a época do ano, e apesar da minha acentuada deficiência visual, talvez eu conseguisse ver os contornos da América do Sul. E, como nos bons tempos me orgulharia da beleza da minha terra.

DESCANSO DO PEREGRINO

Quando se chega ao ponto de não poder continuar,
Alcançamos o destino, É esse o nosso lugar
De encontros e desencontros Sem ter mais o que encontrar.

Navegando nos meus versos
Eu venho de muito longe,
Ou talvez de muito perto,
por mares, campos, desertos,
sempre em volta do meu quarto
Descobri mundos diversos.

É aqui que eu vou ficar,
É daqui mesmo que eu parto,
Na hora de viajar
Para onde for o destino
Que a mim foi reservado
Desde o tempo de menino.

Deixo meus versos diversos,
Os amigos que ganhei
E no peito estão guardados
Meus sonhos inacabados
E os sonhos que não sonhei

É essa vontade, disposição e intenção que torna o Ano Santo um momento oportuno da salvação, um Jubileu, um momento eficaz de graça.

QUAIS SÃO OS ELEMENTOS DO ANO SANTO?

São, particularmente três:

A CONVERSÃO, A PEREGRINAÇÃO E A INDULGÊNCIA.

Os frutos, sabemos pela fé, serão alcançados porque o Senhor é amoroso, misericordioso e quer o bem de todos. Por isso, pedidos que todos aproveitem as graças do Jubileu, o ano da graça do Senhor.

POR QUE ANO SANTO NACIONAL MARIANO

Temos sempre motivos particulares para agradecer as bênçãos que

o Senhor, copiosamente, nos concede durante esta travessia, porém, temos também motivos comuns que queremos celebrar.

Em 2016 celebramos o Ano Santo da Misericórdia, Jubileu extraordinário, a nível universal, em vista de pedir ao Senhor a misericórdia para o nosso mundo tão castigado de preconceitos, de pobreza e guerras e, durante esse tempo tivemos mais atenção para perceber e viver a misericórdia divina em nosso cotidiano, em nossos lares e na vida de cada um. Oramos durante todo o ano:

Jesus, manso, humilde e misericordioso de coração; fizeti o nosso coração semelhante ao vosso.

Neste ano de 2017 o tema escolhido, a nível nacional, foi a celebração dos 300 anos da aparição da pequena imagem da Virgem Maria colhida nas redes dos pescadores. Quem consegue estudar os caminhos de Aparecida nas mãos dos pescadores, de famílias pobres e os acontecimentos ocorridos, será certamente, reforçado na fé dos católicos. Quem consegue acompanhar tantos acontecimentos nesses 300 anos, também será mais tocado, pois são muitos sinais deixados pelos caminhos provando que aquela simples imagem tem tudo a ver com as Mãe de Jesus.

Mas, registramos aqui alguns acontecimentos bíblicos que nos reforçam no (*)culto à Mãe de Jesus, Maria de Nazaré.

“()veja no final deste artigo, sobre os cultos católicos”*

MARIA, PREDESTINADA

Em Gênesis 3,15 lemos:

(o Criador fala, dirigindo-se à serpente) “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar”.

Quem é essa mulher senão Maria, aquela que seria o canal para a encarnação do Filho Unigênito de Deus. Maria foi predestinada para ser a Mãe do Salvador, Aquele que trouxe a reconciliação.

MARIA, ESCOLHIDA E AGRACIADA

Lucas 1,26-33:

Quando Isabel estava no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. A virgem se chamava Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegra-te. Cheia de graça! O Senhor está contigo”. Ela ficou muito confusa com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então disse “Não tenhas medo, Maria! Encontrastes graça diante de Deus. Conceberás e darás a luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim”.

Somente os versículos acima já serviriam para justificar o culto à Maria e concluir que, realmente, Deus colocou sobre ela o projeto, fez dela o canal e teve dela somente o “SIM” em todos os momentos.

Muitas histórias bíblicas nos fazem refletir sobre o projeto do Senhor e muitas também nos contam de atitudes maravilhosas de homens e mulheres que se colocaram a serviço de Deus, renunciando até seus bens mais caros. Porém, tudo era em função do momento que o anjo anuncia, toda a caminhada do povo de Deus foi sempre na espera do Libertador, daquele que seria enviado para a reconciliação. Patriarcas e profetas sempre viveram para manter a utopia de um Salvador. Agora, porém, deixa de ser utopia para ser realidade, são palavras do anjo enviado por Deus, segundo as escrituras.

Sim, mais do que patriarcas e profetas, mais do que reis e rainhas, a virgem escolhida e agraciada é alguém do povo que ora também para a vinda do Salvador. Na oração é surpreendida por algo inusitado, um anjo que lhe anuncia os desígnios do Senhor através dela. Possivelmente, a jovem Maria de assusta e o anjo compreende e a acalma. *“Não tenhas medo, Maria, encontrastes graça diante de Deus...”*

Nada houvera parecido e, por isso, justifica-se a confusão de Maria, mas o anjo lhe dá detalhes de como será.

MARIA DO SIM, SERVA DO SENHOR

Lucas 1, 34-35 e 38

Maria, então, perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, já que eu não convivo com um homem”? O anjo respondeu: “O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado, Filho de Deus”.

Maria disse: Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo retirou-se.

Esse, finalmente, foi o momento esperado por gerações e gerações, essa é a hora da Salvação e, através de Maria, realiza-se o mistério da Encarnação do Filho Unigênito de Deus.

Que mais precisa acontecer para que reconheçamos a virgem como a Escolhida, a Agraciada, como Maria do sim, serva do Senhor?

Quem mais, a não ser Seu Filho, pode merecer um amor agradecido, um reconhecimento de todos nós, seus filhos e filhas?

Ela não foi, não é e não será a autora da graça, pois é o Senhor, na Trindade Santa que nos cria, nos salva e nos chama à santidade, mas a escolha de Deus recaiu sobre Maria, foi ela a predestinada, a escolhida, a serva cheia de graça e é dela que continuamos a falar para fundamentar o Ano Santo Mariano.

SERVIÇAL, INTERCESSORA

Luc.1,39-45, narra a visita de Maria à prima Isabel.

Imaginemos uma mulher no início da gravidez, andando quilômetros para servir uma prima que está também grávida, mas de seis meses, sua prima Isabel que, mesmo na velhice esperava o nascimento de João Batista, o precursor do Mestre Jesus.

O evangelista não escreve como que foi a longa viagem de Maria, mas narra o encontro revelador entre as primas.

O texto diz que Isabel sentiu o menino, em seu ventre, anunciar a chegada do Salvador no ventre de Maria e exclamou: *“Bendita é tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”.*

Maria então falou do seu reconhecimento e de sua pequenez:

“A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus meu Salvador, porque olhou para a humildade de sua serva. Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz,

porque o Todo-Poderoso fez para mim coisas grandiosas. O Seu nome é Santo, e Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem. Ele mostrou a força do seu braço: dispersou os que tem planos orgulhosos no coração. Derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos, e mandou embora os ricos de mãos vazias. Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre". (Luc.1,46 - 55)

Como não aceitar a sua intercessão?

A moça simples de Nazaré fala de justiça, de misericórdia e reconhece sua pequenez, porém, já entende que o que está acontecendo ficará para todo o sempre e, quer queiramos ou não, sua figura está intimamente unida ao Seu Divino Filho, antes do parto, no parto e depois do parto. Na infância de Jesus, na juventude, nas horas boas e nas horas de sofrimento, como também nas horas de dúvidas em que os apóstolos, no cenáculo, certamente viveram. Maria é, sem dúvida, serviçal, serva do Senhor e intercessora de todos os filhos e filhas.

Também registra o evangelista no versículo 56 que Maria ficou três meses com Isabel e podemos deduzir o seu desprendimento e confiança no plano que o anjo apresentou. Sabia que estava com o Senhor e nada lhe faltaria e, se faltasse, o Senhor lhe daria a forças necessárias para superar.

MÃE DO SALVADOR, RECONHECIDA POR ANJOS, PASTORES E REIS

Luc.2, 1-20

A narrativa do nascimento de Jesus, sem dúvida, é uma das mais belas histórias bíblicas, além de ser a mais importante de todas. É ali em Belém que acontece o início da missão do Senhor, repleta de alegrias de perseguições, de libertações, enfim de salvação. Nosso Senhor e Único Salvador vem à luz através de Maria e já experimenta a rejeição daqueles que mais deveriam festejar sua chegada. Nasce em uma estrebaria e é colocado na manjedoura.

Quem estava desde a primeira hora com Jesus? Certamente, sua mãe, aquela predestinada, escolhida, agraciada e reconhecida pelas maravilhas que o Senhor lhe prometera. Mulher, aparentemente frágil, pela idade, imaturidade, pobreza, se faz forte em defesa da sua criança do seu Filho ali indefeso, também, aparentemente.

Se não bastasse a fala do anjo, de Isabel, de José que lhe conta o sonho, e também a certeza própria dela, Maria é reconhecida por anjos que dão glórias a Deus nas alturas, por pastores, simples homens que conseguem ver na fragilidade aparente a salvação de todos e contam da aparição que lhes falou: *"Hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós o Salvador, que é o Cristo Senhor!"* e ainda, por reis que chegam de grandes distâncias para adorar o Menino-Deus.

Alí, segurando, cuidando da criança, estava a mãe, aquela que tudo faria para proteger o Senhor e ser protegida por Ele.

**CUMPRIDORA DAS LEIS,
RECONHECIDA E AVISADA POR SIMEÃO...**

Luc.2,21-40

Luc. 3,41-51

Maria e José são cumpridores das leis, procuram fazer sempre o melhor. Mas, isso lhes custa muito, tanto pelas profecias de Simeão, quantos pela perda e o encontro de Jesus no templo. Porém, mesmo sem entender tudo, Maria guardava tudo em seu coração e Jesus crescia em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens.

MARIA AOS PÉS DA CRUZ

Jo.19,25-27

São poucas as palavras que Jesus profere na cruz, mas vendo a mãe e o discípulo que amava, entregou sua mãe ao discípulo e ele à sua mãe, como que entregando a todos, na pessoa de João, aos cuidados de Maria.

Mãe perseverante, não abandona o Filho e vai com Ele até o fim.

MARIA ACOMPANHA A IGREJA

Atos 1,12-14

Certamente, Maria sabia que Jesus confiara aos seus amigos (apóstolos) a continuidade de sua missão até o fim dos séculos e, lá estava ela dando força, com sua presença, àqueles homens até então com muito medo e com muitas dúvidas.

A cultura do egoísmo, da vantagem pessoal, das pequenas corrupções, das pequenas contravenções são, também, grandes responsáveis pelos graves problemas sociais que a sociedade brasileira enfrenta. No momento em que as pequenas práticas egoístas e antiéticas forem combatidas, as grandes práticas nocivas também serão inibidas, pois estas só têm espaço em sociedades que são tolerantes e coniventes com estas pequenas contravenções. O senso de justiça acaba sendo diluído e, por fim, a cultura negativa acaba prevalecendo.

A educação proporcionará o surgimento de hábitos saudáveis. Com isso, mais e mais pessoas praticarão hábitos saudáveis e deixarão de lado os hábitos e concepções egoístas e danosas. E somente uma sociedade de maioria culta e educada será capaz de eleger representantes igualmente cultos e educados, pois os políticos e representantes de uma sociedade nada mais são do que uma espécie de espelho da maioria da sociedade que representa.

Assim sendo, a educação será a única saída para que a civilização seja reconstruída no sentido de fazer valer a igualdade de oportunidade para todos seus integrantes, sem nenhuma exceção, possibilitando o acesso aos benefícios da civilização de forma ampla e universal. Somente a educação será capaz de despertar em cada um o seu papel de cidadão e de como as ações coletivas podem ter efeito transformador e libertador. Com isso, como bem colocou Freud, os indivíduos sentirão a civilização como sua posse e farão todo esforço possível para preservá-la. E para tal é preciso deixar de priorizar a acumulação de bens e o lucro como objetivo final de todas as ações humanas, passando ser o bem-estar de todos o objetivo final.

Encerro citando uma pessoa que passou grande parte de sua vida encarcerado justamente por defender que todos fossem iguais em direitos e deveres. Esta pessoa foi presa por lutar para que todos tivessem a mesma possibilidade de acesso aos benefícios da civilização, independente de cor da pele ou classe social. Falo de Nelson Mandela, o líder sul-africano que viu na educação e conscientização de seu povo o principal meio de luta por igualdade. Apesar do texto se referir ao contexto brasileiro, que a luta deste africano serve de exemplo para toda humanidade.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. - Nelson Mandela.

FERNANDO CANTO BERZAGHI



QUEM ERA O PATRONO DA CADEIRA 32 DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS? - AGL

“SERVIÇO TOTAL”

O patrono da Cadeira de número 32 da AGL- ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - era o ilustre prof. Adolfo de Vasconcelos Noronha.

Noronha, bom semeador, esparziu muitas sementes de luz, tanto na São Paulo de Piratininga, quanto na Guarulhos que tanto amou.

Nascido na cidade de Olímpia, em 1922, Estado de São Paulo.

Formou-se em Direito pela decantada USP. Cursos simultaneamente Ciências Sociais, Metafísica, Psicologia, Filosofia e Ética pela antiga Faculdade de Ciências e Letras de São Bento.

Teve em primeiras núpcias com a senhora Cláudia Bisognini de Noronha os filhos: Ronaldo Bisognini de Noronha, Adolfo Bisognini de Noronha e Denise Bisognini de Noronha.

Com dona Maria Irany Guaraldo Noronha: Ricardo Adolfo Guaraldo Noronha e Ana Cristina Pia Guaraldo Noronha.

Em 1948, assumiu o mandato de vereador à Câmara de Vereadores de Guarulhos, sendo seu chefe de gabinete durante dois mandatos.

Foi pioneiro do ensino superior em 1965, quando criou a SOGE – Sociedade Guarulhense de Educação.

Foi membro honorário da Academia de Letras da Faculdade de Direito da USP.

Membro fundador da AGL- Academia Guarulhense de Letras.

Foi mentor e idealizador do CMA- Conservatório Municipal de Artes.

Sua bibliografia é muito vasta. Não dá se quer para a deduzi-la neste curto espaço de tempo.

Inteligência polimorfa e multifacetada, dedicada principalmente à educação e às humanidades.

Escreveu sobre a História de Guarulhos, Sociologia, Política, literatura, Direito, Metafísica, Psicologia, Educação, etc.

De sua ampla bibliografia destacamos duas obras de que ele gostaria que déssemos o real significado: “Guarulhos, Cidade Símbolo”, publicada em 1959 e “O Sonho da Mariposa”, romance de sociologia política, publicado em 1975-77.

Na primeira: “Guarulhos, Cidade Símbolo” vaticinou o grande destino que aguardava a metrópole gloriosa.

Já em “O Sonho da mariposa” explica que muitas vezes o homem no intuito de buscar a verdadeira luz, ou seja, a tão sonhada liberdade pode ser induzido a erro, e, se aproximando da falsa luz acaba por queimar as próprias asas. Isso acontece com atual conjuntura política nacional. Isso ocorre também com o jovem que se apoia nas drogas, no sexo anormal, na busca de dinheiro a qualquer preço, etc.

Quis a Providência Divina ocupasse a cadeira de número 32 no dia 28 de junho de 2017 às 20,00h no espaço CEMEAR da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Esporte e Lazer de Guarulhos.

Plantei também a exemplo e à semelhança do mestre Noronha algumas sementes de luz.

Paulistano da Parada Inglesa, residente desde tenra idade na cidade de Guarulhos. Formado em Letras, Psicanálise, Pedagogia, Direito, Teologia, professor, jornalista, escritor educador, palestrante conferencista.

Secretário da Educação e Cultura, Esporte e Turismo, 1982. Professor da UNIMESP - FIG nas faculdades de Direito, Administração e Ciências Contábeis e Educação Física e Técnicas desportivas de 1977 a 1993.

Regularizei os cursos da SEC – Secretaria de Educação de Guarulhos.

Elaborei a minuta de Criação das DEs e DRE IV - NORTE
Minuta de criação do Centro Cultural Prof. João Cavalheiro Salem – Lago de Vila Galvão. Coordenador e mentor do 9º Congresso Neodidático da Língua Portuguesa de âmbito nacional de 20 a 24 de julho de 1981 na UNIMESP – FIG.

Mentor e autor do Projeto de Criação da Secretaria da Segurança Pública de Guarulhos, 2001.

Autor do I Fórum de Segurança Pública em 25-10-1996 no Colégio Guilherme de Almeida – Guarulhos - São Paulo-precursor do Policiamento Comunitário de São Paulo.

Possuo inúmeras honrarias, inclusive três de âmbito internacional: Comendador Paul Harris pelo Rotary

International. Membro da ORDEM DO INFANTE D. HENRIQUE. Membro Honorário da ORDEM DA LIBERDADE.

Minuta de criação e instalação do Centro Permanente de Artes no Lago de Vila Galvão – SEC – PMG.

Instalação da AGL – ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS EM 11-08-1982 junto ao Lago de Vila Galvão – Praça Cícero de Miranda, PMG – SEC.

ISABEL BORAZANIAN



POEMAS

CANTO

Um canto cantado
guardado no encanto
No canto os cantos
cantados guardados
guardados no canto
Canto os encantos
os encantos do canto
Fico encantada
e canto os cantos
os cantos guardados
na minha memória
que moram nas veias
dos meus sentimentos

OS OLHOS

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Na soberania dos fatos
nuances, relances
Momentos furtados
sentimentos roubados

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Na balança os fatos
instantes, rompantes
corrupção constante

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Corrupção, impunidades
resultando na miséria
que assola o país, estados e cidades

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Visando a maior isenção nos atos de julgar, e no sentido de tornar efetivamente confiáveis todas as manifestações dos agentes do Estado, há pouco tempo, reportagem de grande jornal de São Paulo noticiou que, “por meio de proposta de Emenda à Constituição, a Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA) quer acabar com o quinto constitucional, mecanismo que garante 20% das vagas dos tribunais a promotores e advogados que não fazem concurso de ingresso à carreira de magistrado”, isso com base no artigo 94 da Constituição.

Quer- nos parecer, salvo melhor juízo, que a ideia do preenchimento das vagas dos tribunais apenas por magistrados de carreira tem finalidade saneadora, até para maior dignidade e independência do Judiciário, resguardando-se de eventual influência política, e mesmo para evitar que pessoas, embora intelectualmente bem formadas, ao assumirem a magistratura “por cima”, sem concurso democrático de ingresso na base e sem o *calejamento* das comarcas e das varas, eventualmente, possam interpretar a lei de forma corporativa ou politicamente, e não visando à verdadeira justiça, ainda que com a chancela de *decisão judicial* ou *acórdão da corte!*

Por fim, faz-se oportuno repetir o professor Roberto Lyra, na sua obra antes citada, quando trata do magistrado e a sociedade, bem como da responsabilidade e da ética:

Se não vence as paixões, se não renuncia aos interesses econômicos, políticos, mundanos, que não seja juiz. A casa da justiça exige de seu guardião, exatamente, as virtudes do preterido, na

vida pública e na vida privada. O juiz deve ser respeitado por ser respeitável, à altura do incomparável poder de julgar, enfrentando os extremismos das fraudes e violências. Como responsável pelo julgamento, precisa de segurança moral e não somente de irredutibilidade de vencimentos e de inamovibilidade. As injustiças e violências da Justiça são as mais cruéis.

Enfim, o magistrado que começa por cima, em razão de escolha política, antes de perder os vícios corporativos e sem uma visão global do alto significado social da isenta realização da Justiça, por certo, tem mais dificuldade para se desvencilhar da chama da vaidade e dos holofotes! A história não o perdoará.

SONETO Nº 1

ao meu amigo *Bismael*, do seu amigo *Dorge*, em 1965

Dorgival Silva Araujo

(poeta paraibano, que pertenceu à Guarda Civil de São Paulo e, com Bismael, também foi CD intérprete de inglês, no Ponto IV da USAID, na antiga Escola de Polícia de São Paulo, na Rua São Joaquim, 560, no bairro da Liberdade, e, depois da extinção da GCSP pelo Decreto-lei 1072/1969, da ditadura do General Médici, foi Oficial PM).

Caro Bismael, feliz de quem
consegue, do mal que alguém lhe faz,
extrair a partícula do bem
que o próprio mal, inconsciente, traz.
Aos que, famintos de bondade, choram
ao redor a sua parte doa,
e àqueles que o perdão lhe imploram,
livre do ódio, seu coração perdoa.

Na arena da vida, o mal desarma
e, usando a caridade como arma,
seu pior inimigo ao seus pés tomba.
Aos bons Deus dá poder, nega a paz,
e os faz compreender que, quanto mais
forte é a luz, mais forte é a sombra!

Bismael B. Moraes, advogado, Mestre em Direito Processual Penal pela USP, é Delegado de Classe Especial, aposentado; foi presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo; é membro da Academia Guarulhense de Letras e autor de 20 livros, dentre os quais “*Direito e Polícia – Uma Introdução à Polícia Judiciária*” (RT/SP/1986) e “*Estado e Segurança diante do Direito*” (RT/SP/2008).

CLOVIS DOMINGUES*Medalha do Mérito Cultural João Ranali*

ANO SANTO MARIANO

A Igreja Católica Apostólica Romana fundamenta suas atitudes sempre na Palavra Sagrada e não é diferente a celebração do ANO JUBILAR, neste ano 2017, ANO SANTO MARIANO que transcorreu de 12/10/2016 a 11/10/2017.

FUNDAMENTAÇÃO NA TORÁ, PRIMEIRA LEI.

Deus criou o mundo em seis dias e no sétimo descansou.

Além da contagem do ano de shemitá, de sete em sete anos, existe a contagem do *yovel* - o jubileu, que ocorre a cada cinquenta anos, no ano seguinte ao término de 7 anos sabáticos.

Na época do Templo Sagrado isto era exatamente o que acontecia a cada 50 anos. O Yovel caracterizava-se por três obrigações, que recaíam sobre a nação inteira:

a) Abstenção de qualquer trabalho agrícola, exatamente como em Shemitá;

b) Liberdade incondicional para todo escravo hebreu;

c) A devolução de todos os campos aos seus proprietários originais.

Como podemos observar, na tradição judaica, como o Jubileu está alicerçado na Torá, “no Pentateuco” ?

Fala-se dele no livro do Êxodo (23, 10-11), no Levítico (25, 1-28), no Deuteronômio (15, 1-6).

A cada sete anos era celebrado o *ano sabático* (como anteriormente comentávamos), no qual se deviam perdoar todas as dívidas. E, a cada 50 anos se celebrava o Jubileu.

“*Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando na vossa terra a liberdade de todos os que a habitam. Este ano será para vós Jubileu: cada um de vós voltará à sua propriedade e à sua família*”. (Lv 25, 10)

O tempo de jubileu, era um tempo de paz e reconciliação, um tempo de festa e perdão.

Um tempo de graça divina.

TRADIÇÃO CRISTÃ

O Ano Santo, por que e para que a Igreja o celebra?

O evangelista São Lucas narra em uma passagem (Lc.4,18-20) que JESUS (*) vai à Sinagoga no dia de sábado e proclama um trecho do livro do profeta Isaías (61,1-2).

“*O Espírito do Senhor está sobre mim, por isso ele me ungiu e me mandou anunciar aos pobres uma mensagem, para proclamar aos prisioneiros a libertação e aos cegos a recuperação da vista, para colocar em liberdade os oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor*”

(*) JESUS É O PRÓPRIO JUBILEU = REDENÇÃO, SALVAÇÃO

Portanto, o tempo todo é história da salvação. O tempo da Igreja, que começa com a Encarnação do Filho de Deus e vai até o fim do mundo é, a título especial, tempo de salvação. O tempo da presença de Jesus, nesta terra, é ainda mais, tempo de salvação.

A partir desses textos do Evangelho conclui-se que existem “momentos favoráveis” mais do que outros em ordem à realização da salvação. Esses momentos podem ser subdivididos por ritmos diários (*os momentos de oração durante o dia*), semanais (*o domingo, Dia do Senhor*), anuais (*Advento e Quaresma; tempo de Natal e tempo Pascal*); por ritmos comunitários litúrgicos ou não (*exercícios espirituais, encontros de espiritualidade dos vários grupos eclesiais etc.*). Há também os ritmos do Ano Santo ordinário (*a cada 25 anos*) ou extraordinário como o Ano Santo da Misericórdia celebrado há pouco (2016) e outros.

O início da comemoração do Jubileu na Igreja se deu no ano 1300, pelo Papa Bonifácio VIII na Basílica de São João de Latrão, Roma.

O ANO SANTO MARIANO NO BRASIL

A CNBB abriu no Brasil, em outubro de 2016, o Ano Nacional Santo (Jubileu) Mariano para celebrar, fazer memória, e agradecer pelos

“300 anos de graças desde a aparição da imagem no Rio Paraíba do Sul nas redes de pescadores”.

Como Jesus que vai aos pescadores e os chama para segui-lo, Maria, aparece maltratada e quebrada, de cor negra, naquele momento, também rejeitada, aos pescadores, homens simples do povo. Por mais que se tenha preconceitos, para a Mãe, todos são filhos e filhas.

A EFICÁCIA ESPIRITUAL DO ANO SANTO

Por que o ano santo é um “momento oportuno”?

A eficácia do Ano Santo provém da oração da Igreja “hierarquia e povo”. Isso significa que a Igreja, esposa de Cristo, pede, com a certeza de

que sua oração vai ser atendida, para que Ele derrame de maneira abundante seus dons para todos os cristãos.

É essa vontade, disposição e intenção que torna o Ano Santo um momento oportuno da salvação, um Jubileu, um momento eficaz de graça.

QUAIS SÃO OS ELEMENTOS DO ANO SANTO?

São, particularmente três:

A CONVERSÃO, A PEREGRINAÇÃO E A INDULGÊNCIA.

Os frutos, sabemos pela fé, serão alcançados porque o Senhor é amoroso, misericordioso e quer o bem de todos. Por isso, pedidos que todos aproveitem as graças do Jubileu, o ano da graça do Senhor.

POR QUE ANO SANTO NACIONAL MARIANO

Temos sempre motivos particulares para agradecer as bênçãos que

o Senhor, copiosamente, nos concede durante esta travessia, porém, temos também motivos comuns que queremos celebrar.

Em 2016 celebramos o Ano Santo da Misericórdia, Jubileu extraordinário, a nível universal, em vista de pedir ao Senhor a misericórdia para o nosso mundo tão castigado de preconceitos, de pobreza e guerras e, durante esse tempo tivemos mais atenção para perceber e viver a misericórdia divina em nosso cotidiano, em nossos lares e na vida de cada um. Oramos durante todo o ano:

Jesus, manso, humilde e misericordioso de coração; fazei o nosso coração semelhante ao vosso.

Neste ano de 2017 o tema escolhido, a nível nacional, foi a celebração dos 300 anos da aparição da pequena imagem da Virgem Maria colhida nas redes dos pescadores. Quem consegue estudar os caminhos de Aparecida nas mãos dos pescadores, de famílias pobres e os acontecimentos ocorridos, será certamente, reforçado na fé dos católicos. Quem consegue acompanhar tantos acontecimentos nesses 300 anos, também será mais tocado, pois são muitos sinais deixados pelos caminhos provando que aquela simples imagem tem tudo a ver com as Mãe de Jesus.

Mas, registramos aqui alguns acontecimentos bíblicos que nos reforçam no (*)culto à Mãe de Jesus, Maria de Nazaré.

“()veja no final deste artigo, sobre os cultos católicos”*

MARIA, PREDESTINADA

Em Gênesis 3,15 lemos:

(o Criador fala, dirigindo-se à serpente) “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar”.

Quem é essa mulher senão Maria, aquela que seria o canal para a encarnação do Filho Unigênito de Deus. Maria foi predestinada para ser a Mãe do Salvador, Aquele que trouxe a reconciliação.

MARIA, ESCOLHIDA E AGRACIADA

Lucas 1,26-33:

Quando Isabel estava no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. A virgem se chamava Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: “Alegra-te. Cheia de graça! O Senhor está contigo”. Ela ficou muito confusa com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então disse “Não tenhas medo, Maria! Encontrastes graça diante de Deus. Conceberás e darás a luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim”.

Somente os versículos acima já serviriam para justificar o culto à Maria e concluir que, realmente, Deus colocou sobre ela o projeto, fez dela o canal e teve dela somente o “SIM” em todos os momentos.

Muitas histórias bíblicas nos fazem refletir sobre o projeto do Senhor e muitas também nos contam de atitudes maravilhosas de homens e mulheres que se colocaram a serviço de Deus, renunciando até seus bens mais caros. Porém, tudo era em função do momento que o anjo anuncia, toda a caminhada do povo de Deus foi sempre na espera do Libertador, daquele que seria enviado para a reconciliação. Patriarcas e profetas sempre viveram para manter a utopia de um Salvador. Agora, porém, deixa de ser utopia para ser realidade, são palavras do anjo enviado por Deus, segundo as escrituras.

Sim, mais do que patriarcas e profetas, mais do que reis e rainhas, a virgem escolhida e agraciada é alguém do povo que ora também para a vinda do Salvador. Na oração é surpreendida por algo inusitado, um anjo que lhe anuncia os desígnios do Senhor através dela. Possivelmente, a jovem Maria de assusta e o anjo compreende e a acalma. *“Não tenhas medo, Maria, encontrastes graça diante de Deus...”*

Nada houvera parecido e, por isso, justifica-se a confusão de Maria, mas o anjo lhe dá detalhes de como será.

MARIA DO SIM, SERVA DO SENHOR

Lucas 1, 34-35 e 38

Maria, então, perguntou ao anjo: “Como acontecerá isso, já que eu não convivo com um homem”? O anjo respondeu: “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado, Filho de Deus”.

Maria disse: Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo retirou-se.

Esse, finalmente, foi o momento esperado por gerações e gerações, essa é a hora da Salvação e, através de Maria, realiza-se o mistério da Encarnação do Filho Unigênito de Deus.

Que mais precisa acontecer para que reconheçamos a virgem como a Escolhida, a Agraciada, como Maria do sim, serva do Senhor?

Quem mais, a não ser Seu Filho, pode merecer um amor agradecido, um reconhecimento de todos nós, seus filhos e filhas?

Ela não foi, não é e não será a autora da graça, pois é o Senhor, na Trindade Santa que nos cria, nos salva e nos chama à santidade, mas a escolha de Deus recaiu sobre Maria, foi ela a predestinada, a escolhida, a serva cheia de graça e é dela que continuamos a falar para fundamentar o Ano Santo Mariano.

SERVIÇAL, INTERCESSORA

Luc.1,39-45, narra a visita de Maria à prima Isabel.

Imaginemos uma mulher no início da gravidez, andando quilômetros para servir uma prima que está também grávida, mas de seis meses, sua prima Isabel que, mesmo na velhice esperava o nascimento de João Batista, o precursor do Mestre Jesus.

O evangelista não escreve como que foi a longa viagem de Maria, mas narra o encontro revelador entre as primas.

O texto diz que Isabel sentiu o menino, em seu ventre, anunciar a chegada do Salvador no ventre de Maria e exclamou: *“Bendita é tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”.*

Maria então falou do seu reconhecimento e de sua pequenez:

“A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus meu Salvador, porque olhou para a humildade de sua serva. Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz,

porque o Todo-Poderoso fez para mim coisas grandiosas. O Seu nome é Santo, e Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem. Ele mostrou a força do seu braço: dispersou os que tem planos orgulhosos no coração. Derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos, e mandou embora os ricos de mãos vazias. Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre". (Luc.1,46 - 55)

Como não aceitar a sua intercessão?

A moça simples de Nazaré fala de justiça, de misericórdia e reconhece sua pequenez, porém, já entende que o que está acontecendo ficará para todo o sempre e, quer queiramos ou não, sua figura está intimamente unida ao Seu Divino Filho, antes do parto, no parto e depois do parto. Na infância de Jesus, na juventude, nas horas boas e nas horas de sofrimento, como também nas horas de dúvidas em que os apóstolos, no cenáculo, certamente viveram. Maria é, sem dúvida, serviçal, serva do Senhor e intercessora de todos os filhos e filhas.

Também registra o evangelista no versículo 56 que Maria ficou três meses com Isabel e podemos deduzir o seu desprendimento e confiança no plano que o anjo apresentou. Sabia que estava com o Senhor e nada lhe faltaria e, se faltasse, o Senhor lhe daria a forças necessárias para superar.

MÃE DO SALVADOR, RECONHECIDA POR ANJOS, PASTORES E REIS

Luc.2, 1-20

A narrativa do nascimento de Jesus, sem dúvida, é uma das mais belas histórias bíblicas, além de ser a mais importante de todas. É ali em Belém que acontece o início da missão do Senhor, repleta de alegrias de perseguições, de libertações, enfim de salvação. Nosso Senhor e Único Salvador vem à luz através de Maria e já experimenta a rejeição daqueles que mais deveriam festejar sua chegada. Nasce em uma estrebaria e é colocado na manjedoura.

Quem estava desde a primeira hora com Jesus? Certamente, sua mãe, aquela predestinada, escolhida, agraciada e reconhecida pelas maravilhas que o Senhor lhe prometera. Mulher, aparentemente frágil, pela idade, imaturidade, pobreza, se faz forte em defesa da sua criança do seu Filho ali indefeso, também, aparentemente.

Se não bastasse a fala do anjo, de Isabel, de José que lhe conta o sonho, e também a certeza própria dela, Maria é reconhecida por anjos que dão glórias a Deus nas alturas, por pastores, simples homens que conseguem ver na fragilidade aparente a salvação de todos e contam da aparição que lhes falou: "*Hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós o Salvador, que é o Cristo Senhor!*" e ainda, por reis que chegam de grandes distâncias para adorar o Menino-Deus.

Ali, segurando, cuidando da criança, estava a mãe, aquela que tudo faria para proteger o Senhor e ser protegida por Ele.

**CUMPRIDORA DAS LEIS,
RECONHECIDA E AVISADA POR SIMEÃO...**

Luc.2,21-40

Luc. 3,41-51

Maria e José são cumpridores das leis, procuram fazer sempre o melhor. Mas, isso lhes custa muito, tanto pelas profecias de Simeão, quantos pela perda e o encontro de Jesus no templo. Porém, mesmo sem entender tudo, Maria guardava tudo em seu coração e Jesus crescia em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens.

MARIA AOS PÉS DA CRUZ

Jo.19,25-27

São poucas as palavras que Jesus profere na cruz, mas vendo a mãe e o discípulo que amava, entregou sua mãe ao discípulo e ele à sua mãe, como que entregando a todos, na pessoa de João, aos cuidados de Maria.

Mãe perseverante, não abandona o Filho e vai com Ele até o fim.

MARIA ACOMPANHA A IGREJA

Atos 1,12-14

Certamente, Maria sabia que Jesus confiara aos seus amigos (apóstolos) a continuidade de sua missão até o fim dos séculos e, lá estava ela dando força, com sua presença, àqueles homens até então com muito medo e com muitas dúvidas.

Teríamos muitos comentários, reflexões sobre Maria para explicar o porquê da escolha para o Ano Santo Nacional Mariano (2016/2017), mas queremos lembrar que a Igreja reforçada sempre pela presença de Maria, também não a esqueceu, ao contrário, reconheceu oficialmente a sua maternidade e intercessão para com todos. Foi sempre presença especial que nos leva a Jesus, será sempre a Mãe carinhosa de tantos nomes que em todo o mundo católico é venerada com muito amor.

A Igreja Católica, reconheceu sua Imaculada Conceição por ser a predestinada e preparada pelo Senhor, sem a mancha do pecado, tal a importância de sua missão de ser o canal por onde Jesus veio ao mundo.

Também a Igreja reconheceu sua assunção ao céu de corpo e alma, pois se *o salário do pecado é a morte* e se Maria não pecou, não passou pela morte.

A Igreja também reconhece sua intercessão em inúmeros milagres comprovados cientificamente e continua pedindo sua intercessão, prestando a ela o culto especial.

CULTOS NA IGREJA E DA IGREJA:

Na Igreja Católica, desde sempre existem três tipos de culto:

LATRIA, DULIA E HIPERDULIA

LATRIA, culto de adoração é o culto maior prestado somente a Deus;

DULIA, culto de veneração é o culto aos anjos; e santos; e

HIPERDULIA, especial veneração, é o culto somente à Virgem Maria.

Esses cultos são divididos em: ABSOLUTO E RELATIVO LATRIA, adoração absoluta só a Deus
LATRIA, adoração relativa a tudo que nos lembra o Senhor, Sua Palavra, seus símbolos, suas imagens.

DULIA, veneração absoluta somente aos anjos e santos
DULIA, veneração relativa a tudo que nos lembra anjos e santos, estampas, pinturas, imagens etc.

HIPERDULIA, especial veneração absoluta somente à Virgem

HIPERDULIA, especial veneração relativa a tudo que nos lembra a Virgem, como suas imagens, símbolos etc.

**TUDO QUE NOS REMETE À MARIA
É POR CAUSA DE JESUS CRISTO, SEU FILHO DIVINO
E NOSSO ÚNICO SALVADOR.**

EDISON EVARISTO VIEIRA JR.



CIVILIZAÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO

“Gerações novas, que forem educadas com bondade, ensinadas a ter uma opinião elevada da razão, e que experimentarem os benefícios da civilização numa idade precoce, terão atitude diferente para com ela. Senti-la-ão como posse sua e estarão prontas, em seu benefício, a efetuar os sacrifícios referentes ao trabalho e a satisfação instintual que forem necessários para sua preservação. Estarão aptas a fazê-lo sem coerção e pouco diferirão de seus líderes.” – Sigmund Freud, 1927

Em seu trabalho sobre “O mal-estar na civilização” Freud já discorria sobre a necessidade dos cidadãos de uma determinada cultura, povo ou nação possuir uma consciência elevada da razão, no sentido de fazer com que cada indivíduo reconheça os benefícios desta civilização e aja no sentido de preservá-la e continuá-la através das virtudes universalmente conhecidas como a honestidade, a ética, a valorização do trabalho e o respeito mútuo entre os seus integrantes. Esta consciência a que Freud se referia iria de encontro aos benefícios que a civilização traria ao

sujeito como conforto, proteção, facilidades tecnológicas, uma vida digna, direito ao trabalho, lazer, entre muitos outros fatores que moldam a vida cotidiana das pessoas.

Porém, nem sempre a civilização proporciona aos seus indivíduos estes benefícios de forma justa e então a ganância, - por si mesmo egoísta, - acaba tomando o lugar da dedicação coletiva que tais indivíduos dispensariam em prol desta civilização.

Vejamos o caso mais específico do Brasil.

Nosso país possui diversos problemas sócio econômicos que ao longo das décadas vem se agravando. Temos uma população com pouco mais de 200 milhões de pessoas. Dentre estas pessoas uma boa parcela vive em comunidades carentes, em casas de má qualidade, com pouco acesso a serviços públicos essenciais como transporte, saúde, educação, saneamento básico e muitos vivem sob a égide de organizações criminosas que, além de impor o terror como forma de dominação, aliciam crianças e jovens para o crime e destrói a vida de muitos através da distribuição farta e acessível de entorpecentes ilícitos. Isto é, estas pessoas não se beneficiam com as benesses da civilização em que fazem parte, mas que ajudam a construí-la com seu trabalho formal, informal, comunitário entre outros.

Há ainda outra grande parcela destes milhões que aqui vivem, possivelmente a maioria absoluta, que possui acesso aos serviços públicos essenciais como transporte, saúde, educação e saneamento básico. Moram em casas mais ou menos razoáveis e não vivem sob a égide direta de organizações criminosas. Mas por outro lado, vivem sob o medo de terem suas casas invadidas por criminosos ou até mesmo de serem assassinadas em alguma operação criminosa dentro e fora de seus lares. Apesar de possuírem acesso aos serviços públicos básicos, estes são de qualidade duvidosa

devido à alta demanda e muitos acabam sendo obrigados a pagarem por serviços básicos de empresas privadas como escolas particulares e planos de saúde, apertando o orçamento e desviando o dinheiro que poderia ser utilizado para o lazer.

Há também os cidadãos das mais variadas classes sociais que vivem sob o fantasma do desemprego que simplesmente compromete a dignidade das pessoas e conseqüentemente das famílias. Muitos são desprovidos de sua renda por falta de trabalho o deixando a mercê do trabalho informal ou, até mesmo, em alguns casos, de práticas ilegais.

E ainda, de forma mais dramática, há os cidadãos que são desprovidos das condições mais básicas e essenciais de dignidade. Não possuem renda adequada e muitas vezes recorrem ao lixo para conseguirem algum tipo de sustento, se alimentando do que outros cidadãos descartaram. Inclusive crianças vivem nestas condições, crescendo em ambientes insalubres e indignos, distante de todo e qualquer benefício que a sociedade tenha constituído, exceto o refugio dos que possuem tal benefício.

Pode-se citar ainda os cidadãos que estão encarcerados injustamente que foram processados ou indiciados sem uma investigação adequada; há ainda os que foram lesados de alguma forma e o aparato judicial e policial não foram suficientes para reparar tais danos; há os que são vítimas da criminalidade ou da desonestidade alheia e os que perderam pessoas próximas e queridas em um sistema de trânsito caótico ou nas mãos de criminosos.

Há ainda muitos outros casos e situações em que se poderia citar no qual os benefícios da civilização não são devidamente compartilhados por todos seus integrantes, mas os exemplos acima serão suficientes para uma compreensão da proposta do presente trabalho.

Vale ressaltar que quando se fala em civilização, não se pode pensar em algo alheio e separado do ser humano. A civilização é um constructo que envolve o ato cotidiano de cada ser humano que já existiu e deixou seu legado, por mais simples e desconhecido que seja. Cada pensamento, cada criação, cada invenção, cada imaginação colocada em prática, cada sentimento que foi expresso, enfim, tudo ajudara na construção do que se chama hoje de civilização.

Contudo, dentro desta mesma civilização onde existe quem não se beneficia ou não possui acesso aos benefícios que outros possuem, existem os que são agraciados e possuem acesso a tudo que os bens materiais podem proporcionar. Estas pessoas não vivem sob a égide de organizações criminosas e ainda podem pagar dezenas de homens armados para fazer a defesa de seu patrimônio, de si próprio e de seus entes queridos. Podem transitar pelas cidades de helicópteros fugindo do trânsito caótico ou, na pior das hipóteses, em reluzentes e novíssimos carros blindados. Também podem pagar as melhores escolas e obterem educação do mais alto nível. Também podem pagar pelos melhores planos de saúde e serem tratados em unidades hospitalares providas com a mais alta tecnologia e os mais recentes tratamentos para diversas patologias. Vivem em casas luxuosas, seguras, confortáveis, além de possuírem acesso ao melhor tipo de alimentação possível em seus lares.

Mas estes são em menor número que os que não possuem tais benefícios em grande escala.

Ora, se apenas uma minoria possui acesso aos benefícios da civilização de forma ampla, por qual motivo a grande maioria não reage no sentido de conquistar meios para que também tenha acesso a uma vida digna e que esta tal civilização venha ao seu

encontro com todo seu esplendor? Por qual motivo permitem estas discrepâncias materiais tão absurdas? Por qual motivo permitem que mesmo cumprindo com as próprias obrigações como cidadãos, não possuem o que outros cidadãos têm acesso?

Antes de responder, é preciso deixar claro que estas comparações não intencionam fazer com que se crie um ambiente conflituoso e que uns fiquem contra outros. A comparação serve justamente para criar uma possibilidade de reflexão sobre a própria condição social e histórica dentro da civilização em que faz parte. Esta tomada de consciência é o primeiro passo para qualquer transformação.

É de conhecimento geral que em qualquer sociedade há os cidadãos que possuem mais acesso aos benefícios da civilização do que outros. Em maior ou menor grau, toda sociedade possui tais diferenças. Mas o que tudo indica é que não são exatamente estas diferenças que provocam grandes comoções sociais, pois há uma certa conformidade em saber que existem pessoas com mais ou menos bens materiais e que, conseqüentemente, podem ter acesso a mais bens de consumo e serviços que outras pessoas.

Além de não haver nenhuma comoção social diante das discrepâncias sócio econômicas entre um cidadão e outro, tudo indica também que mesmo as manobras políticas para a manutenção de privilégios e garantias legais para que os que mais possuem bens materiais possam acumular ainda mais bens parecem causar menos comoção social ainda. Há reclamações esparsas, mas absolutamente nenhuma grande mobilização social acontece.

As respostas para os questionamentos acima estão justamente nas raízes educacionais e culturais de nosso país e, amiúde, na visão que nosso povo possui sobre o saber, o

conhecimento, a ética e sua importância para a manutenção desta civilização. Manutenção esta que anda extremamente combalida e as soluções apresentadas diante de questões sociais não passam de tentativas infantis de aliviar os sintomas, sem que as causas sejam alvo de maior atenção.

Voltando aos questionamentos acima, a grande maioria das pessoas que possuem menos condições de acesso aos benefícios da civilização não se mobilizam para mudar a própria situação justamente por não possuírem consciência desta condição e acabam criando ou apoiando mecanismos que perpetuam esta condição de inércia diante da precarização da vida como um todo. Sem contar que em muitos casos os menos abastados acabam por se identificar com os mais abastados e, por fim, acabam aceitando sua condição diante da possibilidade ilusória de um dia ser como os mais poderosos e privilegiados, ocupando o lugar do abastado.

O principal meio de manutenção desta situação de desconhecimento da própria condição está da mídia. No Brasil, a imprensa é altamente manipuladora, historicamente apoia golpes de estado em favor dos interesses estrangeiros, defende os interesses dos poderosos e mais abastados criando no imaginário popular que os mais pobres precisam dos mais ricos para poder ter emprego e sustento. Esta falsa impressão acaba criando o ambiente necessário para que os menos abastados aceitem os privilégios dos mais abastados, bem como acabam por justificar a exploração de trabalhadores como uma necessidade para que o emprego de muitos seja garantido. Tanto que aceitam passivamente a retirada de direitos fundamentais dos trabalhadores e a manutenção das garantias de privilégios como uma necessidade para o "país crescer". Além de formar cidadãos passivos diante da

mais nefasta exploração e retirada de direitos, a imprensa auxilia na desunião da sociedade destruindo a identidade nacional, mostrando uma falsa realidade no qual o interesse individual está acima do interesse coletivo e que o país não possui cultura própria, não possui história, heróis e nenhum legado que seus cidadãos se orgulhem. Tanto que é comum a depreciação do país, como se quem deprecia não fizesse parte do mesmo.

Enfim, a imprensa acaba prestando um tremendo desserviço no sentido que corrompe os sentimentos de unidade e fraternidade nacionais, se omitem em disseminar a cultura pátria, manipulam informações de acordo com as conveniências políticas e econômicas e, por fim, influenciam naquilo que será valorizado ou não pela sociedade. Este possivelmente é o mais vil processo de alienação perversa que vitimiza um povo.

A influência midiática é bastante sutil e geralmente a grande maioria não percebe que está sendo influenciada em seus comportamentos. É claro que isto ocorre o tempo todo mesmo longe da mídia, mas a imprensa não tem a função de 'formar' opinião e sim de 'informar' com o intuito de fazer com que cada um construa sua própria forma de pensar. Aos poucos, a mídia vai moldando a forma de pensar da maioria das pessoas conforme a conveniência dos mais privilegiados e então, ignorando a realidade, as pessoas adotam o discurso que os oprime como a única forma possível de condução da civilização. Tanto que Millôr Fernandes afirmou sabiamente que "só teremos um país de verdade no dia em que gastarmos mais com escolas do que com televisão, isto é, no dia em que gastarmos mais com a educação do que com a falta de educação".

Pronto! Com uma sociedade passiva, sem consciência da sua própria condição sócio histórica, que acredita na sua

incompetência como fator preponderante para obter meios materiais adequados (meritocracia), que ignora a igualdade de oportunidades como fator principal de justiça social e dignidade, que se identifica com os poderosos a ponto de achar justo os seus privilégios e sua exploração aos menos favorecidos, o ambiente está perfeito para que uma civilização se mantenha desigual e pacífica diante da desigualdade. A isto dá-se o nome de conservadorismo.

Diante de uma sociedade de maioria conservadora, qualquer iniciativa de caráter popular que vise a beneficiar uma parcela menos favorecida da sociedade passa a ser vista como uma ameaça e somente as iniciativas inofensivas são permitidas e aceitas sem resistência. Ajudar alguns adolescentes com cursos grátis é permitido, por exemplo. Mas promover reforma agrária e o estímulo a cooperativas industriais, onde os trabalhadores são os donos do que produzem, não precisando de ricos para direcioná-los ganhando mais que todos os trabalhadores juntos, isso já não é permitido. Para exemplificar novamente, diante de falências de grandes corporações, enormes somas de dinheiro público são injetados em algumas empresas, mas entregá-las aos trabalhadores, é inconcebível.

O conservadorismo no Brasil formou no imaginário dos brasileiros, também, que educação não é importante e que somente o trabalho é capaz de mudar a vida das pessoas. Tanto que é comum ouvirmos histórias de muitas pessoas que deixaram os estudos para trabalhar e isto com o estímulo dos pais. Atualmente este quadro não mudou muito. Apesar de haver o clichê de que a educação é importante e precisa de mais investimentos, pouco se fala na gestão do dinheiro público investido, na gestão escolar, na valorização do professor, na evolução constante dos meios pedagógicos, na valorização da cultura, do ensino e da educação

como meios transformadores e libertadores. Assim sendo, o discurso de mais recursos para isto e aquilo não passa de demagogia. O mesmo se aplica para a saúde, os transportes e outros serviços públicos.

A valorização da educação escolar e acadêmica é de extrema importância para que uma sociedade comece a criar subsídios para sua própria liberdade e tomada de consciência de sua condição dentro da civilização. Também é importante a valorização do conhecimento como um todo, como o conhecimento que alguns aprendem através de sua experiência com a natureza. O conhecimento científico não deve excluir o conhecimento popular e nem vice-versa. Ambos podem se complementar.

O conhecimento não deve se limitar à matemática, a leitura e a escrita. Deve se estender às artes, à literatura, à cultura nativa, ao folclore, às ciências e história humana. Estes conhecimentos são importantes no sentido que capacita o indivíduo a compreender de forma mais apurada e consistente o mundo que o rodeia, fazendo com que questões simples do cotidiano sejam resolvidas sem maiores dissabores. O conhecimento prepara o homem para a cidadania, para a convivência em sociedade e, sobretudo, para a consciência de sua condição na civilização.

Ao tomar consciência de sua condição, o indivíduo também começa a vislumbrar a civilização com mais profundidade, visto que agora possui subsídios psíquicos e intelectuais para tal tarefa. Começa a questionar as motivações que levam as pessoas a aceitarem injustiças, privilégios e desigualdades como situações 'normais'. Começa a questionar os motivos que alguns tem acesso a todos os benefícios da civilização, enquanto que outros, apesar de se esforçarem, não possuem uma vida digna e todos os recursos

que conquistam acabam sendo destinados para manter pagas as contas básicas, não lhe sobrando para o lazer e até mesmo para atividades culturais. Enfim, o cidadão consciente começa a questionar o funcionamento de uma civilização como um todo.

Uma sociedade em que seus cidadãos são de maioria instruída e consciente, com certeza enfrenta bem menos problemas sociais que as sociedades que amargam situações contrárias. E isto a própria civilização demonstra com exemplos em diversos outros países e até mesmo em algumas cidades brasileiras que se destacam na instrução de seus munícipes. Uma sociedade ciente do seu poder como força transformadora, com certeza não permitiria que a educação pública se deteriorasse nas mãos de políticos inescrupulosos e que depois tivesse que pagar para obter uma educação de qualidade em escolas particulares. Não permitiria que a saúde caísse num verdadeiro caos e depois tivesse que pagar planos de saúde caros, ineficientes e muitas vezes que não cumprem o que prometem ou o que a Lei exige. Não permitiria que o sistema de transporte público fosse desmantelado sendo substituído pelo transporte individual, superlotando as vias públicas e impossibilitando uma qualidade nos transportes. Não permitiria que políticos eleitos se sentissem donos de seus mandatos, fizessem o que bem entendem e depois, ainda, fossem reeleitos. Não permitiria que grupos empresariais controlassem grandes aglomerados de meios de comunicação, tornando-se ferramentas poderosas de controle social de massas, fazendo com que os interesses destes grupos empresariais e de outros que os patrocinam se sobressaíssem sobre os interesses coletivos. Uma sociedade com maioria instruída e consciente não permitiria que alguns de seus semelhantes vivessem na pobreza absoluta enquanto que outros com tantos bens acumulados que toda sua vida não será suficiente para utilizar tudo que juntou.

Assim sendo, o conhecimento é o maior meio/ato de libertação que um indivíduo pode adquirir e desenvolver em sua vida. O conhecimento liberta das amarras da ignorância que aprisiona o sujeito em si mesmo, fazendo-o se conformar com toda e qualquer injustiça que venham cometer-lhe.

Todos os problemas sociais do Brasil poderiam ser resolvidos se a educação fosse prioridade de nosso povo. Um povo devidamente instruído teria meios de se organizar e mobilizar diante de situações que carecem de soluções, bem como participariam ativamente da elaboração das políticas públicas que impactarão diretamente na vida dos cidadãos. Com isso políticos mal intencionados não agiriam no sentido de beneficiar seus 'patrocinadores' eleitorais e teriam mais cuidado com uma sociedade culta e vigilante.

Até mesmo questões pouco vinculadas à questão da cultura e da educação poderiam ser amenizadas com a instrução mais apurada da sociedade. Hospitais que vivem lotados, por exemplo, possivelmente teriam uma queda brusca em sua demanda se as pessoas tivessem conhecimento suficiente para preservarem a própria integridade física, evitando acidentes domésticos, acidentes de trânsito, abusos de substâncias danosas, acidentes de trabalho entre muitos outros. Uma simples pesquisa poderia constatar que grande parte da demanda dos prontos-socorros espalhados pelo país poderia ser evitada se a educação estivesse presente na vida das pessoas de forma mais ampla.

E quanto aos questionamentos que foram feitos mais no início do texto sobre a falta de reação da sociedade diante da discrepância imoral de condições de dignidade?

Capacitada com instrução de qualidade, cultura e discernimento razoável, uma sociedade jamais permitirá que

legisladores eleitos pelo povo criem mecanismos para que os mais abastados e donos dos meios de produção sejam agraciados com mais benefícios que garantam sua posição privilegiada, seus lucros e que impossibilitem os que sejam explorados de recorrerem à Justiça para fazer valer seus direitos. Uma sociedade ciente de seu real papel se mobilizaria a ponto de forçar políticos a retrocederem e garantir o acesso a uma vida digna da maioria. Eis o motivo por que a maioria não reage diante dos desmandos de uma minoria. Justamente porque não possuem instrução suficiente para desenvolverem ações coletivas e conhecimento da própria condição na civilização, limitando-se ao egoísmo e ao conformismo.

Atualmente vemos no Brasil legisladores criando Leis que retiram dos trabalhadores direitos fundamentais conquistados com muito sangue e esforço ao longo de décadas; tirando o direito de trabalhadores explorados recorrerem à Justiça; facilitando a prática da escravidão; garantindo mais facilidades aos ricos e donos dos meios de produção; tirando o direito de trabalhadores se aposentarem com tranquilidade e tudo isto sobre o olhar passivo da grande maioria, enquanto que uma minoria consciente ainda resiste em atos públicos e pelas redes sociais virtuais. O mais decepcionante é que estes que se manifestam contrários a estas atrocidades contra a maioria em defesa dos poderosos, são classificados pelos que ainda não possuem consciência da realidade, de baderneiros, de comunistas, de bandidos e coisas do tipo, quando não sofrem ação violenta e provocativa das forças policiais, igualmente alienadas. E ainda sofrem os ataques da imprensa que ressaltam as dificuldades do trânsito nas vias públicas em atos públicos, por exemplo, ignorando as reais motivações da manifestação e seus desdobramentos sociais.

Mas nem tudo está perdido.

Apesar de todas as dificuldades, da desinformação reinante e da falta de apego pelo conhecimento ainda dominar grande parte de nosso povo, os que se importam com a humanidade não devem abandonar a esperança de dias melhores. A cada dia nasce mais uma criança e cabe aos adultos que a cercam estimulá-la à prática da leitura, o despertar para o conhecimento, do mundo incrível que a literatura pode proporcionar e da beleza de obras artísticas. A criança se apropriando destas práticas, com certeza, se tornará um adulto que tenha apego pelo conhecimento e transmitirá esta apropriação às crianças que tiverem sob seus cuidados. O apego pelo conhecimento deve ser disseminado para que sementes de um futuro melhor sejam plantadas

Com o decorrer das últimas décadas a educação no Brasil foi caindo vertiginosamente de qualidade e isto se deve à adoção de práticas pedagógicas duvidosas, que não levam em conta o desenvolvimento psíquico da criança, bem como a diminuição da exigência do esforço pessoal da criança no ato de aprender. Educadores e educandos foram desenvolvendo em seu imaginário que a exigência e a busca de excelência na aprendizagem se assemelhava a um ato de crueldade contra a criança. Com isso a educação foi caindo de qualidade e o processo educacional começou a perder suas referências e parâmetros provocando uma verdadeira confusão na transmissão de conhecimentos. Alunos que não sabiam ler nem escrever tinham os mesmos avanços na progressão educacional que os que tinham melhor desempenho, igualando todos e ignorando critérios de avaliação.

Crianças são diferentes e possuem capacidades distintas, é claro. Assim como é preciso respeitar o nível de desenvolvimento psíquico e mental da criança para que o conteúdo a ser ensinado seja apropriado e devidamente introjetado. Mas não exigir da criança uma quantidade tolerável de esforço pessoal para

aprender é o mesmo que delegar a criança o ritmo que levará seu processo de aprender. E a criança não está preparada para este tipo de decisão.

O resultado de todo este processo foi que a sociedade brasileira criou gerações de pessoas sem o devido conhecimento mais básico necessário para se ter o mínimo de discernimento e consciência do mundo, precipitando em uma sociedade inculta, que viu na educação um ato torturante e extremamente desestimulante e que possivelmente não fará com que a busca pelo conhecimento tenha alguma importância em sua vida.

A prática educacional no Brasil precisa de uma completa reformulação para que se cumpra seu papel de ensinar e que seja estimulante, tornando a busca por conhecimento uma prática que faça parte do cotidiano da maioria absoluta das pessoas. Uma sociedade que tenha esta concepção da educação, com certeza será uma sociedade onde escolas e academias serão verdadeiros templos dignos de todo respeito. Os educadores serão valorizados naturalmente e as políticas educacionais e de cultura serão alvo de atenção de grande parte da sociedade. Exatamente o contrário do que ocorre atualmente.

Além de uma educação eficiente é preciso observar a questão da cultura.

A cultura nesse sentido se refere ao arcabouço de hábitos, correntes de pensamentos, valores, costumes, entre outros que uma determinada sociedade possui. A cultura molda sutilmente os indivíduos e somente a instrução educacional pode fazer com que a cultura dominante seja positiva e coletivamente benéfica para uma sociedade. A cultura dominante em uma sociedade também delimitará o seu sucesso em lidar com problemas dos mais variados tipos.

A cultura do egoísmo, da vantagem pessoal, das pequenas corrupções, das pequenas contravenções são, também, grandes responsáveis pelos graves problemas sociais que a sociedade brasileira enfrenta. No momento em que as pequenas práticas egoístas e antiéticas forem combatidas, as grandes práticas nocivas também serão inibidas, pois estas só têm espaço em sociedades que são tolerantes e coniventes com estas pequenas contravenções. O senso de justiça acaba sendo diluído e, por fim, a cultura negativa acaba prevalecendo.

A educação proporcionará o surgimento de hábitos saudáveis. Com isso, mais e mais pessoas praticarão hábitos saudáveis e deixarão de lado os hábitos e concepções egoístas e danosas. E somente uma sociedade de maioria culta e educada será capaz de eleger representantes igualmente cultos e educados, pois os políticos e representantes de uma sociedade nada mais são do que uma espécie de espelho da maioria da sociedade que representa.

Assim sendo, a educação será a única saída para que a civilização seja reconstruída no sentido de fazer valer a igualdade de oportunidade para todos seus integrantes, sem nenhuma exceção, possibilitando o acesso aos benefícios da civilização de forma ampla e universal. Somente a educação será capaz de despertar em cada um o seu papel de cidadão e de como as ações coletivas podem ter efeito transformador e libertador. Com isso, como bem colocou Freud, os indivíduos sentirão a civilização como sua posse e farão todo esforço possível para preservá-la. E para tal é preciso deixar de priorizar a acumulação de bens e o lucro como objetivo final de todas as ações humanas, passando ser o bem-estar de todos o objetivo final.

Encerro citando uma pessoa que passou grande parte de sua vida encarcerado justamente por defender que todos fossem iguais em direitos e deveres. Esta pessoa foi presa por lutar para que todos tivessem a mesma possibilidade de acesso aos benefícios da civilização, independente de cor da pele ou classe social. Falo de Nelson Mandela, o líder sul-africano que viu na educação e conscientização de seu povo o principal meio de luta por igualdade. Apesar do texto se referir ao contexto brasileiro, que a luta deste africano serve de exemplo para toda humanidade.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. - Nelson Mandela.

FERNANDO CANTO BERZAGHI



QUEM ERA O PATRONO DA CADEIRA 32 DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS? - AGL

“SERVIÇO TOTAL”

O patrono da Cadeira de número 32 da AGL- ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - era o ilustre prof. Adolfo de Vasconcelos Noronha.

Noronha, bom semeador, esparziu muitas sementes de luz, tanto na São Paulo de Piratininga, quanto na Guarulhos que tanto amou.

Nascido na cidade de Olímpia, em 1922, Estado de São Paulo.

Formou-se em Direito pela decantada USP. Coursou simultaneamente Ciências Sociais, Metafísica, Psicologia, Filosofia e Ética pela antiga Faculdade de Ciências e Letras de São Bento.

Teve em primeiras núpcias com a senhora Cláudia Bisognini de Noronha os filhos: Ronaldo Bisognini de Noronha, Adolfo Bisognini de Noronha e Denise Bisognini de Noronha.

Com dona Maria Irany Guaraldo Noronha: Ricardo Adolfo Guaraldo Noronha e Ana Cristina Pia Guaraldo Noronha.

Em 1948, assumiu o mandato de vereador à Câmara de Vereadores de Guarulhos, sendo seu chefe de gabinete durante dois mandatos.

Foi pioneiro do ensino superior em 1965, quando criou a SOGE – Sociedade Guarulhense de Educação.

Foi membro honorário da Academia de Letras da Faculdade de Direito da USP.

Membro fundador da AGL- Academia Guarulhense de Letras.

Foi mentor e idealizador do CMA- Conservatório Municipal de Artes.

Sua bibliografia é muito vasta. Não dá se quer para a deduzi-la neste curto espaço de tempo.

Inteligência polimorfa e multifacetada, dedicada principalmente à educação e às humanidades.

Escreveu sobre a História de Guarulhos, Sociologia, Política, literatura, Direito, Metafísica, Psicologia, Educação, etc.

De sua ampla bibliografia destacamos duas obras de que ele gostaria que déssemos o real significado: “Guarulhos, Cidade Símbolo”, publicada em 1959 e “O Sonho da Mariposa”, romance de sociologia política, publicado em 1975-77.

Na primeira: “Guarulhos, Cidade Símbolo” vaticinou o grande destino que aguardava a metrópole gloriosa.

Já em “O Sonho da mariposa” explica que muitas vezes o homem no intuito de buscar a verdadeira luz, ou seja, a tão sonhada liberdade pode ser induzido a erro, e, se aproximando da falsa luz acaba por queimar as próprias asas. Isso acontece com atual conjuntura política nacional. Isso ocorre também com o jovem que se apoia nas drogas, no sexo anormal, na busca de dinheiro a qualquer preço, etc.

Quis a Providência Divina ocupasse a cadeira de número 32 no dia 28 de junho de 2017 às 20,00h no espaço CEMEAR da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Esporte e Lazer de Guarulhos.

Plantei também a exemplo e à semelhança do mestre Noronha algumas sementes de luz.

Paulistano da Parada Inglesa, residente desde tenra idade na cidade de Guarulhos. Formado em Letras, Psicanálise, Pedagogia, Direito, Teologia, professor, jornalista, escritor educador, palestrante conferencista.

Secretário da Educação e Cultura, Esporte e Turismo, 1982. Professor da UNIMESP - FIG nas faculdades de Direito, Administração e Ciências Contábeis e Educação Física e Técnicas desportivas de 1977 a 1993.

Regularizei os cursos da SEC – Secretaria de Educação de Guarulhos.

Elaborei a minuta de Criação das DEs e DRE IV - NORTE

Minuta de criação do Centro Cultural Prof. João Cavaleiro Salem – Lago de Vila Galvão. Coordenador e mentor do 9º Congresso Neodidático da Língua Portuguesa de âmbito nacional de 20 a 24 de julho de 1981 na UNIMESP – FIG.

Mentor e autor do Projeto de Criação da Secretaria da Segurança Pública de Guarulhos, 2001.

Autor do I Fórum de Segurança Pública em 25-10-1996 no Colégio Guilherme de Almeida – Guarulhos - São Paulo-precursor do Policiamento Comunitário de São Paulo.

Possuo inúmeras honrarias, inclusive três de âmbito internacional: Comendador Paul Harris pelo Rotary

International. Membro da ORDEM DO INFANTE D. HENRIQUE. Membro Honorário da ORDEM DA LIBERDADE.

Minuta de criação e instalação do Centro Permanente de Artes no Lago de Vila Galvão - SEC - PMG.

Instalação da AGL - ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS EM 11-08-1982 junto ao Lago de Vila Galvão - Praça Cícero de Miranda, PMG - SEC.

ISABEL BORAZANIAN



POEMAS

CANTO

Um canto cantado
guardado no encanto
No canto os cantos
cantados guardados
guardados no canto
Canto os encantos
os encantos do canto
Fico encantada
e canto os cantos
os cantos guardados
na minha memória
que moram nas veias
dos meus sentimentos

OS OLHOS

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Na soberania dos fatos
nuances, relances
Momentos furtados
sentimentos roubados

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Na balança os fatos
instantes, rompantes
corrupção constante

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Corrupção, impunidades
resultando na miséria
que assola o país, estados e cidades

Os olhos da alma enxergam
Os olhos da conveniência cegam

Devaneios persistentes
reticentes perambulam
na esfera do pensamento
Existe esperança
pois, nada na vida é eterno
nada na vida é permanente

VELHICE

Olhares longos pousados
pousados em longos instantes
nas memórias por ela vivida

Longos luares olhares
que na presença da aurora
se fez vivo na memória
a sua história de vida

Ah! Saberes, querereres...
No véu da sapiência
fez brotar do olhar a inocência
que a sua história reverencia

Olhares longos pousados
Longos luares olhares

Ah! Saberes querereres...
Pousados em longos instantes
a sua história de vida
em longos luares olhares

MEMÓRIAS DA EMOÇÃO

São tantas as memórias
que a emoção carrega
que a vida nos entrega
como o amor e a ilusão...

São tantas as emoções
que a memória se entrega
e o sentimento alega
a vida, o sentir, o coração...

São tantos os sentidos
que na emoção passeiam
onde os pensamentos se enleiam
em momentos, nos sentimentos e na razão...

São tantos os momentos
vividos pelos sentidos
aglutinando-se na alma
formando um todo
e compondo sabiamente
as memórias da emoção...

JOGO

Direitos esfacelados
Não é ilusão
Império da insensatez
Anseios, receios
Vestígios do medo
Sombras penumbras
agregam segredos
no veio da emoção
que ficaram guardados
que ficaram guardadas
no veio da emoção
agregam segredos
Sombras penumbras
Vestígios do medo
Anseios, receios
Império da insensatez
Não é ilusão
Direitos esfacelados

MEMÓRIA

No silêncio da história
um lampejo desperta
a memória adormecida
O ontem virou passado
e permanece na lembrança

pois foi memória vivida
 Vidas cruzadas no tempo
 que encantam a alma da gente
 lacunas, vazios, saudades
 de um passado recente

A história é a história
 E mágica é a memória
 Que nos faz reviver o passado
 Que quase vira presente

CONSTATAÇÃO

As linhas pertencem ao espaço
 As entrelinhas pertencem a percepção
 A poesia que versa em mim
 vive sem começo, meio e fim
 Ela pulula constante
 No meu ser

POESIA

Luzes, ribaltas acesas
 Vestem a minha emoção
 Versos, versando a vida
 Versos, versinhos, versões...
 Chuva de pensamentos

Viagem ao encantamento
 Viagem com a imaginação
 Memórias dos sentimentos
 Viagem do coração

TEMPO

O tempo é escasso
 A ansiedade permeia
 A vida que anseia
 O momento certo
 E o momento certo
 ultrapassa o tempo
 de um tempo sem tempo

ENCONTROS E DESENCONTROS

Encontros	Sentimentos	Encontros	Momentos
Instantes	Sentidos	Desencontros	Rompantes
Rompantes	Desencontros	Sentidos	Instantes
Momentos	Encontros	Sentimentos	Encontros
Encontros	Momentos	Encontros	Sentimentos
Desencontros	Rompantes	Instantes	Sentidos
Sentidos	Instantes	Rompantes	Desencontros
Sentimentos	Encontros	Momentos	Encontros

JOSÉ AUGUSTO R. PINHEIRO



MINISTÉRIO DO AMOR E DA PAZ

Quem faz aquilo de que gosta não precisa de passatempo, mas eu tenho um: lavar a louça em casa. É maravilhoso empregar o mais profundo sentimento de gratidão enquanto se lava o prato e os utensílios utilizados na refeição anterior. É, acima de tudo, um ato espiritual.

Quem me ensinou isto foi uma linda mulher, bem-humorada e encantadora. Ela é a rainha da simpatia, e ainda me abriga em seu generoso coração há décadas. Quando o amor dela por meu pai manifestou-se plenamente pela terceira vez, a jovem de 25 anos passou a abrigar-me em seu ventre.

Nesses anos todos, nos quais eu tenho o privilégio de chamá-la de mãe, Anninha me ensinou tudo o que sei de importante. Lavar a louça, inclusive. Por isso, se algum dia, eu for o presidente da República deste país (o que, estatisticamente, tem uma chance em 200 milhões), eu convidarei Anna Pinheiro para ocupar o Ministério do Amor incondicional e da Paz interior – a sigla será MAP.

No meu primeiro - e, talvez, único - dia de governo, eu promoverei completa reforma ministerial. Das 39 pastas existentes, restarão apenas três: Educação, Saúde e Segurança Nacional. A quarta estrela na Esplanada dos Ministérios será o MAP. Os demais prédios serão transformados em escolas, postos de saúde e em retiros espirituais.

Zilda Arns (1934-2010), de saudosa memória, será a mentora desse trabalho transcendental. Essa surpreendente mulher disse certa vez: “Nunca se deve complicar o que pode ser feito de maneira simples”. Assim é minha mãe. Soube administrar como poucos as carências materiais: enquanto ela criava cinco filhos e cuidava da mãe em seus últimos momentos no plano físico, Anninha fazia casaquinhos de tricô, e auxiliava o meu pai a alimentar a família.

Assim, o orçamento do novo Ministério será igual a zero. Toda e qualquer atuação será voluntária. Você se habilita a trabalhar com a ministra Anna? Ela lhe dará as boas-vindas, oferecendo como retribuição o seu melhor sorriso. Amor e Paz!

BRINCADEIRA DE RODA

Em setembro eu completarei quatro anos navegando pelo mundo encantado do Facebook. Nesse período, eu reencontrei amigos antigos; construí novas amizades; recebi, também, comentários e ‘curtidas’ de internautas que possivelmente jamais venha a conhecer pessoalmente. O mundo está, literalmente, a um click de distância. Foram inúmeras as mensagens inspiradoras que eu recebi, por meio da rede social lançada em 04/02/2004 por Mark Zuckerberg.

Há poucos dias, eu tive a grata surpresa de observar significativa foto em uma das comunidades virtuais nas quais estou inserido. Nessa imagem desbotada pelas décadas, 32 crianças de 10 anos se colocam ao lado da professora Jurema, na quarta série B, primeiro período, do Grupo Escolar José Alves de Cerqueira César.

A plaqueta que identifica a turma está apoiada na perna esquerda do terceiro menino da primeira fileira, a partir da esquerda. Aquela criança de 1973 sou eu. Eu não tinha essa foto,

pois a falta de recursos da época impediu a família de adquiri-la. Mas o rosto de muitos dos colegas de infância jamais saíra de minha cabeça. O semblante da professora, então prestes a aposentar-se, também integrava a minha memória.

Quarenta e três anos depois, eu reflito: o que ainda tenho em comum com aquele estudante da 4ª série B? O que restou do sonho de ser agente de mudança, sendo útil ao maior número possível de pessoas? Em quais sentidos eu contribuí para melhorar este, por vezes, incompreensível mundo? “Eu não sei” é a resposta tríplice.

A certeza irrefutável, porém, é que as mais de quatro décadas passaram e eu não percebi – como se a brincadeira de roda avançasse rapidamente. Os mais velhos sempre me alertaram para o fato de que a vida é muito dinâmica, e que invariavelmente só temos o dia de hoje para agir. A oportunidade perdida - a exemplo da palavra falada e da flecha lançada no provérbio chinês -, não volta mais.

PAI E FILHO: A HISTÓRIA SE REPETE...

Eu adoro assistir a filmes, especialmente no cinema. Afinal, toda a sétima arte foi elaborada para ser exibida em telas gigantes; as mensagens perdem muito de sua essência quando apresentadas na TV. Apesar deste gosto, já fazia quase um ano e meio que eu não assistia a uma boa película do princípio ao fim, com plena atenção e rara emoção.

Pois bem, no primeiro sábado de agosto, eu fui ao Centro Espírita Gean, em Santana, a convite de meu amigo Afonso Moreira Junior, a fim de rever uma das mais lindas e emocionantes passagens cinematográficas entre pai e filho: “Peixe Grande”, com magistral direção de Tim Burtin (1958). Trata-se do grande contador de

histórias Ed Bloom que, durante toda a experiência terrena, revela as suas inúmeras aventuras – sempre com boa dose de imaginação.

Ed é um completo sucesso, cativando todos que o conhecem. Existe, porém, uma significativa exceção a essa regra: Will, seu único filho, não gosta nem um pouco desse arraigado hábito do pai, e passa anos sem falar com ele. Ambos se reconciliam somente quando Ed está prestes a encerrar a sua missão por aqui. O reencontro entre ambos e o final são surpreendentes. Eu recomendo!

Na vida real, verdade e fantasia comumente se misturam, especialmente quando vamos contar uma história que nos dá alegria e prazer. Meu pai, Paulo (1928-2008) foi um homem de poucas palavras, mas de muito trabalho e duras experiências. Somente quando eu cheguei à meia-idade que pude descobrir e admirar plenamente esse saudoso homem. Como eu queria tê-lo sempre comigo, além das dimensões de meu coração de eterno menino.

No domingo dos pais, eu e meus entes queridos nos confraternizamos, tendo por base a memória de um padeiro, nascido em Nazaré Paulista, que aos 17 anos mudou-se para a ‘cidade grande’, a fim de constituir sua família. Anna, os cinco filhos, nove netos e quatro bisnetos agradecem por sua determinação e fé. Pai, meu herói, você venceu!

AS ROSAS E O TEMPO NÃO FALAM

Convidado por dois novos amigos para fraterno almoço em São Miguel Paulista, no sábado, dia 25, eu tive a oportunidade de caminhar com eles por cerca de 800 metros, visitando o completo e bem organizado comércio do bairro. Foi maravilhoso conversar por cerca de 90 minutos com os profissionais que fazem do sorriso e do bem-servir a sua filosofia de vida.

No dia seguinte, após visitar a Casa Perseverança, no Jardim Anáia Franco, eu e a família nos dirigimos ao Paraíso – o bairro. Nós ficamos ao lado da tia Maria, que reside em famoso logradouro, e a seguir eu fui caminhar de mãos dadas com a minha eterna namorada na mais paulista das avenidas da capital.

Se na véspera eu percorri ruas que exalavam ares do comércio, agora eu estava diante de prédios, pessoas e símbolos que traduziam história e, principalmente, rica cultura. O olhar foi muito diferente das ocasiões anteriores em que percorri a Paulista – sempre envolvido emocionalmente com compromissos profissionais.

Nós conhecemos a Casa das Rosas, onde pudemos nos sentar em cadeiras confortáveis na sacada do prédio, e observamos gigantesca gravura em cores vibrantes com o rosto do arquiteto Oscar Niemeyer. Mas o destaque ficou por conta da mostra sobre o cantor e compositor Elomar Figueira Mello (1937).

Atendido pelo monitor-jornalista Leandro, eu utilizei um fone de ouvido para escutar mensagem de Elomar acerca de precioso bem: “O tempo dos homens, o cronológico, é medido de segundo em segundo; o Tempo de Deus é contado de eternidade em eternidade”.

Nesse dia, de fato, o tempo transcorreu de forma diferente. O almoço, às 16h, destoou da rotina que me absorve sem oferecer justa contrapartida. Naquele domingo na Paulista - sem lenço, com documento, mas sem celular – eu não quis ver ou sentir o tempo passar. E o cantor anônimo, com voz idêntica à de Caetano Veloso, ofereceu o toque do mestre Cartola para aquele doce fim de tarde: “Bate outra vez, com esperanças o meu coração... As rosas não falam, simplesmente exalam o perfume que roubam de ti.”

UMA QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA

Ainda jovem, o conferencista gaúcho Eduardo Tevah, em conversa com seu pai, afirmou que estava descontente com os resultados colhidos nas palestras que vinha assistindo. – Pai, parece que eu já sei tudo o que o expositor transmite. Somente uma informação ou outra é novidade para mim. A resposta foi: “Isso é sinal de que você sabe muito, filho amado, mas não sabe tudo. Abra os ouvidos da mente e do coração, e aprenda tudo o que puder”. Grande valor nós encontramos no conselho desse homem. A cada dia em que nós vivemos, estamos aprendendo algo com alguém. A verdade não poderia ser outra.

O empresário e palestrante Marcelo Dória desenvolveu o tema “Supere a crise com excelência e criatividade no atendimento ao cliente”, no Dia do Comerciante (16/07), na ACE-Guarulhos. Ele esbanjou simpatia, e fez comentários sobre a total inutilidade de nós reclamarmos do governo, dos colaboradores, dos tributos e dos clientes.

Após mais de uma hora, agregando informações de imenso valor - inclusive contando como foi o início de sua trajetória profissional, repleta de desafios -, Marcelo agradeceu a todos pela atenção e já estava prestes a despedir-se de seu público, quando uma moça na plateia pediu para fazer mais uma pergunta: “Quando foi que você começou a acreditar que a sua experiência poderia ser útil a outros empresários?”

A resposta surpreendeu todos os presentes, e quem sabe ao próprio palestrante... “Nós devemos ser inteligentes o suficiente, a fim de entendermos que sempre teremos muito a aprender”. Marcelo emocionou-se após pronunciar essas palavras. Valeu a palestra! Muito obrigado à moça que o indagou. A audição ativa

deve ser praticada por todos nós, durante todo o tempo. Falar bem é relativamente fácil; ouvir com eficácia, porém, é muito difícil. Escutar atentamente a mensagem, portanto, é o caminho para a nossa evolução nos diversos campos da vida.

CÉREBRO, OFF; CORAÇÃO, ON.

Existem momentos na vida nos quais todos nós gostaríamos que o mundo parasse um pouco de girar em seu acelerado ritmo, e nos desse a chance para a reflexão. Há poucos dias, eu pedi licença de minhas atividades profissionais rotineiras, desliguei o cérebro e ativei plenamente o lado esquerdo do peito.

É evidente que não consegui deixar de pensar, até porque a atividade cerebral é inerente a nossa condição de seres animados. Mas consegui enxergar um mundo mais pacífico, a partir de meus sentimentos mais nobres – genuinamente extraídos do coração.

Para começar, a caminho da cidade de Lambari (MG), observei que a mesma água utilizada na pia do banheiro de um restaurante era canalizada para o mictório coletivo. “Que boa ideia”, pensei. Em tempos de crise hídrica, toda e qualquer colaboração para utilizar a água com parcimônia será sempre bem-vinda.

Durante a primeira madrugada de folga, acordei por volta da 01h30 e não consegui conciliar o sono por cerca de duas horas. Foi o tempo de ligar a TV, o que raramente faço, e assistir a interessante documentário a respeito do maestro Jorge Antunes (1942). No comício das Diretas Já, em 1984 no Distrito Federal, ele regeu um buzinaço de carros, demonstrando toda a sua criatividade, além de histórica dose de irreverência e coragem explícitas.

Os dias que se seguiram na cidade foram de calma e harmonia ao lado dos meus entes queridos. A família é o maior patrimônio que Deus nos confia a guarda e, ao mesmo tempo, representa a melhor oportunidade de crescimento espiritual que nós podemos encontrar nesta rápida passagem pelo mundo físico.

Os pais, os irmãos, o cônjuge e os filhos representam verdadeiro tesouro no caminho da Iluminação Plena. Não é possível ser feliz sem dar o devido valor a quem precisa de nossa atenção e do nosso carinho. Os pensamentos, as palavras e as ações devem acompanhar a nossa conduta diária. Essa postura aquece o coração de quem ama e, ainda mais, daquele que é amado.

JÁ DIZIA A MINHA AVÓ

“Quando for fazer uma prova na escola, filho, ou passar por uma entrevista de emprego, chupe antes uma bala para se acalmar”, dizia Brasília Monta Raposo, minha avó materna, nascida na Terra em 1899; e no Céu, 75 anos depois. Faz muitos anos que eu não fico nervoso, vovó, mas jamais me esqueci do seu sábio conselho.

Brasília tinha vasto repertório de frases feitas. Uma delas é-me útil todos os dias: “Melhor prevenir do que remediar”. Quanta riqueza nessas palavras; quantos erros eu poderia ter evitado se tivesse praticado esse ensinamento. Eu sei que a frase não era dela, mas foram seus lábios que primeiro a pronunciaram para mim. Onze anos era a minha idade, quando vovó viajou para o mundo espiritual.

Ela também me orientava a olhar para os dois lados antes de atravessar a rua. Na época, ainda não havia os drones. Olhar para cima, portanto, era desnecessário. Mas, o que tenho notado é que

os pedestres não têm respeitado essa simples orientação no dia a dia. Do ponto de vista de quem guia o veículo, fica a impressão de que as pessoas tomam a decisão de atravessar a rua, fora da faixa de segurança, e seguem em frente sem hesitações – muitas vezes, olhando tão-somente para a tela do celular.

Por essa e por outras imprudências é que nós observamos diariamente muitos brasileiros retornarem mais cedo para a Casa, desperdiçando a grande oportunidade de evolução que a vida neste plano nos oferece. Na série, Kung Fu, exibida pela TV entre 1972 e 1975, e estrelada por David Carradine, foi dito que “ninguém morre pela prudência”.

Nas estradas paulistas, boa parte dos atropelamentos ocorre próximo às passarelas. O que justifica tanta pressa? “Mais vale perder um minuto na vida, do que a vida em um minuto”. No tempo da minha avó Brasília, esse provérbio já era uma verdade inquestionável. E continua sendo... ‘Quando um não quer, dois não brigam’; ‘onde há fumaça, há fogo’; ‘mais vale o gosto do que dinheiro no bolso’.

MAKTUB: ‘ASSIM ESTAVA ESCRITO’

Nos anos de 1993 e 1994, o escritor Paulo Coelho publicou em vários jornais do país uma breve e inspiradora coluna diária, cujo título era Maktub (carta, em árabe). Tempos depois, o autor lançou coletânea desses textos, com a informação de que o significado amplo da palavra era “assim estava escrito”, imprimindo certa resignação aos aspectos da vida que independem de nossa vontade.

Certa vez, a coluna trouxe esta comovente história: “O homem chegou em casa, após mais um dia de trabalho, e encontrou o ambiente estranhamente escuro. Ao iluminar a sala, foi surpreendido com vozes, em uníssono, que anunciavam a

‘surpresa!’. Era o aniversário dele. Após a música tradicional que se seguiu, um amigo pediu ao homem para que este discursasse. – ‘Estou velho’, disse; – ‘E mais sábio. Durante toda a sua vida, nós o vimos rezar. O que pedia a Deus?’, indagou outro...

... O homem respondeu: ‘No início da vida, jovem e ousado, eu pedia a Deus para que me ajudasse a mudar o mundo; mais tarde, já casado, rogava ao Criador para que eu encontrasse forças para mudar a minha família. Hoje mais consciente de minhas limitações, eu rezo para que o Pai me conceda a graça de melhorar a mim mesmo’.

Esse é o enredo da peça atualmente interpretada por nós no teatro da vida. Quantas ilusões no sentido de melhorar o mundo dos outros, as pessoas próximas ou não, a política econômica e as relações externas do país... A mudança efetiva e genuína só pode começar e avançar dentro de cada um; em nossos pensamentos, nas palavras pronunciadas ou escritas e nas atitudes que enobrecem ou empobrecem a condição de filho de Deus. Eis aqui uma excelente e justíssima razão para viver: tornar melhor o mundo e as pessoas que nele vivem, desde que seja a partir da vitória nas lutas diárias sobre as nossas próprias fraquezas tão humanas. Essa é, antes de tudo, uma decisão que pode transformar o ato impossível em fato concreto. Tudo depende, porém, da real utilização do livre-arbítrio – com gratidão e extremo bom senso. Ralph Waldo Emerson (1803-1882), filósofo norte-americano, afirmou: “Cultivar a força de vontade é o objetivo de nossa existência. O momento e a oportunidade esperam de braços abertos os que possuem uma firme determinação”. Assim estava escrito!

OS RETRATOS DO BRASIL DE JULIA

Aos dez dias do mês de setembro de mil e novecentos e trinta e quatro nasceu no bairro paulistano da Casa Verde a menina Julia Aparecida Raposo, terceira criança – primeira menina - no lar de João e Brasília. Quando chegou ao mundo, Getúlio Dornelles era o presidente da República desde 1930.

Ainda muito jovem, aos 16 anos, Julia casou-se com Oswaldo, agregando aos seus o nome Silva. Era o dia 19 de maio de 1951, e Getúlio estava de volta para seu segundo mandato. Quando a Petrobras foi fundada, em 03 de outubro de 1953, o amor já havia frutificado duas vezes: Conceição e Regina já integravam a família. No ano em que Vargas ‘saiu da vida para entrar para a história’, chegava ao mundo a menina Vera Lúcia.

A quarta filha, Rosania, nasceu no ano em que assumiu o presidente Juscelino Kubitschek, com o lema “50 anos em cinco”. A caçula Cleide nasceu, e JK estava construindo Brasília. Quando Julia e ‘Wadinho’ comemoravam os 10 anos de casados, Jânio Quadros presidiu o Brasil por menos de sete meses, mergulhando o país em uma dura crise que culminou com o golpe militar de 1964. Geisel presidia o país, em 1977, e a família recebia de presente a menina Priscila – a primeira neta de Julia e Oswaldo. Quando Tancredo Neves foi eleito presidente da República, no Colégio Eleitoral em 1984, já eram oito os netos. No impeachment de Fernando Collor, em 1992, todos os nove membros da terceira geração já haviam nascido.

No Brasil de Lula, muitas pessoas ‘ampliaram seus horizontes’. Naquele momento histórico, em 2006, Anna Lia, a primeira bisneta, enriquecia com o seu nascimento o lar dos Raposo Costa e Silva. Hoje, são três os representantes dessa nova geração – e mais cinco, se considerados os felizes agregados. Nos oitenta anos

de Julia, o mundo iniciou e superou a II Grande Guerra, os brasileiros enfrentaram crises de todas as ordens; e progrediu, sempre, depois que as superou. Toda essa rica história é contada por intermédio de fotos, fartamente expostas no Lar de Julia. Os retratos presidenciais na parede vêm e vão, mas as famílias deste país permanecem em franca evolução. Vida longa a minha tia Julia! Serenidade e Sabedoria aos brasileiros de boa vontade.

Quem é José Augusto Pinheiro?

O jornalista, escritor, radialista, mestre de cerimônias, celebrante de casamento e palestrante José Augusto Pinheiro é formado em Ciências Jurídicas e Sociais pelas Faculdades Integradas de Guarulhos (1986); e pós-graduado em Marketing e Propaganda, pela Universidade São Judas Tadeu (2007).

Desde 1984, ele é mestre de cerimônias em eventos sociais e corporativos para os três setores da economia. Em 2009, ministrou aulas de Teoria da Comunicação para futuros comunicadores no Senac-Santana. Em 2010, foi docente para estudantes de Jornalismo na Faculdade Torricelli. José Augusto é ainda companheiro do Rotary Club de Guarulhos – Vila Galvão, estudante Rosacruz e adepto da filosofia Seicho-no-ie e dos ensinamentos da Igreja Messiânica Mundial do Brasil.

Durante 18 anos (1977-1995) foi funcionário concursado do Banco do Brasil S.A., onde ingressou como menor aprendiz e encerrou carreira como gerente de atendimentos especiais. Nessa empresa, José Augusto aprimorou os seus conhecimentos sobre o tema “Relações Interpessoais”.

Como âncora do rádio jornal RBN Notícias, da Rádio Boa Nova 1450 AM (Grande São Paulo) desde 2007, foi o mediador de dois debates a prefeito de Guarulhos, SP, em outubro de 2008. Em março de

2017, foi ao ar o último programa; foram mais de 2.600 edições diárias. Em maio deste ano, José Augusto aceitou convite para ingressar no serviço público municipal. Inicialmente, ele foi atuar na área de Comunicação; na sequência, foi para o Cerimonial da Prefeitura.

É membro efetivo da Academia Guarulhense de Letras – AGL, onde ocupa há 14 anos a cadeira número 21. É autor do livro de crônicas positivistas “Novo Amanhecer” (2003) e da obra histórica “Jubileu de Ouro da ACE Guarulhos” (2013). Nasceu no ano de 1963, em modesta casa do bairro de Vila Galvão, Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. É casado desde 2000 com Rosana, com quem tem um filho: Matheus Francisco (2003). Com muito orgulho e eterna gratidão, o escritor é filho de Paulo (1928-2008) e de Anna Pinheiro (1937).



“CRÔNICA” (1)

NÃO DAR SETA TAMBÉM É SINAL

Logo adiante, no alto de um pequeno aclive, Pécias parou seu veículo, devido à interseção sem sinalização. Embora se encontrasse à direita do automóvel que seguia na transversal, a via em que estava Pécias era de menos movimento. De forma que ele ponderou aguardar a passagem do outro.

E este, muito lentamente, foi se aproximando do cruzamento. Como não sinalizava, deu a entender que continuaria seu curso, reto, mantendo-se na mesma via. Por isso, Pécias, mesmo com pressa, não avançou; aguardou sua passagem. Também porque seu carro era velho, com manutenção desatualizada, não favorecendo as arrancadas precisas e seguras.

No entanto, quando o carro chegou na interseção, de repente, se lançou para a via onde estava Pécias, em vez de seguir direto. Este se enfureceu, pois se soubesse que aquele veículo fosse entrar à direita, já teria avançado há muito tempo e não esperado em vão.

Devido à indignação de Pécias pela barbearagem do outro, por não ter acionado a seta, deu uma longa buzina em protesto. Não xingou, não gesticulou e nem falou qualquer palavra ao imprudente condutor. Ocorreu, porém, que mesmo assim este, numa manobra imprevista, colocou seu carro no mesmo sentido do de Pécias e iniciou uma perseguição.

“Era só o que faltava!”, pensou Pécias. “Além de me atrasar com sua trapalhada, ainda quer confusão.”

Pécias não tinha interesse em conflito. Sabia que isto retardaria mais seu compromisso e que poderia, igualmente, trazer outras possíveis consequências negativas, para todos os envolvidos. Então, rumou direto para a delegacia mais próxima. Só que, pela potência do outro veículo, o perseguidor chegava cada vez mais perto. Já ameaçava dar uma fechada para bloquear o carro de Pécias.

Por sorte, uma viatura da Polícia Civil estava no caminho. Assim que Pécias parou, o outro condutor, sem perceber a presença policial, tomou a frente na rua, impedindo a passagem. De imediato, Pécias se comunicou com os policiais sobre o que estava acontecendo e o motivo. Antes da ação dos agentes, o perturbado condutor se deu conta da situação. Com medo de ser pego, arrancou seu carro dali, sem dar tempo para que a placa fosse anotada.

Sabe-se lá o que teria havido se a polícia não estivesse naquele local e hora.

No cotidiano do trânsito pode-se constatar que o cidadão que conduz seu veículo desrespeitando a lei e o direito dos demais usuários das vias é o mesmo que normalmente não reconhece seu erro, e parte para o confronto, quando contrariado.

Tanto, que se pode mesmo fazer esta pergunta:

— Por que alguém que negligencia a condução de seu veículo seria ponderado repentinamente, diante de uma reprimenda vinda de outro condutor? “Improvável”, é a resposta mais adequada, pelo que se confirma na prática. É plausível que se portaria diferente caso o outro demonstrasse mais força ou poder, pela ameaça que lhe inculcaria.

Logo, a percepção de que outros não dão seta e infringem quaisquer regras na direção de um veículo é também um sinal de que o certo a fazer no trânsito é manter bastante a atenção. E ter, permanentemente, tolerância para com todos e seguir seu caminho com tranquilidade e paz.

Porém, frente a tantos erros que colocam todos em perigo, nas vias desse país, convém comunicar-se com uma autoridade. Dependendo da circunstância, pode ser um agente de trânsito ou um policial mais próximo. E, conforme o caso, tratar com os representantes públicos eleitos, para que aprimorem as leis, a educação e a fiscalização. Até que um dia, efetivamente, se melhore a convivência e o ambiente.

“POEMA”

NOSSA ACADEMIA

Na cidade de onde venho
há uma certa entidade
que faz da literatura,
fausta oportunidade.

Por aquilo que exalta
nas escolas, nas ribaltas,
no incentivo da leitura,
do saber com alegria,
seja noite, seja dia
promovendo a cultura.

A cultura que constrói
identidade da gente,
que contribui à nação
para união consistente.
Que respeita a memória,
com relato da história
que nos trouxe até cá.
Mas também que motiva
termos todos iniciativa
para o mundo melhorar.

Melhorar onde precisa
e expandir o que é bom,
no fomento de pesquisa,
na evocação de dons.
que valorizam livros,
que divulgam bons motivos
para a coletividade
buscar conhecimento

e alçar seu pensamento
pra fazer prosperidade.

Prosperidade sequente
do labor de escritores
solidários, dedicados
e capazes formadores.
Esta certa entidade
que há na minha cidade,
tal promissora gazeta
que divulga e alumia,
é a nobre Academia
Guarulhense de Letras.

“FRASES”⁽²⁾

Um prato que contém alimentos de cores variadas contribui
para que a saúde não venha ter a cor cinza.

A felicidade está onde se agradece e se reconhece as graças e
bênçãos recebidas. Em cada momento de paz, em cada
oportunidade de realização e em cada ação que promove esses
agradecimentos e reconhecimentos.

Quando se realiza um bom trabalho sobre um trabalho bom,
a eficiência e a eficácia dão-se as mãos.

A maior falta que um governo pode cometer é a de não promover, com o máximo empenho, a educação de seu povo, com vistas à criação da competência e, principalmente, da consciência para a cidadania.

Ao Deus da palavra, ao Deus da frase, ao Deus da ideia e do livro, permita-me a oportunidade de escrever e dizer aquilo que seja útil e que agregue à vida.

1. JERÔNIMO, J.R. Peri & Pécias no Trânsito - Crônicas, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição.

2. As Mil Frases de J.R. Jerônimo, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.

LINEUROQUEACEIRO



“A NOBREZA DA COMUNICAÇÃO”

Certamente os amigos acadêmicos já observaram a disseminação de celulares, tablets, smartphones. Não falta exposição para tal, até exibicionismo desses meios atuais de comunicação. Mas o importante é que, há uma necessidade essencial: “a de comunicar-se”.

A comunicação é uma condição humana indispensável para a convivência pacífica numa sociedade organizada. Sem ela não haverá laços verdadeiramente humanos porque fomos feitos para o profundo relacionamento de uns para com os outros. Não somos ilhas isoladas nem estrelas distantes, impossíveis de se alcançar. É preciso pontes, não muros!

O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação rompeu todas as barreiras ou limites entre as pessoas. Todas se comunicam entre si. Usam a Internet: Sites, Blogs, Facebook, E-mails, aparelhos celulares. Há em toda essa inovadora realidade um lado positivo e um negativo. Positivo porque posso rapidamente me comunicar com alguém independente do lugar ou distância. Negativo porque também me empobrece na comunicação. Precisamos do olho no olho, do aperto de mão, um abraço, terno e carinhoso.

Não podemos esquecer que comunicação é também presença. Nada mesmo vai substituir a minha presença junto da pessoa com quem me comunico. O olhar pungente, o aperto de mão, os gestos, o abraço, as sinceridades das palavras nunca poderão ser substituídas, por melhor que seja o meio da comunicação. Ali está a pessoa que fala, que escuta também, que olha, que gesticula e está presente. É diferente, é pessoal, ausência de impessoal.

Essa riquíssima experiência humana não pode ficar perdida. É preciso voltar para o encontro pessoal com aquele que consideramos, que gostamos, que amamos, e seja qual for a situação existencial: saúde, tristeza, alegria, morte... eu estou aqui! Será que a desenfreada busca, muitas vezes, das novidades tecnológicas não é sinal de que está nos faltando o essencial? O calor, a expressão, a delicadeza do gesto suave e sincero, a presença, o olhar cativante – manifestações que nenhuma máquina substitui, por melhor que seja. É, portanto inevitável, redescobrir, a comunicação da presença, do amor enfim.

Sem amor, sem contato, sem comunicação, somos pássaros com asas quebradas...

“ UM OLHAR “

Ódio e Vingança entre duas famílias, poderosas famílias do vasto sertão baiano – Gonzaga Rocha e Suçuarana.

Crimes, desavenças, perseguições, invejas, mortes. Por fim, digna de castigo Albertina atrás das grades. É bonita a narrativa, a exposição é clara, precisa, sábia, cuja leitura tanto agrada, nos envolve aguçando a curiosidade e o mais vivo interesse. Li, reli e relei-o novamente.

Bate uma saudade dolorida dos tempos de Castro Alves, dos teatros lotados, dos seus versos, das amantes e de seu esplendoroso sertão nordestino. Da paixão avassaladora de Pórcia por Leolino.

São amores condenados...

Amores de sangue,

Tão bem narrados pelo confrade Natalino...

Lineu Roque Aceiro.

5/04/2016.

“ESTADISTA NOTÁVEL”

Pedro II perde o trono aos 64 anos, desgastado pela moléstia, cansado de intrigas políticas, isolado dos homens que começaram com ele. Depois o imperador não alimentava rodas de amigos, cortesãos que o pavoneassem, que se valessem de sua amizade para favores políticos.

Amizade e política eram duas coisas que o monarca isolava muito. Quem freqüentava o paço não tinha vez nas hordas políticas.

Só! Foi assim que se viu o monarca na hora do exílio. Subiu a bordo assistido por poucos. Lamentaria depois o sofrimento de embarcar de madrugada, como um negro fujão, sem conforto, com o perigo iminente de cair no mar profundo. Mas foi, sem reclamar. Ia embora porque o Brasil não lhe queria mais. Nasci aqui, sou brasileiro, eu amo esta terra.

Meu Deus! Que fiz eu para esta gente! Não poderia mais ser professor, como sempre quis. A imperatriz não queria o exílio. Preferia ficar em Petrópolis, ela e o marido, já habituados à paisagem serrana.

Mas o governo ingrato foi intransigente. Precisavam embarcar e rápido, para evitar manifestações maiores. O casal de velhos, a princesa – que trocara sua coroa por uma rosa de ouro, os netos, seguiram todos para a Europa – sem felicidade nenhuma.

Pedro II aborrecido filosofava: era sua liberdade, sua aposentadoria. Um dia haveriam de se lembrar de mim!!!

E um repórter o aborda:

- Vai publicar um manifesto?
- Para quê! O manifesto é a minha pessoa enquanto viva...

“ PEDRO II E A INSTRUÇÃO “

Terminada a campanha contra o Paraguai, que custara ao Imperador, vinte anos de vida, obrigaram os seus admiradores uma merecida subscrição nacional, para erigir-lhe uma estátua.

Ao ter notícia da idéia, Sua Majestade dirigiu uma carta aos promotores do movimento, pedindo-lhes, ou mesmo aconselhando-os para que aplicassem o produto da subscrição na instalação de escolas para o povo. E, assim dizia ao primeiro signatário:

- “Os senhores e seus predecessores sabem como sempre tenho falado no sentido de cuidarmos seriamente da educação pública nos mais distantes lugares.

Agradecendo a idéia que tiveram da “estátua”, estou certo de que não serei forçado a recusá-la”.

E.T. “Pobre República Brasileira”...

MÁRIO YOSHINAGA



ASPECTOS DO URBANISMO

PEDESTRES

Os pedestres devem ser vistos como a parte mais importante das cidades. Cidades sem pessoas são corpos sem alma. Nas cidades, os pedestres estão em locais públicos e particulares, e podem estar em movimento ou em repouso. Podem estar correndo, andando e pulando com desenvoltura, mas podem estar se locomovendo com dificuldade, em muletas, cadeira de rodas, ou simplesmente por obesidade ou pela idade avançada. Parece óbvio, mas o urbanista que projeta os espaços públicos pode ter entendimentos estereotipados de pedestres como multidões caminhando, e pensando em aplicar fórmulas de vazão para a eficiência de uso desses espaços.

Os pedestres estão sujeitos a conflitos e acomodações com outros elementos da cidade. Por isso é importante conhecer e considerar alguns dados na hora de pensar e projetar esses espaços. Por exemplo, a proximidade do pedestre com outros elementos urbanos. No caso de veículos, considerando em termos de velocidade, os 5km/h dos pedestres, comparado com os 50km/h dos veículos no meio urbano, dá uma proporção de 10 vezes. No que se refere ao peso, os 60kg do pedestre, comparado com os

1.200kg de um carro, dá uma proporção de 20 vezes. E no que tange ao volume, os 0,2m³ do pedestre comparado com os 9,0 m³ de um carro, daria uma proporção de 45 vezes. Como lidar com essas proporções? Como lidar com proporções maiores, se comparados pedestres e ônibus ou bondes?

Se uma pessoa de pequena estatura, com 1,50m de altura e seus 50kg se sente ameaçada pela proximidade de outra pessoa com mais de 1,80m e 100kg, ou se sente incomodada quando sua fala é em torno de 30 decibéis e a outra pessoa fala alto nos 50 decibéis, num ambiente de pedestres, como adaptar-se e sentir-se bem em ambientes com máquinas barulhentas, desproporcionalmente mais volumosas e mais velozes?

No livro de Edward T. Hall, *Dimensão Oculta*, fala-se sobre a emoção em relação a proximidade das pessoas em diferentes culturas quanto ao sentir-se bem, constatando variações dessas distâncias em relação a pessoas amigas e a desconhecidas. Contudo, a relação entre as pessoas e os elementos urbanos, fixos e móveis, ainda parece estar no campo intuitivo dos projetistas. O estudo mais próximo dessa questão está nos parâmetros estabelecidos para a mobilidade e acessibilidade urbana, onde rampas, espaços para cadeirantes e outras situações de dificuldade de circulação foram exaustivamente estudados, e em alguns países, como no Brasil, regulados por Lei.

O espaço público precisa ser pensado no projeto de forma diferente do espaço arquitetônico, e alguns arquitetos têm experiências decepcionantes nesse sentido, pois o uso do espaço público está sujeito a uma diversidade de situações que fogem ao controle de quem os projeta. Diferentemente do espaço arquitetônico, onde o projetista pode determinar por onde entrar e circular, e por onde olhar o espaço exterior por meio das janelas

por ele fixadas, o espaço público, no caso de uma praça, por exemplo, as pessoas podem não circular pelos caminhos traçados e nem sentar nos bancos projetados. Sobre bancos externos, Christopher Alexander, apresenta seu item 241 em seu livro *Linguagem de Padrões*, concluindo : “ a escolha de bons pontos para a distribuição dos bancos externos é muito mais importante do que a construção de bancos requintados. Na verdade, se o lugar for bom, até o tipo de assento mais simples fica perfeito”. Elas podem caminhar pelo gramado, para encurtar seu trajeto, e pode sentar-se em muretas mais convidativas para observar a passagem de outras pessoas, ou para formar um ponto de conversação.

A circulação de pedestres pode e deve ser feita de forma agradável, segura e confortável. Agradável, pois é possível fazer longas caminhadas quando existem pontos de interesse para se observar, como mais pessoas e vitrines, em calçadas com largas, adensamento de usuários e acabamentos apropriados. Deve ter segurança pessoal e física, sem ameaças de marginais e desconhecidos. Ainda, no livro *Linguagem de Padrões*, de Christopher Alexander, ele recomenda que pequenas praças não devam exceder a 20 metros de diâmetro, pois alega que é a distância que um rosto pode ser reconhecido, e um lugar fica parecendo desértico quando ultrapassa a densidade de 30m² por pessoa e que 12 pessoas dão animação a uma praça com diâmetro de 18 metros. Ainda, nessa distância é possível reconhecer a fala das pessoas e eventualmente sair em retirada caso se veja ameaçada. As praças devem ter condições de pavimentação adequadas para os vários tipos de pedestres, e sem obstáculos à circulação como árvores, postes, equipamentos e mobiliários urbanos diversos. Jan Gehl em seu livro *Cidades para pessoas* apresenta diversas formas que melhoram as cidades para uso de

pedestres, focando na importância das fachadas interessantes e atraentes das ruas para que o caminhar seja incentivado. Sobre a necessidade de ter pessoas observando e sendo observadas, vendo e sendo vistas, Jane Jacobs em seu livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, mostra a importância do adensamento de pessoas circulando, morando, trabalhando ou recreando nas ruas. Aponta também que os pedestres são vistos como algo que atrapalha o fluxo dos carros, em especial nos pontos de conflitos das esquinas e travessias.

Circular nas cidades é um direito do cidadão, mas as vias urbanas conspiram contra esse direito. Embora os prédios tenham condições de acessibilidade, utilizando rampas com menos de 8% de declividade, as ruas apresentam inclinações que superam os 20%, portanto inviabilizando aos cadeirantes chegar a esses prédios adaptados para esse público com dificuldade de locomoção. Se as vias são projetadas com inclinações muito acima do ideal para a mobilidade urbana, o que dizer das calçadas? Essas faixas de circulação que ficam entre o pavimento para veículos, chamadas de faixa carroçável, e o limite das propriedades particulares, chamadas de alinhamento, são hoje um subproduto das vias públicas e, portanto, sujeitas a descontinuidades de tráfego e de acabamentos os mais diversos, completamente adversas ao uso de pedestres, e mais ainda para os cadeirantes. A manutenção das calçadas é outro problema mal resolvido pois a responsabilidade por sua manutenção fica na condição de jogo de empurra entre o dono da propriedade limdeira e a Prefeitura. Considerando-se o direito de ir e vir dos cidadãos, e considerando-se que mais de 30% das viagens urbanas são feitas a pé, as calçadas deveriam ser repensadas, priorizando-as em relação à pista de carros.

Ainda sobre o conforto, os pedestres precisam de mais largura nas calçadas, pois muitas áreas de pedestres foram invadidas por alargamentos de ruas para dar lugar a mais carros nas cidades. As cidades precisam voltar o foco nos pedestres, e dessa forma priorizar as áreas públicas para os pedestres. Diversas ruas podem ser convertidas em uso exclusivo para pedestres, eventualmente admitindo alguns estacionamentos especiais e paradas de tempo curto. Partes das cidades podem ter acesso restrito de veículos, como os velhos centros. Os estacionamentos em vias públicas, em locais adensados de pedestres devem ser transformados em calçadas, dessa forma alargando as calçadas em pelo menos 2 metros. A retirada de estacionamentos nas ruas melhorará o fluxo de veículos. Ao contrário do que afirmam alguns urbanistas, essas perdas de vagas não gerará problemas para os comerciantes, mas criará uma nova demanda para que estacionamentos privados se viabilizem na área afetada pela perda de vagas na rua.

Ainda sobre o conforto dos pedestres, as áreas de circulação, sejam calçadas ou ruas exclusivas de pedestres, devem propiciar a amenização quanto ao calor excessivo do sol do verão, assim como aos momentos de chuva. O livro *Arborização Urbana*, do Governo do Estado de SP, 2015, apresenta diversas situações de arborização em ruas, na visão do meio ambiente, de amenização das condições de temperatura e de despoluição do ar. O comércio depende dos pedestres. Nada mais conveniente que eles propiciem melhores condições de circulação de aos clientes potenciais, oferecendo-lhes proteção aos raios do sol e à água de chuva.

É preciso que sejam analisadas as distâncias e as proporções dos elementos urbanos, ao considerar as condições de convivência no espaço urbano, na busca por maior eficiência, conforto e segurança aos pedestres.

Separar veículos de pedestres tem sido uma proposta antiga e até recorrente. Contudo, essa regra não se mostrou eficiente para resolver os conflitos nas interfaces dos veículos com os pedestres. Pode-se observar que entre o pedestre e o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), a convivência é até certo ponto desejável, especialmente se existe uma proposta de viabilizar o VLT oferecendo-o como transporte alternativo para os usuários de transporte individual. Eles deixariam os carros estacionados na periferia da cidade e pelo VLT chegariam ao meio do centro, onde concomitantemente já estaria proibido ou restrito o acesso de carros particulares. Assim, nesse caso, quanto mais próximo o VLT permitir chegar ao centro da cidade, na sua zona de acesso exclusivo de pedestres, melhor funcionaria como atrativo de transporte, e nesse caso, o compartilhamento do espaço de pedestres com o bonde seria positivo. Mas, como evitar os acidentes de atropelamento de pedestres nessa condição conflituosa? Como alertar a aproximação do VLT para os pedestres? Vejamos como é possível resolver isso. No caso do Rio de Janeiro, o VLT recentemente inaugurado como parte de programa de revitalização da zona central do Rio de Janeiro, a aproximação do VLT é alertada com uma buzina de som parecido com a de sinos. Em alguns países, usa-se um meio de vibrar o piso com os trilhos na aproximação do bonde, além de algum som de alerta.

Pedestres lembra adensamento populacional, e trataremos disso a seguir.

DENSIDADE

O adensamento populacional, habitacional e de atividades tem grande influência, positivas e negativas nas cidades. Uma

delas é o transporte coletivo, onde o numero de passageiros por quilometro (IPK) é da maior importância no cálculo das tarifas, e, portanto a concentração de passageiros ao longo da sua rota de serviços é procurada para a busca da lucratividade.

O adensamento é também importante para os serviços de abastecimento de água, de energia, comunicação e de esgotos, onde a eficiência maior se situa numa concentração habitacional em torno de 600 habitantes / hectare. Densidade residencial é também importante quando alguns serviços e comércios da iniciativa privada, só se viabilizam com a capacidade de consumo do local ou quando precisam constituir uma força política em ações comunitárias para reivindicar equipamentos de saúde, educação, segurança, transportes, e de serviços públicos de manutenção. Observa-se que a combinação de baixa renda com baixa densidade é problemática para as cidades e de difícil solução.

A densidade populacional afeta a estruturação social, na medida em que um grupo pequeno que constitui uma vila, cidade pequena ou bairro as pessoas se relacionam por saberem a respeito uns dos outros. Em adensamentos maiores essa relação se torna cada vez mais impessoal e menos confiável, e sem controle social algumas pessoas se aproveitam do anonimato para certas atitudes que precisam ser ajustadas por meio de ações legais.

A poluição está diretamente ligada ao adensamento populacional. Enquanto nas pequenas vilas a energia pode vir da lenha colhida nas matas, a água de poços domiciliares escavados e o esgoto resolvido com lançamentos nos córregos e nas fossas negras, no meio urbano adensado a água e a energia só pode vir por fios ou tubulações de serviços concessionados e os esgotos coletados para uma rede pública. Na estrutura de baixa densidade

das vilas, o solo, os córregos e as matas conseguiram absorver as poluições, mas nas cidades elas devem ser tratadas artificialmente.

Adensar as cidades significa crescer em altura, e esse crescimento em chamados “solos criados” acontece atualmente em áreas particulares, com mais lajes para residências, escritórios e comércios, enquanto que nas áreas públicas as ruas, calçadas e praças, os “solos criados” não acontecem, gerando assim uma desproporção cada vez maior, resultando em congestionamentos nas áreas públicas, tanto para veículos como para pedestres. Esse lado negativo do adensamento pode ser corrigido nas diretrizes para uso e ocupação do solo, criando condições para que esse equilíbrio seja observado no projeto de cada empreendimento imobiliário a condição de dotar proporcionalmente áreas públicas (doadas ao município) por meio de novos alinhamentos de recuos ou de vias de passagem dentro das quadras ou de uso público, com praças internas as quadras ou de lajes de circulação. “Solos criados” podem ser feitos no subsolo, tanto sob o viário como no interior das quadras. Ruas subterrâneas podem resolver casos de vias públicas em local central de cidades onde a infraestrutura urbana precisa ser modernizada. As rampas de acesso a essas vias subterrâneas podem ser o complicômetro, mas ela possivelmente resolverá questões como a de preservação histórica ao retirar toda a parafernália moderna de asfalto, semáforos, sinalizações de trânsito, circulação de veículos de serviço em ruas exclusivas de pedestres, aumento da capacidade das redes de saneamento básico, de incêndio, energia e comunicação, colocando as tubulações e cabos em galerias de fácil acesso. Serviria também como locais para subestações de energia, com transformadores, locais para recolhimento de resíduos sólidos, caixas d’água para aproveitamento de água de chuva e de estação de tratamento de esgoto e reaproveitamento de água utilizada.

Algumas cidades, como Porto Alegre, RS, já elaboram Planos Diretores onde o planejamento da cidade é baseado na densidade, evitando-se assim que a infraestrutura seja refeita continuamente, e de certa forma mudando o paradigma de que a infraestrutura urbana caminha á reboque da urbanização, o que tem trazido efeitos danosos à qualidade urbana das cidades, além de contribuir para o encarecimento desses serviços públicos a população.

TRANSPORTE

Recentemente ouvimos do setor de energia do governo que todas as formas de energia devem ser exploradas adequadamente. O mesmo diria para que todos os meios de transporte fossem utilizados nas cidades, atendendo as demandas. Mais ainda, que os transportes fossem utilizado para induzir o crescimento urbano de acordo com os planos de uso e ocupação do solo.

A predominância do meio de transporte rodoviário nas nossas cidades deve-se menos a planejamento e mais aos interesses empresariais das companhias de ônibus, que tem grande influencia política na administração pública a ponto de boicotar outros meios de transporte coletivo como o bonde ou VLT, ou transporte sobre trilhos.

Embora evidente, o meio de transporte adequado para vencer grandes desníveis seja por cabos, elevadores e teleféricos, e o meio de transporte mais barato seja o fluvial, canais fluviais e rios, esses equipamentos são de raro uso nas cidades. Elevador público históricos lembra o elevador Lacerda em Salvador, Bahia, e o teleférico mais conhecido é o do bondinho do Pão de açúcar, na Urca, Rio de Janeiro. Tem também a cremalheira do bondinho “inclinado” de Santos, SP. Recentemente, temos os teleféricos do morro do Alemão, RJ e o de Aparecida do Norte, SP.

Utilizar os meios de transporte adequados a demanda e condições do local de acesso devem ser combinadas com a integração aos outros meios de transporte, de forma a possibilitar, não apenas ao transporte de pessoas de uma estação a outra, mas da totalidade do seu percurso urbano. Os conjuntos de meios de transporte deveriam oferecer ao cidadão a oportunidade de realizar as viagens urbanas com segurança, conforto, pontualidade e economia. Não cabe a um ou outro meio de transporte ser eficiente, seguro, pontual e confortável, mas a todos os meios que compõem cada viagem. Isso significa que ao descer de um ônibus o cidadão deve encontrar um abrigo de ônibus seguro, limpo, confortável e bonito com todas as informações que lhe possibilite migrar para outro meio de transporte até atingir o objetivo da sua viagem. Se tiver um trecho de caminhada, as calçadas deverão estar em perfeito estado de conservação, bem iluminada a noite, com declividade adequada, material antiderrapante, preferencialmente sombreada em dias de sol e protegida da chuva. Provavelmente as pessoas utilizando as calçadas deveriam estar protegidas por monitoramento presencial ou remoto de vigilância da cidade.

Deve-se considerar a possibilidade de estruturar os meios de transporte também pelo valor agregado dos itens transportados. Por exemplo, o transporte de itens de baixo valor agregado, como os resíduos sólido, ou material de construção a granel como areia ou pedra, poderia ser feito por meio do transporte fluvial. Caso a cidade não disponha de rios adequados e desimpedidos de pontes, baixos calados, curvas, entre outros, pode planejar a construção de canais fluviais que possibilitarão realizar o transporte barato de materiais de baixo custo. Aproveitar para que ao longo desses canais se localizem as usinas de processamento de lixo e de depósitos de material a granel para serem embalados e

transferidos para outros meios de transporte. Os canais fluviais possibilitarão o transporte de pessoas a baixo custo e de grande capacidade, que pode ser considerado no planejamento da mobilidade urbana. Apenas a substituição de centenas de caminhões de lixo movidos a diesel já traria uma redução da poluição do ar na cidade, além de reduzir os custos de transporte desse material.

A tendência neste século será o oferecimento de transporte individual em veículos menores e movidos a eletricidade ou de andadores elétricos, neste caso, sujeito as intempéries, mas possivelmente admitido para circular em vias exclusivas de pedestres.

Há um grande entusiasmo pelo aumento de bicicletas nas cidades. Na Dinamarca e na Holanda as bicicletas são meio de transporte com grande numero de usuários, a ponto de haver sinalizações nas ciclovias proibindo excesso de velocidade, entre outras regulações. As ciclovias precisam de continuidade de qualidade de pista, o que não acontece nas de São Paulo, muitas delas sem condições seguras de trafego.

Os diversos meios de transporte precisam compartilhar o mesmo espaço público, ou as vias publicas da cidade, e assim disputam uma mesma área, significando que a criação de uma é a redução de outra. Vias exclusivas de bicicletas invadem vias exclusivas de pedestres, como acontece em alguns trechos de calçadas, na periferia de São Paulo. Fica a questão: vias exclusivas não geram subutilização das já reduzidas área publica?

Na Inglaterra estão substituindo os semáforos por meios de livre transito, contando com a educação de cada condutor ou cidadão. As velocidades reduzidas servem para que os cruzamentos tenham a priorização estabelecida pelas pessoas

utilizando seu bom senso e honestidade. A vez de cada um em atravessar um cruzamento, onde interagem carros, caminhões, ônibus, motos, bicicletas e pedestres é decidida pela ordem de chegada, pela fragilidade ou tamanho de cada um, entre outras condições. Essa ausência de sinalização parece ter reduzido os acidentes, e entende-se que isso se deve a ausência de “direitos” concedidos pelos semáforos, ora para uma direção, ora para outra, e nesse direito os condutores acelerarem seus veículos sem considerar os demais usuários. Sem os semáforos, cada um passou a assumir a responsabilidade de seus atos de condução, ficou mais atento e os acidentes reduziram.

O interessante é que para chegar a essa etapa de ausência de semáforos, os ingleses passaram por outra experiência “sem semáforos” que são as novas rotatórias. Nessas, os veículos ficam sujeitos a decisão de seus condutores, e não de máquinas, pois a entrada na rotatória depende de respeitar a passagem dos veículos que já estejam nela. A decisão de seguir para a direita, esquerda e em frente depende de escolher a faixa adequada de entrada na rotatória, portanto, também da decisão do condutor. Muitas rotatórias estão combinadas com ciclovias e nos cruzamentos elas são priorizadas, assim como as faixas de pedestres. Esse aprendizado de convivência deve ter ajudado a passar para essa fase sem rotatória e sem semáforos.

INFRAESTRUTURA URBANA

Como já foi comentado anteriormente neste texto, a infraestrutura urbana tem sido implantada à reboque da urbanização. Essa condição tem muitas desvantagens, tanto para a cidade, mas principalmente para os habitantes, que acabam assumindo os custos de manutenção, além de ligações

clandestinas. As perdas na distribuição de água chegam a 40% quando a média em países mais desenvolvidos chegam a menos de 10%. Os roubos de ligações clandestinas assumem custos também consideráveis ao somar com os das equipes que trabalham para fazer as religações, especialmente nos bairros da periferia das cidades.

O abastecimento de água é tão descontínuo em todo o País que se tornou comum as casas serem projetadas com a caixa d'água residencial para armazenar a água a ser utilizada nos casos de interrupção de fornecimento. A caixa d'água precisa ser limpa a cada 6 meses, e a cada limpeza acarreta despesas e perdas de água que é assumido pelo consumidor. A grande maioria dos Arquitetos não tem essa consciência e continuam aceitando as caixas d'água como um elemento comum nas casas e prédios. Apenas um arquiteto, Vilanova Artigas, que projetou o conjunto residencial Cecap, colocou a caixa d'água única do conjunto residencial sob a responsabilidade da concessionária, e dessa forma livrou os prédios de ter sua reservação particular. E fez correto, pois agora a limpeza da água fica por conta da concessionária, e a qualidade da água chega às torneiras, o ponto de consumo em vez de na bóia da caixa d'água, o ponto de reservação.

A energia elétrica deveria ter seu fornecimento mais contínuo, mas sofre frequentes interrupções a cada chuva ou tempestade por culpa de árvores que caem sobre os fios. Refletindo sobre isso, acreditamos que a culpa dessas interrupções seja da opção de distribuição elétrica ser feita por postes e fios aéreos. Se a opção fosse feita por instalações subterrâneas provavelmente não haveria árvores como culpadas pelas interrupções. Ainda, por serem instalações aéreas são também passíveis de terem roubos de fios e de ligações clandestinas, cujos custos de manutenção

são provavelmente transferidos para as contas domiciliares. Nos anos 70 o governo federal havia proposto que qualquer consumidor poderia comprar energia da fornecedora que quisesse, tornando-o um “consumidor livre”, mas por estranho, esse programa desapareceu e hoje, apenas as grandes consumidoras são autorizadas a comprar energia em leilão, portanto do fornecedor mais barato.

As redes de infraestrutura urbana são as que mais depreciam os asfaltos das cidades por conta de inúmeras ligações e religações que são feitas a cada modificação solicitada pelos consumidores. São tantas quebras de pavimento em todas as cidades que as prefeituras já pavimentam com asfalto mais precário sabendo dessas obras, mas por outro lado, a concessionária se desobriga a refazer o asfalto de qualidade porque o pavimento encontrado já é do padrão de má qualidade. Assim, a cidade é obrigada a conviver com uma pavimentação cheia de remendos e esburacadas em sua totalidade, para desconforto dos usuários de transporte rodoviário em geral, carros, caminhões e ônibus.

Uma das soluções para melhorar a qualidade dos pavimentos é equipar as ruas com galerias técnicas, onde as instalações subterrâneas ficam concentradas e ordenadas, e a cada modificação das instalações não haveria a necessidade de fazer as quebras de pavimentos. Contudo, há uma resistência contra as galerias pois as concessionárias teriam que pagar pelo uso desse espaço de ordenação das instalações no subsolo, e da maneira que hoje funciona, ela não tem que pagar pelo uso do subsolo uma vez que pertence a União e não ao município.

Galerias técnicas e suas subterrâneas são necessárias para disciplinar o uso do subsolo e preservar a superfície e o uso das ruas.

Uma forma também inovadora para o uso do subsolo das vias pública é o adotado em Barcelona, onde na via pública passam apenas as redes arteriais de infraestrutura urbana, e que raramente sofreriam modificações. Essas redes arteriais se ligam a salas técnicas onde estão os medidores de energia, água e comunicação, e as saídas de esgoto. A partir dessa sala técnica são distribuídos para os pontos de consumo nos prédios, conjunto de prédios ou conjunto de casas, para as ligações domiciliares. A concessionária não atende a domicílio, mas a um conjunto de consumidores, que podem se organizar em condomínios. Dependendo do consumo, os condomínios podem reunir prédios ou vários prédios em várias quadras, dessa forma a concessionária estaria atendendo no atacado.

Uma vantagem desse sistema é que o consumo por atacado irá demonstrar as vantagens de adotar medidas de economia, agora em valores significativos, por um lado, e por outro viabilizando que instalações de alto custo possam ser custeadas pelo condomínio. Não raramente surgem soluções utilizando células fotovoltaicas para geração de energia elétrica, painéis solares para aquecimento de água, que a partir de uma central fornece água quente em rede, assim como água gelada, com significativas economias para os usuários, que individualmente não pensariam em tais aquisições.

Os condomínios podem investir em estações de tratamento de água de chuva, tratamento de esgotos, água por poço artesiano, uso da energia solar, entre outras decisões coletivas, incentivadas pelo êxito das economias de água e de energia, evoluindo para o aproveitamento de resíduos sólidos e produção de itens de consumo local, como hortaliças e flores.

Quanto ao sistema viário, que faz parte importante da infraestrutura urbana, é importante que seja implantado um sistema viário estrutural, e que seja também um sistema estrutural para as principais redes, tipo adutoras de água, dutos de combustíveis e de energia. Preferencialmente essas estruturais viárias seriam aéreas, dando oportunidade para que sejam também estruturas que utilizarão a energia solar e a captação de água de chuva, reservando-as em altura para consumo por gravidade. Essa estrutura viária seria prevista para utilização rodoviária e ferroviária, com declividades de curvaturas adequadas para ambos. Seria conectada a estacionamentos e depósitos de distribuição, dessa forma possibilitando que pessoas e materiais tenham continuidade de transporte, sendo que as pessoas iriam para vias de pedestres ou outros meios de transporte, como metro, taxi, bicicleta e veículos de aluguel, e os materiais levados para veículos de menor porte ou para consumo atacadista e varejista.

Essa vias seriam adequadas para acessar diretamente grandes centros de atividades, como sedes de governos, hospitais, universidades, escritórios e centros de eventos diversos, reduzindo assim o tráfego de carros pela cidade.

Além das vias estruturais as rodovias de acesso as cidades de grande porte deveriam ter grandes centros periféricos onde concentrariam os subcentros das cidades e grandes estacionamentos onde os usuários de transporte individual passariam para os VLT, levando-os ao centro das cidades, em meio aos pedestres e suas vias exclusivas. Essa é uma forma de indução de desenvolvimento urbano feita pelas vias e meios de transporte.

Finalizando, as concessões de serviços de infraestrutura urbana precisam ser urgentemente revistas, uma vez que o custo das ineficiências parece que estão sendo repassadas aos consumidores, pois apesar das despesas com as perdas com ligações clandestinas, roubos e desperdícios, as empresas concessionadas apresentam lucros em seus balanços financeiros. Uma maneira de disciplinar as redes seria a adoção do modelo de Barcelona, de ter somente redes arteriais nas vias públicas, e as de distribuição domiciliar dentro das quadras. Outro aspecto que as Agências reguladoras e o setor financeiro do governo precisa rever é quanto aos impostos que incidem nessas contas e que onera a população de menor renda.

Mário Yoshinaga, PhD, Arq.Urb.

MARLENE A. TORRIGO



CRÔNICAS

UM CERTO REVEILLON E O HOMEM DA PRAIA

Em certo reveillon passado no litoral paulista, eu observava os grupos de amigos e familiares chegando à praia. E eis a esperada contagem regressiva. Virada!!! Queima de fogos e todos começaram a se abraçar felizes, desejando-se Próspero Ano Novo – cada tribo na sua, fechada, isolada, seletiva.

E eis que de repente surgiu um senhor – parecia um pescador por sua pele amorenada de sol, de bermuda e camiseta branca, desgastadas, porém limpas, cabelos voejando no rosto, barbeado - alegre e feliz, estendendo a mão à revelia por entre as tribos, desejando-lhes um bom ano, sem distinção. Algumas pessoas se afastaram dele, outras se esquivaram de oferecer-lhe a mão, outras lhe deram as costas, outras faziam sinais do cara ser louco, outras retribuía o cumprimento, surpresas e divertidas com o desconhecido. E o homem seguiu felicitando a todos. Próximo a mim havia um casal e a mulher disse ao seu acompanhante, “Devia ser assim, né bem?”. O homem consentiu com a cabeça e ficou calado, pensativo, apoiando-se na ponta dos pés para olhar o homem comunicativo, que se perdia na multidão.

Devia ser assim... Mas não é, porque todos temem a todos. Andamos cismados, comedidos, desconfiados. Grassa assustadoramente a simbiose da maldade no mundo. O que podemos fazer para melhorar as relações humanas? Estudiosos, esgotadas as fórmulas mágicas de fé, dizem-nos que gentileza, educação e generosidade nos há de fazer melhores. Certamente, mas, como impedir que a maldade que nos cerca, nos domina e nos limita, não nos faça perder a fé e a essência de tudo aquilo que faz de nós seres humanos?

Tudo aquilo que faz de nós seres humanos... Tudo se resume numa única palavra, AMOR. Foi com o amor verdadeiro que Jesus Cristo sonhou unir todos os homens, todos os povos da terra. Jesus, que grande sonhador!

Retornando ao homem da praia, pareceu-me aquele momento ser ele o único que compreendia o significado do amor pregado por Jesus. Sempre que o recordo, imagino-o vestido com uma longa túnica branca, descalço, cabelos compridos, barba por fazer, caminhando alegre, felicitando a todos os seus irmãos, desejando-lhes um Novo Ano de paz, saúde e felicidade.

Destarte, minha gente bonita, desejo a todos um Próspero Ano Novo! Desejo de coração que os desejos de todos se realizem como sonhados. PAZ e BEM!

BALADA DA VIDA

Ao descortinarmos as nuances dos amanheceres podemos sentir os rios da vida percorrendo as fibras do nosso ser. Os ventos da manhã nos saúdam entusiastas e o êxtase da esperança nos abraça com força. Como é bom insuflar os amanheceres! Como é bom viver! A sensação de alegria que ora ou outra nos acomete é

um bálsamo aos nossos sofreres, agindo como escape às amarguras canalizadas nos labirintos d'alma.

Rodopiam os ventos ao labor dos balés sazonais! As forças da natureza nos revelam que apesar das tormentas a nós impingidas pelo destino, sempre novos sonhos e novas esperanças far-nos-ão seguir adiante. Sim, e eis lá horizonte! Eis lá o reconhecimento do nosso trabalho, da nossa luta, da nossa afoiteza de viver!

Usufruímos em era hodierna de inacreditáveis maravilhas tecnológicas porque em outras eras, homens extraordinários as vislumbraram e deram o sangue por elas. Sabiam eles que não desfrutariam do que ora desfrutamos, mas sabiam que os seus digníssimos sucessores viveriam num mundo fantástico. E vivemos mesmo!

Um dia também seremos ancestralidade e vivamos de forma tal a deixarmos como herança aos nossos sucessores um legado de honra. Destarte nos fortalecemos mais e mais, posto que viver seja sublime benção. Sofremos dores muitas, é bem verdade, e daí? Somos agraciados com dias que reforçam a nossa proeza de viver, a nossa beleza de ser, não somos? Tudo morre, mas tudo nasce; choramos, mas também sorrimos; perdemos, mas também ganhamos. Viver é sentir todas as emoções, viver é ter fé, viver é abençoar a vida, viver é dar bom dia ao dia todos os dias.

Viver! Como é bom viver essa vida cheia de cores, de cheiros, de sabores, de amores, de ardores, de valores! Sim, muitos dos nossos sonhos jamais se realizarão, e daí? Somos detentores da felicidade, mas sabemos que surgem aqueles dias em que tudo desmorona. Conhece-se então a dor inaudita, a dor excruciante, conhece-se o sofrimento que parece não ter fim. Sim, a vida é

maravilhosa, mas temos de ser açoitados por dias tormentórios para que possamos nos fazer melhores.

Ninguém pode denominar-se o mais feliz dos mortais, haja sabermos que as alegrias da vida colidem com as tristezas da morte, amalgamando a nossa dor. E uma tristeza inaudita nos assola ao sabermos que de milhares de crianças e jovens lhos é tirado o direito de perpetuarem-se. Entretanto, acenam-nos novas gerações. Bebês “fofésimos” vingarão e conseguirão atingir a longevidade para acalentar nos braços os filhos dos filhos dos seus filhos.

Somos meio intransigentes, meio birrentos, meio intolerantes, somos sim! E somos brandura, amor, fraternidade, somos sim! Então, reverenciemos a nossa vida, reverenciemos a nossa bravura de viver. Contemplemos o céu estrelado e não desistamos da sensação inebriante de um coração que nos bate afoito no peito. Tum tum tum... inspira- expira... A balada da vida é deveras linda e emocionante. Ouçamo-la na tepidez das noites serenas, enquanto o silêncio dorme placidamente no aguardo dos sóis dos nossos amanheceres.

CÂNCERES: E OUTRAS PATOLOGIAS

Segundo dados da Saúde, o câncer de mama aumentou 160% em números de casos, sendo que até adolescentes tem apresentado diagnósticos positivos para esse flagelo mundial.

Um número alarmante de pacientes em todo o mundo tem recebido diagnósticos de câncer mamário, de próstata e de pele, além de outros tipos de cânceres, sendo os citados os mais insidiosos. É assustador. E nos dias de hoje podemos encontrar mulheres com mais de sessenta anos que nunca realizaram uma mamografia e até mesmo um Papanicolau para detecção de câncer

uterino. Exames íntimos, masculinos e femininos, devem fazer parte dos cuidados de saúde. Vergonha pode converter-se em atestado de óbito.

Os pacientes desabam quando recebem diagnóstico positivo de câncer. É doloroso assistir o sofrimento causado por esse diagnóstico devastador. Por mais que saibamos que algum mal possa nos surpreender na trajetória da nossa vida, quando isso acontece de verdade, sentimo-nos inconformados e fragilizados.

Atualmente há cânceres tratáveis, mas a quimioterapia é impiedosa. Diz-se que a Ciência deve um tratamento mais humano para os doentes. E deve mesmo!

Se o mundo moderno trouxe as revoluções industrial e tecnológica, também trouxe consigo uma série de fatores que adoecem o homem. Alimentos e água tratados sabe-se lá com o quê, drogas lícitas e ilícitas, compulsões, estresse, tecnologia, sedentarismo, poluição, tudo tem contribuído para o nosso mal estar. Outras doenças como o infarto, o Acidente Vascular Cerebral, diabetes, hipertensão, depressão, gastrite, úlcera, e mais doenças continuam afligindo (fazendo a felicidade da indústria farmacêutica, claro). Vírus e bactérias tornam-se cada vez mais resistentes aos medicamentos e vacinas, constituindo-se um pesadelo para a humanidade.

As patologias não selecionam pessoas. As estatísticas para usufruirmos bem-estar são sombrias. Ponderemos sobre a necessidade de volvermos à vida simples, sem o desespero da corrida consumista. Adquirir hábitos salutares é o primeiro passo para o nosso bem estar.

_Nos dias de hoje quem possui a sua própria horta?

Que carma! Quanto mais evolução mais doenças. Temos de frear essa bobagem de dispensar tantas horas à parafernália eletrônica; temos de frear nossa entrega fatal às compulsões; temos de frear tanta ansiedade, ambição e fome de ego. Não desprezemos a felicidade e a chance de deixarmos uma herança benéfica aos nossos sucessores.

OS MILAGRES DA TECNOLOGIA

Recentemente assisti a vídeos emocionantes mostrando crianças e adultos surdos ouvindo pela primeira vez. As cenas são comoventes. Em um vídeo um bebê sorri feliz ao ser apresentado ao mundo dos sons. Em outro vídeo uma moça jubila quando ouve o som de notas musicais pela primeira vez. Isso se tornou possível graças aos milagres tecnológicos. Houvesse Beethoven sido favorecido pelo ápice da era hodierna, ter-se-ia maravilhado com suas fantásticas composições.

A tecnologia tem ousado. Próteses para membros inferiores e superiores tornam-se mais adaptáveis e flexíveis. O exoesqueleto realiza o sonho de tetraplégicos se moverem. Os microprocessadores parecem alienação de ficção científica. A viagem de um e-mail assombraria Morse, o inventor do telégrafo.

A revolução técnico-científica, surgida após a revolução industrial, abisma-nos. Todas as áreas trouxeram novidades surpreendentes. Uma das áreas mais favorecidas é a da medicina, ressaltando os incríveis aparelhos de imagem para detecção de doenças e procedimentos intervencionistas que beneficiam todos os seres vivos.

As descobertas em relação ao Universo desafiam o nosso imaginário. Pensar que a Ciência calcula que existem 200 bilhões

de galáxias, sendo uma delas a nossa a Via Láctea com suas 100 bilhões de estrelas e que uma delas é o nosso Sol... Como foi possível chegar a dados tão surpreendentes? Tecnologia, que originou a criação dos ultratelescópios espaciais.

Uma invenção levando a outra. Sequências de erros nos trouxeram à incrível era tecnológica. Os acertos são resultado de muita paciência e persistência. E tudo começou com o fogo, a primeira fonte de energia descoberta. A descoberta do fogo pelos primatas é elo que nos liga à tecnologia. Viajando pelo tempo, dos primatas até hoje, o Homo sapiens deu um salto gigantesco.

Entretanto, como tudo na vida tem prós e contras, a tecnologia tem duas faces, a do bem e a do mal. O mesmo fogo, cuja descoberta serviu para cozer os alimentos e aquecer do frio, originou artefatos bélicos com grande poder de destruição. Lembremos sempre que a fórmula $E=mc^2$ de Albert Einstein deu origem à bomba atômica e o 14 BIS de Santos Dumont levou aos bombardeiros aéreos.

Há mais de vinte anos uma psicanalista disse-me que a melhor área de escolha para estudantes seria a de doenças psíquicas, posto entender que vícios digitais agravariam as desordens cerebrais. Ela estava certa. Reparem que o celular está construindo um mundo de cegos, surdos e mudos à realidade. Pessoas orgulham-se de não possuir vícios lícitos e/ou ilícitos, com um celular colado firmemente na mão que não descola nem mesmo durante as santas ceias. Considere-se naturalidade o bicho homem confundir todas as coisas.

Na internet, o milagre global da tecnologia, rivalizamos com hackers, pornografia, plágios, seguindo um turbilhão de ofensas em sites sociais. E como crianças e adolescentes tem acesso fácil à imoralidade virtual! São vítimas frequentes de pedófilos virtuais.

Jogos eletrônicos carregam em perfis serial-killers. Se desenhos animados nasceram com uma boa pitada de socos, tiros, assédio moral, os de hoje são pura carnificina. E a tecnologia, por mais evolutiva que nos pareça, não consegue inventar um dispositivo que impeça a entrada de imoralidade virtual na internet e celulares.

Não, não desanimemos por causa de indivíduos medonhos! Pensemos que pais e educadores sejam capazes de monitorar e educar a ninhada infanto-juvenil sobre os efeitos tóxicos da parafernália eletrônica, ensinando-lhes que vícios digitais são prejudiciais à vida. Pensemos que por mais que indivíduos execráveis desejem o colapso do planeta, desejem o extermínio da fauna e flora, podemos sim, sonhar com um mundo cada vez melhor, com homens enobrecidos pelos milagres oriundos da sabedoria suprema.

Já imaginaram a cura definitiva dos cânceres letais, as curas definitivas dos males de Alzheimer e Parkinson, as curas definitivas da AIDS, das psicoses e outras doenças graves? Já imaginaram a cura de uma doença hereditária antes mesmo da concepção de um ser? E todos esses benesses serem possíveis graças ao avanço técnico-científico? Que maravilha!

Ainda bem que cientistas íntegros estudam exaustivamente e avançam cada vez mais na salvaguarda da Mãe Natureza, ainda bem!

AS EMOÇÕES DE UMA VIAGEM

Existem fascinantes lugares no mundo que vale a pena visitar, não importa se em alta ou baixa temporada. Também não importa se a viagem for de 300 km, de 3000 km, o dobro disso ou mais. Não importa se no destino escolhido tem pouca ou muita gente, se for

na praia, na roça, nas montanhas, num vilarejo perdido no fim do mundo, até mesmo se esconder numa caverna, posando de ermitão excêntrico, não importa. Importa o sentido de aventura.

Viajar! Conhecer outros ares, outras culturas, descontraí-se, fugir um pouco do lugar comum, esquecer as tensões e frustrações do dia a dia, descansar do trabalho árduo, divertir-se, realizar sonhos.

Além de alargar os nossos horizontes, viajar faz bem pra saúde do corpo, mente e espírito. Viajar em comemoração a uma data festiva, aniversário, casamento, comemorar a vinda de um bebê, homenagear uma pessoa querida que partiu para sempre. Viajar para alargar os nossos horizontes, aproveitar a vida, enriquecer-lhe o sentido. Que bom!

Uma viagem nos faz sentir saudade de casa, das nossas coisas, dos nossos entes queridos. Retornamos cansados, mas cheios de histórias novas para contar, de fotos para recordar, de sonhos mais para sonhar.

Que prazer enorme quando, esgotados da viagem de retorno, deitamos na nossa cama cheirosa, gostosa, confortável. Como é bom abraçá-la, transmitir-lhe a saudade que sentimos. E cerramos os olhos, já tramando no subconsciente a próxima viagem, sabe-se lá para onde e quando.

Somos corpo, mente, espírito e emoções muitas. À vezes tristeza, às vezes alegria. Às vezes ira, às vezes fleuma. Às vezes sombra, às vezes sol. Diz-se que viver não é brincadeira. Não é mesmo! Contudo, viver tem muitos bons momentos, mágicos, prazerosos. E um deles é viajar para qualquer canto do mundo, seja de ônibus, de carro, de trem, de navio, de avião, de qualquer coisa que nos leve além da fadiga de uma rotina maçante.

Um pouco de aventura só há de nos fazer bem. A rotina adocece.

Há quem diga que viajar é bom para quem tem dinheiro. Se assim for, pense-se então em “viajar” de outras formas. Que tal então um passeio com a família regado a piquenique num parque arborizado? Que tal assistir uma peça de teatro gratuita ou um show musical ao ar livre? Que tal um bate-volta à praia, ao campo, àquela cidadezinha próxima? Ou, que tal acampar nas imediações de uma cachoeira paradisíaca?

Qualquer entretenimento nos livra do enfado do cotidiano.

POESIAS

CANÇÃO DO POETA

(letra de música MPB)

Sou filho da noite

Sou filho do dia

Abomino o açoite

Eu amo a vida

Sou filho do sol

Sou filho da lua

Eu lanço o anzol

Eu canto na rua

Sou filho do pai

Sou filho da mãe

Na dor digo ai

Ajoelho quando o sol se põe

Sou filho de Deus

Flutuo ao vento

Em todos caminhos meus

Semeio alimento

Se vida é viver sofrido

Se vida é coração aflito

Se vida é infelicidade

Se vida é sentir saudade

Vida também é jardim florido

Vida também é rosto sorrindo

Vida também é felicidade

Vida também é eternidade

Me descubro tão rei... que reino
Me descubro tão terra... que tremo
Me descubro tão vida... que deliro
Me descubro tão luz... que brilho

O Nirvana está aqui
Em mim, em ti
O Nirvana somos nós
Ao sol
(letra de música MPB)

TUM TUM TUM...

Tum tum tum...
Imóvel
Prestai atenção
Tum tum tum...
Isto é vida
É coração batendo no peito
Tum tum tum...
Cadência
Magia
Surrealismo

Sangue passeando nas veias
Tum tum tum...
Vide que esplendor
Energia vital
Em direção às células
Tum tum tum...
Fechai os olhos
Mãos às têmporas
Bailai
Lento
Bem lento
Leveza
Transcendência
Tum tum tum...
Isso
Assim
Isso mesmo
Tum tum tum
Lento
Bem lento
Quase a levitar
Assim
Ouça o coração

Tum tum tum...

A primeira nota musical

Sinta

Sinta bem

A indolência dos sentidos

Veias

Nervos

Artérias

Vida

Tum tum tum

Muito bem, meu querido primata

Saborejastes do mar o sal

O abrasivo que aquece

O vento que umedece

Observai

Tum tum tum...

Assim mesmo

Descobrimo-se

Evoluindo

Ascendendo

Tum tum tum...

Na rota para o futuro

Rasgando os véus do tempo

Para o futuro do meu hoje

Assim... vindo

Isso...

Tum tum tum...

E viva a música!

E viva a dança!

E viva o poema da vida!

LIRA DOS 60 ANOS

Numa casinha bem lembro,

Havia uma criança, um encanto;

Toda vez que a relembro

Só falto lhe por quebranto.

Tinha a cor cravo e canela,

Lindos cabelos cacheados

E o que mais me causava inveja

Eram seus olhinhos amendoados.

No rosto - tinha um sorriso.

No coração - quanta alegria!

Nos olhos - brilhava o brilho.

Nos sonhos - a poesia.

Corria como gazela
 Co'as borboletas e pirilampos,
 Roubava flores singelas
 Dos quintais da vizinhança.

Vergões e raladuras
 Ilustravam muitos tombos;
 Moleca - vivia à turras.
 Sapeca - traia a esperança.

Banguela, muito sorria,
 Dando doidas cambalhotas.
 Caros brinquedos não tinha,
 Mas como pulava corda!

E brincava de amarelinha,
 E pulava numa perna só,
 E contava estrelinhas,
 E bang bang, caubói!

Lembro até de uma vez
 Que ela, toda linda, toda prosa,
 Recitou um lindo versinho e fez
 Bonito, em uma festa na escola.

Sua mãe a chamava cabrochinha,
 Seus irmãos e irmãs ela adorava.
 Sim, lembro que ela tinha,
 Uma áurea encantada.

Parecia até que ela
 Jamais conheceria o amargor
 E que no destino dela
 Não havia a cor da dor.

Ai... veja só, meu Pai do Céu,
 Eu cá fazendo 200 anos,
 Sentindo inveja-fél
 Que me alçou
 À aurora daquele arteiro anjo.

Perdoa, moreninha minha,
Tanta inveja esquisita;
Foi o crepusculejar das velinhas
Quem descortinou
A minha infância querida.

Por que, ó Deus, entender busco,
Não me deixaste lá?
Era tão bom, não havia luto...
Só lalá lalá!...

NA CALIDEZ DO TEU ABRAÇO

Querido amor meu...
Era outono... esparecendo na praia,
assistia eu o pôr-do-sol matizando as ondas do mar,
quando notei ao longe alguém vindo em minha direção.
Reconhecendo-te, petrifiquei, tartamudeei,
e só cri ser você ao me vir refletida nos olhos teus,
descobrimo sonho não ser ao me sentir mergulhada
na calidez do teu abraço, surpreendida
pela magia das tuas doces palavras.
Pelos deuses!... esperei-te tanto tanto,
e ali nós dois e a eternidade...

rompendo barreiras, medos, maldições.
Eternidade, ó indômita eternidade!
Que torna os sonhos possíveis, que atíça os sentidos,
que mata saudade bandida!
Mas, de repente, uma gélida lufada de vento, assim sibilou:
“Sai desse transe, poeta, que deveras não estais,
não ainda, nos braços do teu amor!”
Não ria ao ler essas linhas, não foi engraçado,
porque uma dor em mim doía, e era
no meu obstinado coração.
Destarte, furiosa por retornar à realidade
com os gracejos do vento, descalcei as sandálias
e segui beira ao mar, chutando água para todos os lados...
na tristeza, na saudade, na loucura da tua lembrança...
essa lembrança teimosa, caprichosa, embaraçosa...
e tão maravilhosa.

CONTOS

LENDAS DA VIDA

São duas mulheres. Ambas nasceram em 1925, nascidas bisnetas de escravos africanos, netas de avós nascidos forros__com a promulgação da Lei do Ventre Livre, sancionada pela Princesa Isabel, em 1871__, as duas são Tereza com zê de zabumba, as

duas são viúvas, as duas moram sozinhas na mesma cidade litorânea e bairros vizinhos, e as coincidências param aqui.

Uma se chama Tereza Santos e a outra Teresa Venturini. Os sobrenomes são fictícios, a fim de preservar as senhorinhas, posto que este conto baseia-se em fatos reais. Vamos a ele.

I - ENTÃO ELA CHORA...

Tereza Santos é uma senhorinha de ar austero. Negra como o ébano, percebe-se nela belos traços africanos e que deveras foi uma moça muito bonita. Embora sofra de algumas doenças próprias da velhice ela tem um porte ereto e elegante. Parece uma daquelas bás austeras que vemos em novelas ou filmes dos tempos da escravidão. É educada, recatada, não dada a dar confiança para qualquer pessoa, selecionando muito bem as pessoas que podem entrar na sua casa, podendo-se contá-las nos dedos. É difícil, mas uma vez ganhas suas simpatia e confiança é-se convidado a entrar, provar do cafezinho e ouvir a história da sua vida. Espirituosa, mais lúcida do que muitas mulheres com metade da sua idade, ela conta causos com graça e desenvoltura, mesmo tendo sobrevivido a duas tragédias.

Tereza teve dois filhos. A sua filha caçula morreu queimada aos treze anos, quando, brincava de casinha com as amigas e atearam fogo na casa. Anos depois o seu filho bateu o carro e morreu, devido lesões múltiplas.

Tereza casou-se mocinha e quando perdeu os filhos ela ainda se encontrava em idade fértil, mas seu marido não mais quis saber de gerar filhos, profetizando que se os tivessem, perdê-los-iam também para a morte trágica. O casal sobreviveu à dor agônica de ter-lhe sido negado à ventura de perpetuar-se nos netos. O marido de Tereza, homem antes alegre e feliz, rendeu-se ao silêncio

após a morte dos filhos. Brigou feio com Deus e com Ele não mais fez as pazes. Morreu velho, triste, amargurado e muito sofrido pela tragédia da perda dos filhos. E Tereza ficou só. Não tão só, posto que tivesse muitos sobrinhos. Eles, tão logo Tereza enviuvou, começaram a surrupiar-lhe as duas pensões. Uma deixada pelo seu marido e a dela própria, por anos trabalhados. Um dia Tereza encheu-se de todos, alugou uma casa na praia e desde então mora sozinha, preenchendo os seus dias e noites com lembranças das nuanças sazonais, especialmente lembranças dos seus filhos quando pequenos correndo pela casa, enchendo-lhe a vida de alegria.

Quando ela discorre sobre esse tempo, seu olhar perde-se nas veleidades de um tempo que viaja mui longe, emoldurado nas singelas e nas tormentosas lembranças, enevoadas lembranças dos seus tristes pensamentos.

- Meu marido chegava do serviço e as crianças corriam para ele perguntando alvoroçadas: "Paizinho, trouxe doce hoje?" Era uma festa. Ele era um pai tão bom! Às vezes eu pergunto para Deus porque ele foi cruel comigo e meu marido. Eu tive que aceitar a morte dos meus filhos sem me deixassem netos. Eu fui obrigada a aceitar, fui obrigada a continuar vivendo apesar de ter morrido junto com eles. Eu... eu podia ter agora uma família grandiosa, mas... fiquei sozinha... muito sozinha. Os meus filhos morreram antes de mim porque Deus quis assim. Eu tive que aceitar isso... tive sim. Deus... Ele não me deu nenhuma outra saída... nenhuma.

Então ela chora... um choro sem lágrimas, num lamento de quem morreu muitas mortes.

Tereza Santos é uma mulher de personalidade forte, marcante. Embora tenha perdido os filhos de forma trágica, as pessoas não sentem exata pena dela, mas, isto sim, muito orgulho dessa mulher admirável.

II – ENTÃO ELA RI...

Tereza Venturini é uma octogenária. Ira-se se alguém ousa dizer que ela é negra. Desenha-se branca e fala orgulhosa do seu falecido marido branco. É uma senhorinha sem graça e pelos seus traços será possível perceber que a natureza não lhe foi muito generosa nos anos dourados.

Tereza não é uma senhorinha recatada. Algumas pessoas contam que Tereza foi dançarina dos antigos cabarés no pós Segunda Grande Guerra conseguindo casar com um dos seus muitos clientes, de quem herdou o sobrenome italiano. Ela diz alguma coisa a respeito, com um quê de lembrança de moça danada, sorriso libidinoso bailando no olhar. Nota-se que ela fica tentada a contar pormenores dos seus áureos tempos, mas retrocede. Diz que foi ótima dançarina de clubes e bailes familiares, mas pelo seu jeito irreverente de ser, deduzem ser bem verdadeiras histórias de que ela proporcionou muitas alegrias ao sexo oposto.

Ela recebe suas visitas, não seletivas, de maneira nada recatada. Se estiver de camisola transparente, assim as recebe, sem preocupar-se em vestir um peignoir que esconda o corpo pendendo às forças da gravidade. Quando dizem para que se vista decentemente, afirma que mora na praia, onde todos andam nus.

Então ela ri... um riso deformado, um riso de quem esconde uma dor desesperada.

A doce senhorinha elogia mais do que necessário seus amigos e amigas. Há quem interprete tanta melosidade de “você é lindo, você é linda”, mãos-bobas e olhares sugestivos, como cantada explícita e descarada. Tereza é dona de um linguajar vulgar, fala palavrões, sendo exacerbadamente mística. Fuma e endivida-se

sobremodo, e vive às voltas com rolos. Percebem-se nela vestígios claros de disfunção psíquica, que interpretam como safadeza.

Tereza tem um filho que mora em outra cidade. Tem quatro netos e seis bisnetos. A nora a odeia. E pasmem-se! Ela tem um namorado com metade da sua idade, em verdade um aproveitador que aparece apenas para surrupiar o seu quinhão das aposentadorias da amante idosa. Eis a explicação de Tereza viver metida em rolos. O sujeito é de engulhar as vísceras, menos as da sua “musa”, que o adora. O filho também se aproveita muito da mãe e também uma ou outra pessoa mal intencionada que sabem que ela ganha bem. Por ser quase surda e escutar sofrível mesmo com a ajuda de aparelho auditivo e pela ingenuidade da idade, a senhorinha é sempre roubada. Amiúde zeram-na, até o próximo pagamento.

Alguém poderá dizer que é impossível que exista uma senhorinha com o perfil de Tereza Venturini. Existe sim, e ei-la toda nessa narrativa fiel. Viva, ainda viva, por enquanto. Lenta, frágil, tomada de doenças da velhice agravadas pelo tabagismo, algumas pessoas conseguem sentir-lhe pena. Outras afirmam que os canalhas também envelhecem.

Duas Terezas, dois corações, dois destinos. Duas vidas distanciadas na mesma eternidade. Duas mulheres fascinantes que caminharam nas veleidades da vida por dimensões díspares. São lendas vivas. Não tarda transformar-se-ão em lendas mortas.

DOIS AMIGOS, SUAS ESPOSAS E SEUS FILHOS

Era uma vez dois amigos. Amigos no trabalho, amigos na pescaria, amigos no bate-bola, amigos nos banquetes de domingo. Mais do que amigos, eram irmãos de coração. Dois amigos, suas

esposas e seus filhos. Eles eram vizinhos de casas conjugadas. A alegria de um era a alegria do outro. Assim era também na dor. Mal, posto que num dia terrível um deles foi diagnosticado com câncer abdominal. Duas cirurgias depois, seu quadro sintomático era sombrio, literalmente desesperador.

Antes de morrer, o moribundo pediu a grande amigo que cuidasse da sua família nos primeiros tempos até que sua viúva desse um rumo certo à vida. E assim o amigo fiel agiu. Cuidou tão bem da recém-viúva que a tomou para si em menos de mês após a morte precoce do grande amigo, quase irmão. Pretendeu ter uma esposa e uma concubina, morando em casas conjuntas. Bernadete, a esposa traída, ébria de dor, vergonha e humilhação, optou pelo fim do casamento.

Essa história eu ouvi dela mesma, sete meses após a morte do marido da amiga. Bernadete era-me uma desconhecida, que atravessou o meu destino numa gélida manhã de inverno, quando nos dirigíamos à mesma clínica para consulta médica.

Sensibilizada com sua triste história, eu lhe disse que se podia dar o nome de tragédia o que acontecera a ela e filhos pré-adolescentes, e querendo ajudá-la a amenizar a sua grande dor, cometi um deslize ao dizer que teria sido uma tragédia ainda maior se os amigos fossem irmãos de verdade ou se traída e traidora fossem irmãs de verdade. Ela concordou e disse pensativa:

- É... - E desandou a chorar.

Então pude entender que num tempo não muito distante houvera sim, dois irmãos e duas irmãs de coração, no entanto a conduta deplorável de dois deles gerou muita dor e tristeza, desfazendo fortes laços de amizade.

Criei coragem e perguntei se havia possibilidade de os cônjuges traidores serem amantes desde antes da morte do marido da amiga, até mesmo antes de ele adoecer gravemente. Ela confirmou:

- Sim, eles me traíam desde antes do marido dela descobrir o câncer, mas eu nunca suspeitei de nada. Por isso o meu marido inventava almoços na casa dela todo fim de semana. Eu fui a última em saber da safadeza dos dois. Ainda bem que o marido dela morreu sem saber de nada. Ele era um homem muito bom.

Ainda bem, mas o estrago que os traidores provocaram nos seus filhos... Cinco ao todo, um menino e uma menina de Bernadete e três meninos da amiga traiçoeira.

Bernadete, visivelmente depressiva, se via ser uma boa mulher, uma mãe exemplar, que fora ótima esposa, mas que infelizmente, viu-se às voltas com o insonhável. Quando saímos da clínica, orientei-a para que buscasse ajuda psicológica. Ela concordou, e cabisbaixa, reclusa na gelidez da sua dor, seguiu seu caminho. Nunca mais a vi. Sempre penso naquela mulher triste, encolhida dentro de um pesado casaco.

Oxalá ela tenha conseguido aquecer a gelidez dos seus invernos, oxalá!

ROSE DAS ROSAS

Seu nome era Rose. Rose das Rosas, assim a chamavam. Rose, moça bonita, loira, lindos olhos verdes, cabelos dourados descendo-lhe até a cintura, trabalhava numa grande confecção de roupas masculinas e femininas. Carismática e educada ela era muito querida por todos da empresa.

Por sua beleza de feições europeias, Rose chamou a atenção de Pedro, filho do dono da confecção, que se apaixonou perdidamente pela bela moça. Que casal bonito formavam os jovens. Eram o príncipe e a princesa vivendo um amor de conto de fadas. Eles casaram e nasceu-lhes uma nenezinha linda. Mas, infelizmente, pelos vendavais atroztes que açoitam os destinos, o casal não foi feliz para sempre. Pedro, após o casamento, revelou-se homem não satisfeito com as mesmices matrimoniais. Começou a sair nas noites, voltando cada vez mais tarde. Amigos e farras, e Rose sempre em casa, vivendo o tormento de jovens mulheres casadas que se descobrem aprisionadas em jaulas transparentes, com todos assistindo a sua decadência de moça antes formosa.

Um dia, quando a filhinha do casal tinha pouco mais de dois anos, Rose, assim que viu o marido saindo para a vida noturna, como nos auríferos tempos de solteira se embonecou toda, escreveu um bilhete e saiu, deixando a filha aos cuidados de uma baby-sitter menor de idade.

O bilhete de Rose para Pedro, dizia mais ou menos assim: Se você pode me trair, também posso fazer o mesmo. Fui encontrar o meu amante.

Pedro chegou a casa quase pelo alvorecer e ao ler o bilhete, colérico, demoníaco, tomado de ódio visceral, sem querer raciocinar se Rose estaria apenas blefando por vingança da sua conduta lasciva, assim que a mulher retornou ao amanhecer não a deixou entrar. De posse do bilhete, naquele mesmo dia denunciou a mulher adúltera. A justiça tirou de Rose o pátrio poder sobre a filha. Não podendo rever mais a sua filhinha adorada e sem ter podido retirar da sua bela casa os seus pertences pessoais, Rose socorreu-se com a mãe viúva. As duas tentaram

reverter a decisão judicial, mas a sentença primeira fora dada e assim firmada. Tiraram mesmo da pequena Rose Maria, a filha do casal, o direito ao carinho aconchegante da sua mamãe e o de conhecer a sua família materna. Maiorzinha, quando ela perguntava da mãe, mentiam-lhe dizendo que sua mamãe morava no céu.

Quando Rose perdeu a guarda da filha, pôs-se a rodear a casa que antes fora sua. Sabia que sua filhinha estava lá e gradativamente morria de dor e desespero. O marido, rude e ignaro, entrou com outra ação na justiça ao descobrir que a mulher rondava a sua casa. Um juiz proibiu Rose de circular nas imediações da propriedade. Com o tempo a desafortunada mulher começou a beber. Um gole aqui, outra ali, e o vício a venceu. Rose das Rosas entregou-se à loucura. Siderada de saudade da filha, ela carregava sempre consigo uma foto da pequena e contava a todos o seu drama. Seu coração então se despedaçou quando soube que Pedro casara-se novamente mudando para local ignorado, levando Rose Maria.

Lúdico é o destino. Um dia, Rose Maria, então com vinte e quatro anos, tão formosa quanto à mãe, retornava da escola em que dava aula para crianças, quando uma mulher de feições sofridas a abordou na rua, dizendo: Eu me chamo Roselena, sou a sua avó materna e... Rose, a tua mãe, está morrendo.

Estarrecida com a longa história que ouviu da avó, Rose Maria a acompanhou até o hospital onde Rose das Rosas agonizava, vitimada por um câncer disseminado. Já entregue aos estertores da morte, Rose das Rosas conseguiu pronunciar ao ver a filha, minha rosinha linda, e se foi.

Rose Maria não chorou. A dor que sentia era tão tamanha que ela simplesmente não conseguiu chorar. Estava em choque.

Seu pai... seu pai... ele arrancara-a dos braços da sua mãezinha querida, fizera-a crer que ela morreria de complicações do parto, de eclampsia, fizera-a crer que sua mãe era filha única sem parentes vivos. O grande mentiroso! A sua família materna era numerosa. Seu pai casara-se com outra e ela tivera por mãe uma madrasta fria, distante, estéril. Vivera numa casa sem risos de crianças, sem companhia de animais porque sua madrasta os odiava. Rose Maria soube que nem fora verdade que sua mãe traíra seu pai. Desprezada pelo marido, Rose das Rosas escrevera o infeliz bilhete e passara a noite na casa de Roselena, pretendendo provocar ciúmes no homem que muito amava. Os seus tios - irmãos e irmãs da sua mãe, cinco ao todo contando com sua mãe - procuraram seu pai buscando fazê-lo entender que Rose das Rosas agira impulsivamente, mas ele sequer os recebera. Para ver-se livre da família da mulher migrou para outro estado, matando a todos de saudade da pequena Rose Maria.

Desde o momento que Rose Maria foi encontrada por sua família materna, ela não mais retornou a casa paterna, nem mesmo para pegar os seus pertences pessoais. Pedro nunca mais reviu a filha. Avó e neta desapareceram da sua presença.

Rose Maria está agora com quarenta anos. Tem quatro filhos homens, com idade entre cinco e doze anos, criados em meio a um clã numeroso. Enquanto isso Pedro, filho único de pais falecidos, velho, fragilizado e doente de saudade, vive na depressão dos dias de inverno sem fim, morrendo cada dia um pouco, da mesma forma que fez Rose das Rosas morrer a cada dia um pouco.

Rose das Rosas descansa para sempre. Pedro vive da certeza que jamais conhecerá os netos que sabe ter. Como ele sabe que tem quatro netos? Por Roselena, a mulher que tanto assistiu a filha sofrendo, chorando pelos cantos com saudade da sua

pequenina filha, ela que também tanto sofreu com ausência da pequena, assim como todos da sua família, dera o xeque-mate no homem há quem um dia jurou vingança, presenteando-o com uma foto dos netos de Rose das Rosas.

Roselena herdou dos seus pais um casarão frente ao mar. Da varanda, sentada na sua cadeira de balanço, ela contempla o mar. Serena, assiste os seus bisnetos brincando, construindo castelos de areia. Ela recorda a filha amada quando criança, na mesma praia, feliz da vida, construindo seu castelo. Um crápula destruiu o castelo da sua filha. Roselena destruiu o dele. A bisa sorri para as gaivotas fazendo balé sobre as ondas. Sorve profundo a brisa do mar. A sua Rose das Rosas fora vingada.

Nem toda vingança é amarga

Enquanto isso, num lugar distante, Pedro acaricia a foto dos netos e chora. Um pranto amargo, capaz de enternecer um coração de pedra. Seus pensamentos seguem para a lembrança de Rose das Rosas chorando copiosamente em público, pedindo, implorando, suplicando ajoelhada aos seus pés para que ele ignorasse a decisão judicial, deixando estreitar nos braços a sua Rose Maria. As lágrimas caindo em cascata no rosto dorido da mulher não o sensibilizaram. Impiedoso, cruel, bárbaro, ele riu o riso de quem jamais perdoa e a chutou, indo-se para sempre. Rose das Rosas ficou lá, caída, martirizada na calçada, semimorta, alma despedaçada, entregue à piedade dos passantes. Nada lhe restou aquém da loucura.

O remorso de Pedro sangrou-lhe no peito tarde demais.

DIOGUITO, o menino que não gostava de estudar

Era uma vez um menino que não gostava de estudar.

Seu nome era Dioguito.

Dioguito só gostava de brincar

Na escola tirava notas vermelhas enquanto as outras crianças tiravam boas notas.

Seus coleguinhas o chamavam de menino mais preguiçoso da escola, porque ele tinha preguiça de estudar.

Dioguito ficava envergonhado, mas o que ele gostava mesmo era de jogar bola, andar de bicicleta, jogar vídeo-game e assistir filmes de super-heróis na televisão.

Seu pai sempre o repreendia:

- Super-herói de verdade é o homem que aprendeu a ler e escrever e virou um moço trabalhador.

Sua mãe e sua professora não sabiam mais o que inventar para que ele criasse interesse pelas aulas e pelos deveres escolares.

Conselhos, agrados, nada faziam com que o menino arteiro pegasse livros e cadernos para estudar.

Um dia teve uma gincana de conhecimentos gerais na escola e todas as crianças que estudaram muito ganharam brindes pelo esforço.

Só Dioguito não ganhou nada porque passou longe dos livros, tirando notas baixíssimas.

Dessa vez ele ficou muito envergonhado. Revoltado decidiu se tornar o menino mais estudioso da escola.

Estudou bastante e passou a tirar B+ e A, recebendo parabéns de todos.

E não é que o menino que não gostava de estudar acabou se tornando um dos mais estudiosos da escola!

Dioguito ainda gosta de brincar bastante e assistir filmes, mas sempre deixa as brincadeiras para depois das tarefas escolares.

Parabéns, Dioguito!

MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA



AMIZADE INTERESSEIRA.

Sou amigo do poeta
Então, porque querer mais
Sou amigo do poeta
Que versos e rimas faz

Rimas sonantes, perfeitas,
Versos em fremidos ais...
Poeta que é tão sensível
Que retrata o amor, a vida
Que se faz compreensível
Quando a rima preferida
Nos toca de forma incrível
Tal qual dedo na ferida.

Sou amigo do poeta,
 Este gigante imortal
 Sou amigo do poeta
 Que de forma magistral
 Transforma a palavra bruta
 Em poesia angelical.

Fazer poesias ele anseia
 Sobre infindáveis temas
 Versos fluem em suas veias
 E sem o menor problema
 Vai compondo, a mancheia
 Sem jamais deixar a cena.

Sou amigo do poeta
 A quem chamo de irmão
 Sou amigo do poeta
 De alma e de coração
 Para mim serás perene
 Acima até da razão.

O homem...	Um herói.
O herói...	O ídolo.
O ídolo...	Uma estrela.
A Estrela...	Meu pai.
Meu pai...	Um santo homem.

MIGUEL ALVES DE OLIVEIRA, um autodidata iluminado, pai de família extremado, corajoso, forte e ao mesmo tempo sensível e apaziguador. Deixou-nos um legado próspero, benigno, confiável e respeitável, tanto que, provocou em mim o nefasto sentimento da inveja por tentar seguir os seus passos e não conseguir ser para os meus, a décima parte que ele foi para a sua prole.

“PAI, AMOR, PAZ E SAUDADE”.

Velho pai que foi tão cedo,
 para aqueles que têm medo,
 sem poder compreender,
 que partiste no teu tempo,
 Já cansado, mudo, lento,
 sem próximo alvorecer.

E, no dia da partida,
 determinada a subida,
 foi o maior escarcéu.
 Esposa e filhos chorando e
 ninguém se conformando
 porque partias pro céu.
 Pro céu sim, como foi dito.
 Pois, foi onde, eu acredito,
 fostes firmar a morada.
 Para acolher, um dia,
 a esposa, Estrela Guia,
 o séqüito, a filharada.

Partistes pro réquiem,
 fostes brilhar no além,
 brandir teu facho de luz.
 trazer lume para o mundo,
 porque és amor profundo,
 és paz, és louvor, és jus.

Sinto em mim tua presença,
 latente na consciência,
 tua grandiosidade.
 Me ilumino com teu brilho,
 orgulho de ser teu filho,
 da nossa grande amizade.

Fostes Fênix, águia forte,
 que superou tudo, a morte
 e das cinzas ressurgiu.
 És o nosso herói eterno
 exemplo de amor paterno,
 que com vigor construiu.

Feito uma velha galinha
 que jamais foge da rinha
 pra criar seus pintainhos,
 tinhas debaixo da asas,
 a mulher, os filhos, a casa
 protetor feroz do ninho.

Sempre fostes um patriarca
Porém, simples, não monarca
Elegante, fino trato
Tinhas a magia n'alma
Que a tudo contorna, acalma
Valente, inteligente, cordato.

Assim foi meu pai querido,
amante, amado e amigo,
gigante por excelência.
Gerou, cuidou, educou,
os filhos que alimentou
de pão, paz e providência.

Desencarnastes, que pena!
Não lerás o meu poema,
nem as bobagens que escrevo,
porém, todas as poesias
trarão muitas energias
pro filho que foi teu servo.

PLINIO TOMAZ



GUERRA DO PARAGUAI: SOLANO LOPES E LYNCH

Solano Lopes esteve na França em Paris e lá arranjou uma amante chamada Elisa Lynch que era da Irlanda e morreu na França. Teve 6 filhos com o ditador Paraguai.

Aproveitou a estada na Europa e encomendou 6 navios de guerra cheios de canhões no porto de Bristol na Inglaterra.

Quando voltou ao Paraguai sua família que era nobre não aceitou a sua amante Lynch.

Solano Lopes invadiu o Brasil, Argentina e Uruguai e foi feita a Tríplice Aliança para nos defendermos do Paraguai.

Solano Lopes vendeu por uma ninharia 1/3 das áreas do Paraguai que pertenceram as missões antigas e que passaram para propriedade da amante Lynch.

Solano Lopes esperava que as potencias marítimas maiores do mundo que era a Inglaterra e Estados Unidos o apoiassem,

Os ingleses estavam muito receosos do Brasil que estava muito forte e não deixavam eles explorar o rio Amazonas. Queriam dar

uma lição ao Brasil, mas quando souberam da Tríplice Aliança desistiram do apoio a Solano Lopes e os 6 navios de guerra não foram entregues e caso o fossem perderíamos a guerra.

A diplomacia brasileira é que teve a ideia da Tríplice Aliança, pois, o Uruguai não tinha mais que 3.000 soldados com poucas armas e sem comida. A Argentina tinha somente 15.000 soldados

Outro feito da diplomacia brasileira foi impedir que couraçados do sul dos Estados Unidos a mando do Paraguai fossem bombardear todas as cidades litorâneas brasileiras, tendo que ser retiradas as tropas que estavam no Paraguai.

Elisa Lynch mandou para a França em navios franceses, italianos, americanos e ingleses caixas e caixas de joias do governo paraguaio ou roubada das igrejas e das pessoas ricas. Precisava de 6 a 7 homens para carregar cada caixa de joias e ouro de Lynch. Coitado do Paraguai.

Tem um economista americano que escreveu porque um país é rico e outro é pobre. Citou Solano Lopes que dizia que morria com a sua pátria, isto é, ele morria e sua pátria também morria. Foi uma péssima decisão de Solano Lopes. Lembre-se que Hitler quando estava no fim da guerra deu ordem para destruir todas as pontes, edifícios públicos da Alemanha que a mesma começasse como povo bárbaro. Graças a Deus a ordem não foi obedecida.

Solano Lopes chegou a fazer estrada de ferro, indústria siderúrgica e fez 400 canhões e armas. Tinha indústrias de tecelagem bem adiantadas e foi uma loucura continuar com a guerra.

Pelo que li sobre a guerra do Paraguai, Solano Lopes era um homem muito inteligente, mas mandava generais sem competência para a frente de batalhas.

Solano Lopes mandou matar a irmã, irmão e cunhado que o aconselharam a fazer as pazes. Mandou prender a sua mãe mas somente mandou dar chibatadas com a capa das espadas. Quem falava mal de Solano Lopes ia para o campo de concentração e assassinado.

Solano Lopes era maçom, assim como Caxias e quase todos os generais. No final o deixaram escapar de proposito e depois o mataram.

O Brasil mobilizou 120.000 homens sendo que 24.000 morreram.

Lynch voltou para a Europa com todo o ouro roubado e mais tarde queria 1/3 do Paraguai, mas não conseguiu.



Figura 1- Elisa Lynch era muito bonita

COMÉRCIO DE ESCRAVOS NO ATLÂNTICO

Os ingleses fizeram um comércio extraordinário no Atlântico entre África Ocidental, Brasil, Antilhas e Estados Unidos. O livro Amazon/Kindle *The Slave trade in Africa* explica em detalhes tal comércio.

Os ingleses transportaram 3,4 milhões de escravos da África e enviaram para as Antilhas e Estados Unidos. Os portugueses enviaram cerca de 5 milhões de escravos principalmente para o Brasil.

Os ingleses fizeram o chamado comércio TRIANGULAR do Atlântico agindo desta maneira:

Os veleiros ingleses saíam de Liverpool ou Bristol na Inglaterra cheio de tecidos feitos na Inglaterra bem como espingardas feitas na Inglaterra. Os navios iam lotados até chegar na África Ocidental onde vendiam os seus produtos aos senhores locais e compravam escravos a um preço bem barato e lotavam os navios e iam para as Antilhas ou Estados Unidos.

Vendiam muito caro os escravos e depois enchiam o navio de rum, tabaco e açúcar. O rum era envazado em fábrica de vidros na Inglaterra, o tabaco era manufaturado e vendido. O açúcar era refinado na Inglaterra e vendido. Ganhavam de todo o lado e isto fez florescer a Revolução Industrial da Inglaterra.

No fim do século 18 os ingleses ganharam 4 milhões de libras no comércio triangular do Atlântico, enquanto que no resto da economia britânica foi somente de 1 milhão de libras.

O tráfico de escravos inglês durou 245 anos desde a primeira viagem de John Hawkins em 1562 até 1807 quando houve a abolição dos escravos na Inglaterra.



Figura 1- Locais da costa ocidental da África de onde saíram os escravos.



Figura 2- Veleiro escravagista que saía de Liverpool na Inglaterra



Figura 3- Comércio Triangular da Inglaterra

AS FALANGES DE ALEXANDRE, O GRANDE

Sempre tive a curiosidade de como funcionava as falanges de Alexandre, o grande. Em um livro da Amazon/Kindle escrito por Christopher Matthew chamado *An invincible beast* publicado em 2015 consegui tirar várias dúvidas.

Primeiramente o termo falange é a estrutura retangular usada pelos gregos pela infantaria.

Cada soldado da falange era chamado de hoplita. O hoplita tinha um escudo redondo de 90cm de diâmetro, um elmo de bronze, um protetor no peito e uma lança de 2,5m. A luta era praticamente corpo a corpo numa distância máxima de 2,00m do inimigo.

A falange com os hoplitas começou em 750 aC e durou 400 anos até o ano 350 aC mais ou menos.

Em várias batalhas contra os persas, os gregos usaram a falange e os hoplitas, como a de Maratona em 490 aC, Termópilas em 480 aC e Platea em 479 aC.

No ano 431 a 404 aC houve uma guerra entre os próprios gregos chamada a guerra do Peloponeso que enfraqueceu todas as cidades estados gregas, que ficaram exaustas fisicamente, politicamente e economicamente.

Nesta guerra onde os oponentes usavam a mesma falange, foram verificadas várias falhas tornando-as muito vulneráveis, pois, não conseguiam defender bem os flancos e não conseguiam se deslocar rápido contra o inimigo.

Nisso surgiu o rei Felipe II da Macedônia, o pai de Alexandre, O grande.

Ele mudou a falange mudando as lanças de 2,5m para 5,0m (sarissa) e diminui o peso da defesa do hoplita, não colocando protetor metálico no peito. O hoplita passou a ser denominado falangista. Seu escudo que antes tinha 1m de diâmetro passou a ser mais leve com 64cm de diâmetro.

Felipe II dominou facilmente toda a Grécia e seu filho começou a lutar contra os persas com a nova falange macedônica. Em 331 aC derrotou os persas na batalha de Gaugamela.

Em 160 aC o general romano Aemilius Paulus derrotou os gregos na Batalha de Pydna. Desta maneira os romanos se vingaram a destruição da cidade de Troia pelos gregos e sabe-se que muitos troianos fugiram e foram para o norte da Itália e deram origem aos Etruscos.

Os Etruscos habitaram a região norte da Itália, rica em minerais e se fundiram aos romanos, tanto assim, que o primeiro rei romano era Etrusco. Muitos costumes romanos são etruscos;

A vitória romana se deu em virtude da liberdade de ação das centúrias, podendo o centurião mudar a direção da batalha quando achar ponto mais fraco. Assim os romanos acabaram com a invencibilidade da falange macedônica.

Uma pergunta que faço a mim mesmo, é porque os persas não copiaram as ideias novas de Felipe II da Macedônia. Não dá para entender.

Li uma vez que o maior general alemão das divisões de Panzer (Tanques de guerra) General Guderiam, visitou a Inglaterra onde viu uma demonstração de tanques e ficou impressionado e imediatamente adotou na Alemanha. Os tanques tinham rádio e viravam rapidamente ao mesmo tempo. Os franceses embora tivessem tanques superiores aos alemães quando foram invadidos na segunda guerra mundial, tinha que descer um soldado francês e ir de tanque em tanque para dar o recado, pois, não tinham rio comunicação.



Figura 1- Na foto superior está o primeiro hoplita com lança de 2,5m e abaixo está o falangista criado por Felipe II da Macedônia;

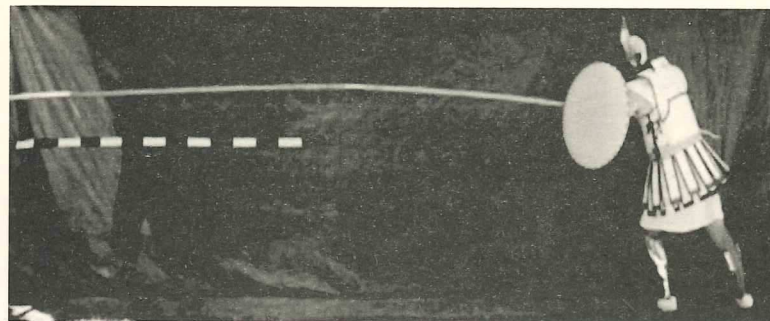


Figura 2- Falangista da Macedônia, com sua lança de 5,00m.

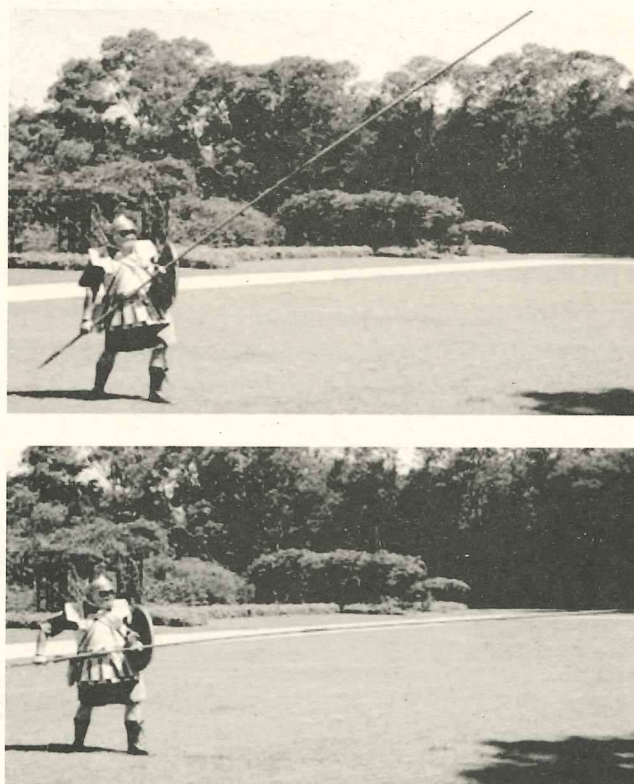


Figura 3- Falangista observando a posição das mãos e posição quando segura a lança de 5,00m

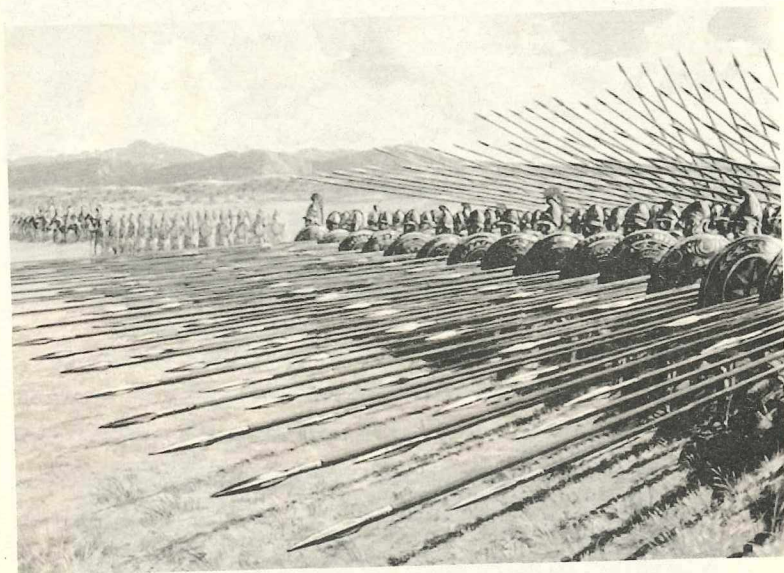


Figura 4- Falange com os falangista da Macedônia, com sua lança de 5,00m.



Figura 5- Falange com os falangista da Macedônia, com sua lança de 5,00m.

SILVIO RIBEIRO



A GRANDE EXPLOSÃO GUARULHENSE

HISTÓRIA DE GUARULHOS

Depois de decorridos seis anos da fundação do Colégio de São Paulo em 1554, sob o comando do padre Manoel de Nobrega e que deu origem ao marco de fundação da Capital do Estado, diversos povoamentos ao redor do Colégio, espalhados nas mais diversas distâncias, naqueles tempos que não ultrapassavam 15 quilômetros a partir do Colégio, povoamentos esses que no transcorrer dos tempos se tornaram importantes municípios que hoje compõem o complexo denominado “Grande São Paulo”.

Vários motivos cercam o surgimento desses povoamentos iniciais, segundo alegam e comentam alguns historiadores, o principal motivo, seria para servirem de baluarte defensivo do núcleo principal, o Colégio, o qual era motivo de prováveis ataques de tribos indígenas lideradas pelos índios Tamoios, que eram temíveis guerreiros e que não toleravam a presença portuguesa nas terras da Colônia, além de serem insuflados pelos ingleses, que tinham invadido terras brasileiras naqueles tempos, cujo interesse maior era tomar o controle da Colônia.

Como pesquisador e historiador das coisas brasileiras, em especial de São Paulo e mais precisamente sobre a historiografia guarulhense, após estudar detalhadamente a história deste município, conclui que a fundação de Guarulhos está diretamente ligada à saída, fuga de grupos de índios, que segundo consta, de origem Goitacazes, que viviam na área do Colégio, sob o controle dos jesuítas, que não gostando da submissão e cumprimento de ordens dos portugueses, pois viviam praticamente como se escravos fossem, se evadiram daquele núcleo, refugiando-se nas matas espessas que cobriam como um verdadeiro manto verde, toda a área paulista.

Naqueles tempos, apesar de ter os indígenas sob coordenação, os jesuítas aos quais apesar de imposições da Coroa Portuguesa, que queria o subjulgamento dos silvícolas para o trabalho braçal e geral, pois além de ampará-los, defendia-os com unhas e dentes para que os mesmos não fossem perseguidos nem maltratados por outrens, atitudes essas, que concluíram com o advento da futura expulsão de todos os jesuítas das colônias portuguesas espalhadas pelo mundo.

Um desses jesuítas, dos mais antigos e principais daquele tempo, inclusive aquele que coordenou a construção do Colégio de São Paulo e demais obras iniciais do novo povoamento paulista nos campos de Piratininga, foi também quem ministrou a chamada primeira missa de São Paulo em 25 de janeiro de 1554, marco da Fundação, a qual foi ajudada pelo Padre José de Anchieta, que atualmente fora canonizado pelo Papa, tornando-se um Santo brasileiro, o padre Manoel de Paiva, destemido jesuíta, totalmente descontente com a fuga de grande parte dos indígenas sobre seu controle, que residiam no povoado, em comum acordo com o chefe da comunidade jesuítica, o Padre Manoel de Nobrega, empreendeu uma incursão selva adentro,

através do Rio Anhamby (nome dado pelos indígenas em decorrência das Anhumas, uma ave de grande porte, que vivia sobre as plantas aquáticas que cobria partes do Rio, hoje consideradas extintas e que naqueles tempos, eram encontradas em abundância habitando as margens sedentas do grande do rio, atualmente conhecido pelo nome Tietê, navegando sentido nordeste do Colégio, após navegar por mais de cinco léguas rio acima, com seus auxiliares, acredita-se em número de oito pessoas, avistaram alguns índios meio que escondidos sob arbustos, na margem esquerda da embarcação (direita do Rio) os quais julgou serem índios que saíram do núcleo do Colégio, imediatamente ordenando ao timoneiro que alcançasse a margem para tentar contatar aquele grupo de silvícolas avistados.

Para surpresa maior dos navegantes, eram aqueles índios desconhecidos do grupo.

Utilizando de sua excelente artimanha de hábil contactor de índios, a despeito do estado de assombrados em que se encontravam, ao avistarem pessoas de vestimentas diferentes que ali chegaram, aos poucos Manoel de Paiva foi se aproximando dos mesmos e em pouco tempo já havia ganho a simpatia necessária, para que houvesse um bom entrosamento entre todos.

Após acamparem modestamente em um local com certa altitude, que os locais apelidaram de Iberê (monte alto), onde permaneceram vários dias, resultando dessa estada, a construção de um pequeno barraco de madeira, o qual fora coberto por folhas de palmeiras encontradas no local, cujas dimensões davam tranquilamente para acomodar todos os que vieram na embarcação, bem como servir de capela para as orações e num desses dias, 08 de dezembro de 1560, após ter levantado uma

grande cruz de troncos de árvores bem ao lado da rupestre construção, o padre Manoel rezou a primeira missa no novo território, hoje importante município paulista e brasileiro, Guarulhos.

O município de Guarulhos tem como data de fundação, exatamente o dia em que fora rezada por aqui a tal primeira missa, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, a santa do dia como era costume na época e a ereção da pequena ermida como o marco do surgimento do município, atual Catedral de Guarulhos.

Muito já foi dito sobre o nome Guarulhos, também muito se comentou a respeito da origem desse nome, o que mais se comenta é que tal nome adveio do apelido dado aos indígenas, que aqui foram encontrados pelos portugueses, que os apelidaram de "Guarus", uma referência dada ao pequeno peixe de água doce, pequeno e barrigudinho, muito conhecido por todos como Guarú, abundante nos rios e ribeirões que havia nas redondezas e os indígenas por serem de baixa estatura e em sua maioria barrigudos, daí o apelido e que resultou nas referências do local criado, terra dos Guarus, e que por adaptações da língua transformou-se no tempo para Guarulhos.

Os índios que terminaram por dar nome à Guarulhos pertenciam ao grupo Goitacaguaçu, uma desinência da grande tribo Guianeses que habitavam o litoral paulista, os quais ocupavam a margem direita do Rio Tietê até as proximidades do Colégio de São Paulo.

O progresso e crescimento de Guarulhos após sua fundação foi irrisório no transcorrer dos anos que se passaram.

Para se ter uma ligeira ideia do crescimento guarulhense, após transcorrer 350 anos de sua fundação, é que o município começou a experimentar um certo progresso, tanto no campo demográfico,

como também no campo econômico, com a instalação no município de uma extensão da antiga Estrada de Ferro Tramway da Cantareira, o conhecido Ramal de Guarulhos, em 1915, por gestão do então prefeito da época o senhor Capitão Gabriel José Antonio, mais conhecido como Gabriel Teles, por ter morado no bairro dos Teles em São Paulo, considerado o pai do trem de Guarulhos, que trafegou no município de 24 de fevereiro de 1915 até 31 de maio de 1965 cuja permanência, originou o surgimento de importantes bairros guarulhenses, Vila Galvão, Torres Tibagi, Gopoúva, Vila Augusta, Vila dos Sorocabanos e Guarulhos - centro, onde ficava a Estação terminal do Ramal.

Houve outra estação localizada no interior da Base Aérea de Guarulhos, porém, restrita apenas aos militares que ali serviam.

A chegada do trem a Guarulhos, a utilidade principal era o transporte para a capital de produtos produzidos no município, ligados à área de hortifrutigranjeiros com os quais Guarulhos abastecia o grande mercado da capital, o famoso mercadão, e principalmente a produção da Cerâmica Rami, na Vila Galvão, a qual foi o fator principal da chegada do Ramal ao município, cujos materiais eram utilizados em grande escala na construção civil da capital, devido sua boa qualidade. Não visava o transporte de passageiros, contudo, devido a precariedade dessa necessidade e a falta de meios de transporte para a capital, uma vez que o único meio disponível ao guarulhense, era via Tietê, como era feito com todo material e mercadorias produzidas no município naqueles tempos. A única comunicação por terra era um caminho precário, que com o tempo passou a chamar-se de Estrada da Conceição, atual Avenida Guarulhos, que fazia a ligação com o bairro da Penha - SP, lembrando que o atual Bairro da Penha - SP, pertencia à freguesia de Guarulhos nos tempos passados, posteriormente anexado à Capital.

A simples chegada do Trem à Guarulhos deu início a bairros importantes do município, como Vila Galvão, Torres Tibagy, Gopoúva, Vila Augusta, Vila Sorocabanos, e a Estação terminal – Guarulhos, cujos locais eram recobertos por extensa mata. A população guarulhense no tempo da chegada do trem, não ultrapassava cinco mil habitantes.

A partir de 1950, começou a ser construída em Guarulhos, a Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra (Via Dutra), cujo projeto foi de ligar o Estado de São Paulo ao Estado do Rio de Janeiro. A primeira pista ainda precariamente terminada foi inaugurada em 1952, sendo sua segunda pista completada já no final da década.

Concomitante com a Via Dutra, iniciou-se a construção da Rodovia Fernão Dias, para ligar São Paulo a Minas Gerais, em 1954, que também no final da década já tinha sua primeira pista inaugurada.

Com a passagem da Via Dutra por Guarulhos, para incentivar a vinda de indústrias para o município, o poder público guarulhense, concedeu uma isenção de impostos para aquela indústria que aqui quisesse se instalar.

Guarulhos até essa data, que ainda era considerada uma cidade dormitório devido a insignificante quantidade de indústrias de pequeno porte, pois a quase totalidade de trabalhadores aqui residentes, desempenhavam suas atividades na Capital, utilizando o Trem que partia pela manhã das estações lotados por trabalhadores, somente regressando ao escurecer.

Com a abertura e incentivo de impostos, grandes empresas se instalaram em Guarulhos, principalmente por todo extensão da Via Dutra, em ambos os lados da rodovia, como a Philips do

Brasil, Olivette, SKF, Tody, Phizer, Pérsico, Camargo Correia e muitas outras de grande porte.

Apesar de se encontrarem bem na divisa de Guarulhos – São Paulo, grandes empresas como Duchem e Estrela, colaboraram para a grande oferta de trabalho ao guarulhense.

A grande explosão geral de Guarulhos com a chegada de todas essas empresas de grande porte, praticamente ao mesmo tempo, além de absorver todos os trabalhadores guarulhenses, que não necessitavam mais sair para a Capital, precisou trazer para cá, trabalhadores de outras regiões paulista.

Nesses tempos, paralelamente a instalação das indústrias, a prospecção imobiliária também se expandiu de forma assustadora no município para captar e comercializar em Guarulhos, lotes de terra aos moradores de outras regiões que passaram a trabalhar nas empresas estabelecidas.

Em meados dos anos sessenta, a população de Guarulhos, já ultrapassava 90.000 habitantes.

Com a implantação da indústria automobilística em São Paulo, foi formado um grande “lobby” contra a estrada de ferro de Guarulhos, cuja alegação de que a mesma já não estava mais sendo satisfatória, o que foi uma grande “piada”, mas que colaborou e concluiu para a extinção total da ferrovia em 31 de maio de 1965, de tal sorte que nada fora colocado em substituição a mesma, deixando principalmente a humilde classe trabalhadora desprovida de quaisquer outros meios de locomoção, como se diz popularmente, “ao Deus dará”.

Com toda essa explosão e sem parar de crescer em todos os sentidos, chegamos aos dias atuais onde contamos com uma população ultrapassando a casa dos 1.300.000 habitantes vivendo

em Guarulhos, em mais de uma centena de novos bairros, onde alguns deles ultrapassam os limites dos 100.000 habitantes, muito mais que médios municípios espalhados por todo o rincão brasileiro.

Infelizmente o município de Guarulhos não guarda valores históricos, exemplo dessa intolerância, são os restos mortais do emérito fundador, o Padre Jesuíta Manoel de Paiva, que por volta de 1565, por necessidade administrativa, em decorrência de sua notável habilidade construtora, fora transferido para o Espírito Santo, para coordenar a recuperação do grande colégio jesuíta daquela antiga Capitania, cujo trabalho é venerado e exposto em diversos locais daquele grande Colégio, que com o tempo se transformou no belo Palácio do Governo do Estado como pude constatar.

Após seu falecimento ocorrido em 21 de dezembro de 1585, seus restos mortais encontram-se sepultados na Igreja de São Tiago, naquela Capital espírito-santense.

Ainda com relação ao acima exposto, cabe-me salientar que em Guarulhos, existe uma Lei de número 2.789 de 27 de dezembro de 1983, aprovada e não executada até hoje, que determina a ereção de uma estátua em bronze do fundador em tamanho normal o Padre Manoel de Paiva, para ser colocada nas proximidades da Catedral, para perpetuar a efeméride.

Silvio Ribeiro

Acadêmico cadeira n.º 27.

TERESINHA S. MALTEZ DE SOUZA



SITUAÇÃO INSÓLITA

Eu trabalhava num escritório em São Paulo, quando fui convidada para acompanhar um advogado em uma audiência. Feliz com o convite aceitei de pronto. Dirigimo-nos ao Fórum Central. Durante o trajeto, meu colega de profissão, me colocou a par do acontecido: Nosso cliente seguia dirigindo por uma avenida quando, num farol para pedestres, surgiu um senhor que, sem esperar o farol lhe favorecer, tentou atravessar. O cliente frenou o veículo, mas, não o suficiente e, em consequência, encostou no senhor que, em câmera lenta, foi ao chão. Imediatamente se propôs prestar-lhe socorro. O homem se levantou e agradeceu dizendo: Não aconteceu nada, eu fui o culpado do ocorrido. Estou bem, não me machuquei. Bateu as mãos na roupa e disse: não se preocupe, estou bem mesmo. Neste momento apareceu um guarda de trânsito, não se sabe de onde, perguntando: o senhor está bem. O senhor respondeu: sim, já disse, estou bem. O guarda então falou para o nosso cliente: não se preocupe, ele está bem, não aconteceu nada. Mais calmo nosso cliente disse então: aqui está o meu cartão com os meus dados,

caso precisem e só avisar. Não passou muito tempo e logo chegou à surpresa em forma de citação para responder processo. Na sala de audiências, mais uma surpresa, presente, além do atropelado, o guarda que mandou o nosso cliente ir embora, como testemunha do ocorrido. E o pobre homem atropelado apresentou contas de toda sorte, tais como: Óculos quebrados e o custo do conserto; prescrição de fisioterapia nas pernas em decorrência do tombo; algumas receitas e respectivas notas fiscais, enfim, todos os problemas que o senhor havia acumulado ao longo dos anos, foram parar neste processo. O nosso cliente então perguntou: o que fazemos? Ao que respondi: faça uma proposta de acordo para pagamento parcelado por danos causados à suposta vítima ou, remoa durante anos um processo que, ao final, certamente terá que sucumbir.

ELA...

ELA acordou, olhou para os lados e não reconheceu o espaço em que se encontrava.

Estranho, lembrava-se perfeitamente da noite anterior. A corrida para a casa, o banho tomado demoradamente, o cuidado com que escolhera a roupa que iria usar, o sapato trocado na última hora, o perfume de notas doces, próprio para aquele encontro que se aproximava.

O que aconteceu após? ELA não sabia precisar. Até borrifar o perfume, tudo nítido, depois, o que aconteceu? Não se lembrava.

Começou a elencar os acontecimentos na tentativa de rememorar os afazeres daquele dia estafante.

Acordou cedo.

Para exercitar-se, como sempre fazia, caminhou por mais ou menos uma hora. Na volta pra casa, passou na padaria para apanhar o pão fresquinho, pois, era a única refeição do dia que fazia na companhia de sua filha.

Chegou a casa.

A filha ainda dormia. Ligou a cafeteira e foi acordar a dorminhoca.

Tomou um banho rápido, trocou-se e se sentou à mesa. Mãe e filha, durante o café, trocaram informações sobre como correu o dia anterior, para cada uma, uma vez que, já há muito tempo era o único horário em que conseguiam conversar. Saíram juntas de casa, cada qual para um destino diferente da cidade.

Nada aconteceu de extraordinário. Chegou ao trabalho onde exercia a função de telefonista. Trabalhou por seis horas consecutivas até que, num dos atendimentos reconheceu aquela voz maviosa, voz que a fazia lembrar-se da adolescência. De momentos felizes passados na companhia dele, que foi seu grande amor.

Seria ELE? Como a teria encontrado? Fazia tanto tempo que não conversavam. Da última vez que se viram a noite não terminara bem e, em comum acordo, decidiram que seria a última. Não valia a pena continuar investindo num relacionamento onde cada um caminhava para lados opostos. Não tinham mais sonhos comuns. Melhor seria esquecer. Deixar o caminho livre para, talvez, permitir um novo relacionamento.

Mas, o destino prega peças e, neste caso, foi por coincidência que ele ligou atrás de informações. Não sabia que do outro lado da linha estava ELA, pessoa tão querida e que ele nunca esqueceu.

ELE não reconheceu a voz dela, mas, ELA, sim, reconheceu a dele, pois, a lembrança permaneceu latente.

ELA não conseguiu dissimular a voz e perguntou: é você? Ele respondeu sim, sou eu. Trocaram rápidas palavras e chegaram à conclusão que deveriam se encontrar para matar saudade e saber algo mais um do outro, reviver o passado.

A partir deste telefonema a tarde passou mais devagar. Ela, ansiosa, não conseguia tirar os olhos do relógio, contava os minutos para o encontro tão esperado.

Enfim, chegou a hora da saída do trabalho, correu para casa, tomou o banho, escolheu a roupa e o perfume. E aí? Meu Deus, o que ocorreu após? Ela não consegue lembrar-se, sequer, como saiu de casa. E ELE, onde estaria? Teria se encontrado com ELA?

Preocupada, mas, sem ter o que fazer, aguardou algum tempo para ver se alguém aparecia. Não sabe quanto durou a espera até ouvir barulho de eletrodoméstico funcionando. Aguçou mais os ouvidos e percebeu que realmente havia algum motor ligado. Chegou próximo à porta e escutou vozes! Sim, eram vozes. Feminina e masculina! Surpresa e ainda mais preocupada não sabia que atitude tomar, se saía ou não do quarto em que se encontrava.

De repente a porta se abre e ELE, o grande amor de sua vida, adentra os aposentos com uma bandeja nas mãos contendo suco, café, torradas e frutas. Surpresa total. Então ela havia se encontrado com ELE. Mas, para ela, o mistério continuava, já que não se lembrava de alguns acontecimentos do dia anterior.

Perguntado, ele respondeu: Peguei-a no horário combinado. Fomos ao cinema assistir ao filme "Confia em mim", protagonizado por um ator da atualidade. Jantamos numa Cantina Italiana, onde

tomamos um vinho tinto. Saímos do restaurante às 23 horas. Caminhamos um quarteirão até o estacionamento. Apanhamos o carro e seguimos para a minha casa. Aqui chegando fomos surpreendidos por meliantes que nos fizeram reféns. Após o roubo, você ficou transtornada a ponto de eu ter que levá-la ao pronto socorro onde foi atendida por um médico de plantão que, após exame meticuloso, deu o seguinte diagnóstico: Você sofreu uma Amnésia psicogênica. Traduzindo: é uma amnésia temporária e ocorre devido a traumas psicológicos. Pode ser tanto anterógrada como retrógrada. Raramente há a perda permanente de trechos de sua vida. A memória voltará aos poucos, é só repousar e ter de paciência. O tempo é senhor de tudo.

Este evento em si não seria suficiente para esta ocorrência, mas, juntado a emoção do dia com o encontro amoroso que se avizinhava, mais a ocorrência nefasta do assalto, foram suficientes para o desencadeamento do esquecimento.

Enquanto ELE discorria sobre os acontecimentos, Ela, muito quieta, prestava atenção.

Devagar, como se estivesse assistindo a um filme lembrou-se de tudo. Agradeceu a Deus por ter sobrevivido àquela situação que poderia ter sido catastrófica e por poder contar esta história.

ELE arrematou dizendo: O que importa é que sua memória voltou e tudo acabou bem, sem mortos nem feridos e, portanto, não percamos tempo, vamos viver intensamente a nossa vida sem deixar que nada e nem ninguém nunca mais nos separe.

Amo você!

VALDIR CARLETO

ANALISANDO FRIAMENTE A QUENTE SITUAÇÃO POLÍTICA DE GUARULHOS

Comentário postado no portal Click Guarulhos quando da exoneração do vice-prefeito Alexandre Zeitune do cargo de secretário de Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Foi escrito após eu participar das entrevistas coletivas concedidas à Imprensa pelo prefeito Guti (PSB) e também por Zeitune (Rede).

Por mais razões que entenda ter para exonerar Zeitune da Secretaria, se essas razões, como Guti mesmo disse, nada têm a ver com conduta ética, mas sejam questões políticas, essa atitude foi a mais desastrosa que poderia tomar para sua gestão.

Os rumores de que os dois já não vinham se entendendo já davam margem a diatribes na oposição e a comentários jocosos nas redes sociais, as quais, se foram para Guti na campanha eleitoral, podem também ser danosas à sua imagem como administrador.

Com a decisão intempestiva de exonerar o vice-prefeito do cargo de secretário, Guti dá alguma razão aos que o acusam de ser imaturo e de agir como garoto mimado que não aceita ser contrariado.

Com exceção de Marina Silva, que tem expressão nacional para a Rede, o partido pouco representa no Estado de São Paulo. Dificilmente Zeitune deixaria a Secretaria para concorrer ao governo estadual, porque seriam mínimas suas chances e ele estaria abrindo mão de uma grande Secretaria, que poderia lhe dar maior projeção no futuro, sem nenhuma garantia de reconquistar a Pasta após a eleição.

Ao decidir pela exoneração de Zeitune, Guti deu-lhe a oportunidade de sair atirando, ainda que os discursos de hoje do vice sejam um gesto teatral. Agora, sim, é mais provável que o vice-prefeito seja candidato a governador, porque não precisa desincompatibilizar-se para tal; apenas não pode assumir a Prefeitura nos seis meses anteriores ao pleito.

Se até ser exonerado Alexandre Zeitune era mero figurante no quadro eleitoral do Estado, o rompimento cinematográfico que Guti lhe propiciou pode dar ao vice uma visibilidade que de outra forma não teria e, aí sim, passar a ter algum peso, se não como candidato a governador, cacifando-se para somar com outro partido como possível vice, ou com maior chance se for candidato a deputado, estadual ou federal.

No próprio salão de eventos do Bom Clima, houve quem comentasse que naquele dia começou o fim do governo Guti, não que haja condições para impedir que conclua o mandato, mas por ter passado a impressão de que é um governo frágil, incapaz de superar a menor marola política.

Para não repetir o fracasso do governo Almeida, que era um maestro que regia uma orquestra desafinada e na qual cada um tocava sua própria melodia, Guti precisa aparar as arestas e dar coesão a sua gestão. Afinal, passou da hora em que culpar os

governos petistas servia de justificativa para poucos resultados apresentados pela nova administração.

Diferente da euforia dos primeiros dias, quando apenas os petistas e os partidários mais ferrenhos de Eli Corrêa Filho mostravam-se descontentes com o governo Guti, agora vê-se pela avalanche de críticas nas redes sociais que muitos que votaram nele já demonstram inquietação com o andar da carruagem.

Zeitune diz que não fará oposição, que apenas exercerá fiscalização. Não se sabe quais ferramentas terá para cumprir essa promessa e com quais meios de comunicação poderá contar para bradar aos quatro cantos eventuais descobertas, considerando que o Bom Clima tem a caneta na mão. Porém, muitas vezes é pior ter do outro lado um ex-aliado do que um opositor de primeira hora. Até porque, se efetivamente rompidos, nada impede que Zeitune se aproxime de quem quer que seja para melhor destilar sua mágoa pela exoneração. Ele fica devendo nomes e, se não tiver provas concretas, pelo menos fortes evidências e indícios que deram margem às pesadas acusações que disparou.

O tempo dirá quem tem razão, se o dia 29 de setembro será o marco de que a gestão Guti começou para valer ou se ficará conhecido como o dia do tiro no pé.

A melhor forma de repudiar o aumento no preço dos combustíveis

Para aumentar a arrecadação, o Governo aumentou a tributação sobre a gasolina, o que pode gerar acréscimo de R\$ 0,41 por litro, e do diesel, que ficará R\$ 0,21 mais caro. Parece pouco, mas não é. Quem usa 10 litros de gasolina por dia gastará R\$ 123 a mais por mês.

Uma análise do presidente da Associação Brasileira de Educadores Financeiros (Abefin), Reinaldo Domingos, mostra caminhos para que o consumidor tome medidas para fazer frente ao aumento. Além de adaptar o orçamento doméstico à nova realidade, se for possível pôr em prática os conselhos, será uma forma do cidadão reagir à iniciativa do governo federal que, mais uma vez, ao invés de cortar despesas supérfluas (e certamente há muito a cortar), escolhe sangrar o bolso do contribuinte.

“Repense o uso do carro em determinadas situações, já que nem sempre é preciso fazer tudo com ele. Otimize as viagens, pegando ou oferecendo carona e fazendo rodízios com colegas de trabalho e amigos”, orienta Domingos.

O aumento dos impostos sobre os combustíveis – PIS e Cofins – visa gerar arrecadação de R\$ 10,4 bilhões ao Governo este ano, diminuindo o déficit primário. No caso da gasolina, a alíquota mais que dobrou, passando de R\$ 0,38 para R\$ 0,79. Somando a outro tributo, o Cide, no total serão pagos R\$ 0,89 de impostos por cada litro de gasolina.

Confira 7 orientações para economizar combustível:

1- Analise a necessidade de fazer tudo com o carro; realizar algumas caminhadas, além de ser saudável, pode gerar boa economia;

2- Alterne o uso do carro com o transporte público, assim terá diminuição no orçamento mensal no que se refere a gastos com locomoção;

3- Ofereça e pegue caronas com familiares, amigos e colegas de trabalho sempre que possível. Assim, além da economia, há maior sociabilização;

4- Dirija e utilize o veículo com consciência. Algumas ações geram maior consumo de combustível, como manter o ar-condicionado ligado e trocar de marcha na velocidade inadequada;

5- Abasteça em postos de sua confiança, garantindo a qualidade da gasolina que está comprando;

6- Mantenha os pneus calibrados, pois se estiverem abaixo do recomendado pelo fabricante, há resistência na rolagem e o carro consome mais combustível. Isso sem contar o desgaste dos pneus, que são caros;

7- Mantenha o carro sempre revisado, pois um motor mal regulado pode gastar mais combustível. Assim também evita imprevistos que podem estourar as finanças.

Se estivesse Vivo, o Olho estaria para completar 37 anos

A primeira edição do saudoso jornal “Olho Vivo” circulou em 31 de janeiro de 1981. Se ainda estivesse sendo editado, completaria em 2018, portanto, 37 anos.

Tendo iniciado com circulação mensal, passou a quinzenal em 1983 e depois a semanal, bissemanal, voltou a semanal, mais algum tempo outra vez bissemanal e trissemanal.

Apesar do crescimento na periodicidade e na importância do veículo de comunicação para a população, sempre tive dificuldades financeiras para mantê-lo, principalmente pelo fato de fazer questão de guardar distância dos sucessivos governos. Em nenhuma época o jornal dependeu de verbas públicas. Quando havia, eram de mínima monta.

Cogitando a possibilidade de que o *Olho Vivo* passasse dali a algum tempo a ser diário, passei a procurar sócios que fossem do ramo, pois não desejava aliar-me a quem tivesse apenas interesse financeiro ou político. Na época, o Diário do Grande ABC havia tido uma cisão societária e o jornalista Alexandre Polesi foi apresentado a mim pelo então presidente da Acisa - Associação Comercial e Industrial de Santo André, Wilson Ambrósio, que havia sido diretor financeiro daquela grande empresa jornalística do ABC. Depois de produzirmos um Guia de Natal em parceria, Polesi tornou-se sócio do Jornal Olho Vivo. Os valores investidos por ele foram todos canalizados para as finanças do próprio jornal.

Com isso, o jornal ganhou estrutura para crescer e, em agosto de 2007, o *Olho Vivo* foi transformado no *Diário de Guarulhos*, marca que foi obtida junto ao INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) porque o antigo jornal que circulara por décadas na cidade com aquele nome estava há anos sem renovar o registro na autarquia.

Embora respeitando-nos profissionalmente, eu e Polesi divergíamos em questões administrativas, o que me levou a deixar a empresa em 16 de março de 2009, transferindo ao ex-sócio as demais cotas da sociedade.

Eu e meu filho Fábio fundamos a Carleto Editorial, continuando a produzir a *Revista Guarulhos (RG)*, que já vinha sendo editada há cinco anos na antiga empresa. Meses depois, lançamos a primeira e única revista semanal da cidade, a *Weekend*, indiscutível sucesso editorial, mas que, em 2017 passou a circular quinzenalmente.

O Diário de Guarulhos, sob a direção de Polesi, passou por sérias dificuldades financeiras, deixando de circular em dezembro de 2014.

Continuamente, leitores queixam-se da falta que o antigo *Olho Vivo* faz na cidade. Apesar dos apelos para voltar a editar um veículo que o sucedesse, não há viabilidade financeira para tal. Entende que a existência do portal *Click Guarulhos* supre de certa forma essa necessidade, até com vantagens, pois tem um alcance muito mais amplo do que o antigo jornal.

A vida inteira vendendo o almoço para comprar o jantar

Ao longo de toda minha vida dedicada ao Jornalismo, seja no período em que o fiz por hobby ou nos tantos anos em que passei a atuar profissionalmente como empresário do ramo, não me lembro de algum momento em que pudesse dizer que estaria ganhando dinheiro, mesmo trabalhando invariavelmente mais horas diárias do que os nossos colaboradores.

Perdi a conta de quantas vezes usei o limite – ou os limites – do cheque especial pessoal para cobrir despesas da empresa.

Durante muitos anos, o Banco do Brasil não concedia empréstimos a empresas de funcionários. Quem sempre me socorria era a Cooperativa de Crédito de Guarulhos, atual Sicoob Cantareira. A instituição só operava com pessoas físicas e foram muitas as operações que lá fiz em nome pessoal, no nome da Nilda, do Fábio e até da funcionária Maria Aparecida Vital, a Cidinha, que gerenciava as finanças do jornal.

Seguidamente, fiz empréstimos pessoais na Previ, a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil; as parcelas vêm descontadas no holerite: como não há inadimplência, os

juros são menores. Enfim, era um exercício diário de fazer e refazer contas para manter tudo em dia, respeitar os direitos trabalhistas, quitar os impostos.

Inúmeras vezes recorri a empréstimos de amigos. Houve até quem os fizesse como doação. Lembro-me de uma frase marcante de um deles: “Você faz muito pela cidade. Não vai me fazer falta esse valor; não precisa devolver”. Um outro não quis nenhuma garantia, nem cheque-predatado. Inesperadamente, veio a falecer. Só eu e ele sabíamos. Conteí a um advogado, amigo comum, que falou com a viúva e ela me permitiu pagar com publicidade do estabelecimento da família. Permito-me não citar nomes para não cometer injustiças. Mas todos eles sabem o quanto lhes sou grato pela inestimável ajuda.

Em 1998, terminamos o ano em situação complicada. Tivera de fazer mais um empréstimo para honrar o décimo terceiro salário do pessoal. No dia 22/12, estava programada uma confraternização para nos despedir do ano. Comprados os comes e bebes, retornei da visita a uma gráfica quando soube que vários funcionários não iriam participar. Cada um alegara alguma razão e alguém teria dito que “não havia o que comemorar”. De fato, era um período em que todos estávamos trabalhando muito para manter o jornal em circulação.

Fiquei atônito, perdi o controle emocional. Disse em altos brados que agora teriam o que comemorar, pois estavam todos demitidos, todos de aviso prévio, pois eu iria encerrar as atividades.

Fui à Robi Organização Contábil, que nos atendia, pedir para que fossem emitidos os avisos prévios. Os amigos e donos, Cláudio Pasciani e o saudoso Roberto Bissoli, estavam

confraternizando com a equipe, mas vieram me atender. Haviam ganhado relógios de presente dos funcionários e ficaram penalizados com o que me acontecera. Como era o último dia de expediente tanto deles quanto nosso, alguém do RH foi encarregado de emitir os avisos prévios e os levei à sede do jornal para entregá-los aos demitidos. O período até o fim do ano era de férias coletivas. Então, o aviso prévio vigeria a partir do dia 2/1. Nossa colaboradora Maria Cecília Zacharias Manfrinatti foi de extrema valia, sendo a ponte entre mim e os demais, naquele momento triste, realmente muito difícil e doloroso.

Como estava programado, eu, Nilda e nosso filho Vinícius, então com menos de três anos, viajamos para Uberaba dias depois, para passar o Ano Novo com a família da Nilda. No trajeto, fomos comentando a respeito. Ela sugeriu que, no decorrer do aviso prévio, eu pusesse alguém em meu lugar para evitar o desgaste do contato com o pessoal. E, nesse tempo, tentasse vender a empresa para alguém, ao invés de fechá-la, pois nem dinheiro para isso haveria.

Nos primeiros dias de 1999, recebi uma proposta de consultoria de um ex-diretor do *Correio Popular*, de Campinas, um dos mais importantes jornais regionais do País. José Antonio Ferraz oferecia um dia de visita para elaborar um diagnóstico, apenas com o custo da locomoção e refeição. Se quisesse contratar a consultoria, seriam 8 visitas semanais, a um preço muito alto para minhas condições. Mas ainda assim quis ouvi-lo e foi marcado o dia 27 para essa conversa.

Enquanto isso, visitei o professor Ary Baddini Tavares, na FIG, amigo desde a campanha de 1982. Jornalista experiente, havia sido diretor de grandes jornais, como o *Diário Popular* e a *Folha de S.Paulo*. Pedi que ele me substituísse durante o aviso prévio da

equipe. Ele aceitou, ressaltando que passaria diariamente para ver como as coisas estariam caminhando, mas não tinha como ficar várias horas, por causa de seus afazeres na Faculdade. Perguntei quanto custaria, pois ele bem sabia da minha difícil situação. Com o ar irônico e brincalhão que o caracteriza, respondeu que cobrava dois mil reais para proferir uma palestra e que se quem o contratava não concordasse com o valor, preferia fazer gratuitamente. E como nunca ninguém topara pagar o valor pretendido, todas que proferira haviam sido de graça. Como era lógico que eu não poderia pagar o que valeriam seus serviços, também não precisava pagar nada, ficaria pela nossa amizade. Nem preciso dizer o quanto sou grato a ele por isso.

No dia 27, recebi a visita do Sr. Ferraz. Ele fez uma análise do *Olho Vivo* e dos outros jornais locais, comparando-os. Opinou que via mais condições de crescimento no nosso do que nos demais, desde que passássemos a imprimir em cores o mais rápido possível. Argumentei que em preto e branco tínhamos autonomia para imprimir as matrizes a laser, que substituía o fotolito e custavam muito menos. Além disso, a impressão era feita na gráfica do jornal *São Paulo Shimbun*, que não dispunha de equipamento para imprimir em cores. Ele insistiu: "Ou passa para colorido, ou não terá futuro".

Ferraz previu que se contratássemos sua consultoria conseguiríamos ampliar o faturamento em 60% no decorrer das 8 semanas. Topei o desafio. Resolvi não fechar o jornal, cancelei a maior parte dos avisos prévios e percorri algumas gráficas para ver se seria possível fazer o que ele recomendava.

Quatro dias depois, em 31 de janeiro, quando o *Olho Vivo* comemorava 18 anos de circulação ininterrupta, circulou a primeira edição colorida.

A consultoria dele foi realmente valiosa, o faturamento cresceu, embora as despesas também tenham subido de forma considerável, não resolvendo a questão da baixa rentabilidade.

Como a estrutura precisou crescer, tentei alugar o sobrado da esquina da rua Minas Gerais (onde era nossa sede própria) com a avenida Antonio Iervolino. Mas, a proprietária só queria vendê-lo. Ela fez uma proposta de parcelamento e resolvi encarar o desafio. Consegui pagar pontualmente, mas à custa de outros empréstimos, o que elevou além do suportável o endividamento. Em 2003, não houve alternativa que não fosse vender o imóvel para um amigo interessado na locação e, assim, reduzir a dívida bancária.

Nas revistas, também.

Quando eu e Fábio passamos a atuar só com revistas, cogitávamos que teríamos tempos mais tranquilos. A rigor, eu poderia ter reduzido as jornadas de trabalho, viajado mais com a Nilda, participado mais da vida escolar de meus filhos Vinícius e Renan, acompanhado de perto o crescimento de meus netos pequenos e a juventude dos maiores... Porém, a veia empreendedora, o desejo de gerar empregos, de dotar Guarulhos de uma revista semanal e outra mensal das quais a população pudesse se orgulhar, falaram mais alto.

As dificuldades permaneceram e permanecem, devido às peculiaridades do mercado guarulhense, à concorrência predatória de publicações que surgem e desaparecem com a mesma facilidade, à mentalidade às vezes retrógrada de alguns empresários e à alta da inadimplência.

Não tivemos sucesso ao lançar a *Revista Weekend* nos Jardins, em São Paulo, o que nos causou novas dívidas. Para quitar umas, fizemos outras e isso vira uma bola de neve. A história se repete.

Por quatro anos, quando eu ainda estava no jornal, fui diretor de turno na Cooperativa de Crédito de Guarulhos e insistia com o então presidente, Mylton Mesquita, que a instituição também acolhesse pequenas empresas, mas ele entendia ser muito arriscado.

Quando o advogado Alexandre Zeitune, atual vice-prefeito, encabeçou um grupo para criar em Guarulhos uma cooperativa de crédito de empresários, eu e Fábio aderimos. Depois de uma batalha burocrática perante o Banco Central, foi autorizada a criação da Coopersigma, sigla que, além de significar somatória e crescimento, continha iniciais das cidades nas quais poderia operar: Santa Isabel, Itaquá, Guarulhos, Mairiporã e Arujá.

Foram muitos os percalços enfrentados e há três anos, a cooperativa foi incorporada pela Unicred Guarulhos, instituição que reunia apenas médicos e empresas de serviços a eles ligados. Os empresários continuaram atuando, com assentos nos Conselhos de Administração e Fiscal. Até abril de 2017, fui membro do Conselho Fiscal.

Em 2016, junto com outras oito cooperativas singulares, a Unicred Guarulhos formou a Sicoob Unimais, uma nova central no Estado de São Paulo, no âmbito do sistema Sicoob.

Em todos esses anos, a Coopersigma, depois Unicred e agora Sicoob Unimais, tem sido importante parceira na concessão de capital de giro para manutenção das atividades da Carleto

Editorial e da *Weekend*. E, sem dúvida, de grande utilidade para muitos outros pequenos negócios.

Paralelamente, ao longo dos anos, a Carleto tinha limite de crédito do Cartão BNDES, com o qual comprávamos o papel para impressão das revistas. O limite que era de R\$ 100 mil, passou para 200, 300 e 400 mil. Lógico que, diante das dificuldades do fluxo de caixa, acabávamos utilizando esse crédito barato para pagar o papel em até 48 meses. Até carro para a distribuição compramos com cartão BNDES. Sempre pagamos religiosamente em dia. De repente, no entanto, em 2015 o limite foi reduzido para R\$ 100 mil, sem nenhuma explicação. Assim, tivemos de passar a pagar o papel das novas edições diretamente ao fabricante, com prazo curto e continuar pagando as parcelas das compras antigas. O Banco do Brasil, que é o agente do BNDES, informa apenas que isso aconteceu com todas as empresas.

Não tive alternativa que não fosse repetir o que fizera em 2003: tive de vender a sede da editora, no Bom Clima, tornando-nos locatários, para reduzir o endividamento. O imóvel havia sido comprado, por meio de uma cota de consórcio, quitado com valores que recebi da venda do jornal. Porém, como diz o dito popular, vão-se os anéis, salvam-se os dedos.

Além de outras dívidas saldadas com a venda do imóvel, antecipamos a quitação de parcelas do Cartão BNDES, para reduzir a prestação mensal e tendo a pretensão de voltar a usar o limite algum tempo depois. Porém, sem explicação, o BB zerou o limite. Recentemente, tivemos de renegociar o saldo devedor, para que tenhamos condições de manter o pagamento das mensalidades dia. Chega a parecer burrice nossa fazer questão de pagar. Talvez pelas dificuldades que os bancos impõem para renegociar, tantos preferem dar calote.

A Operação Lava-Jato demonstra que, enquanto as pequenas empresas são penalizadas sem justificativa, os recursos do banco federal de fomento são usados para enriquecer grandes grupos econômicos, comprar empresas no exterior e beneficiar quem paga propinas aos detentores do poder político.

No cerne da questão de estarmos permanentemente em dificuldades financeiras, no entanto, está a nossa teimosia de não nos atrelar a governos, nem a partidos ou políticos, jamais ficando na dependência de verbas oficiais para o custeio das despesas; nossa persistência em manter conteúdo editorial independente, exercer dignamente nossa profissão, respeitar direitos trabalhistas, pagar corretamente aos fornecedores e, mesmo com prejuízo pessoal e de nossas famílias, ter nome limpo em todos os cadastros e poder andar de cabeça erguida. Ao longo de mais de 36 anos no ramo, tivemos apenas quatro ações trabalhistas e em apenas uma a reclamante obteve quase total ganho de causa.

Podemos ostentar certidões negativas de todos os órgãos públicos, mas, para nós, ainda mais importante do que isso é estarmos com nossa consciência tranquila.



PARTE II
Discurso de
Posse

**DISCURSO DE POSSE
POR IVO DE SOUZA**



SENHORES, SENHORAS! AUTORIDADES PRESENTES!

Em nome do confrade doutor José Augusto Pinheiro, presidente da Academia Guarulhense de Letras, cumprimento a todos os imortais desta confraria.

Trago nesta fala o mais nobre sentimento humano que é a gratidão.

Assim, agradeço a Deus por ter me conduzido até aqui com segurança e discernimento; agradeço a minha mãe, Maria Teixeira de Souza; minha esposa, Izabel Moreira da Silva Souza, o meu porto seguro e minha fortaleza; aos meus filhos que são a razão maior da minha existência; aos meus amigos que me dão força diariamente, que confiam em mim e me apoiam nas batalhas travadas no dia-a-dia; Por fim, agradeço a todos aqueles que acreditam e compartilham dos meus sonhos, das minhas adversidades e das minhas vitórias.

Hoje é uma noite especial para mim e minha família; para meus amigos; para minha terra natal, ILHABELA, São Sebastião e, especialmente Guarulhos, a cidade que escolhi para formar minha família.

É um momento importante para o município de Guarulhos, pela importância de ter uma instituição de tamanha relevância para a cultura e a literatura. A Academia Guarulhense de Letras, fruto dos sonhos de um grupo, do qual eu cito o padre Geraldo Penteadado Queiroz, que ousou ultrapassar a barreira do imaginável.

Neste momento histórico, na cerimônia para efetivação de novos membros, eleitos pelos confrades que apreciaram criticamente as obras apresentadas, a Academia Guarulhense de Letras dá mais um salto para o futuro, fazendo-se mais visível. Não pela minha presença, mas porque ousa se mostrar para a sociedade tornando este ato um incentivo para outros escritores. Sendo Guarulhos uma cidade rica em literatura, seus autores lançarão suas obras com o objetivo de disseminar ainda mais nossa cultura.

SOBRE O PATRONO DA CADEIRA 34

É para mim uma honra ocupar a cadeira 34 desta Academia Guarulhense de Letras, tendo como patrono o escritor monsenhor Geraldo Penteadado de Queiroz que foi reverendo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos, por quase 20 anos. Padre Geraldo nasceu em Campinas, em 11 de dezembro de 1913, (mesmo ano de nascimento de meu pai, Benedito Dionizio de Souza, 13/04/1913) e faleceu em junho de 1998.

Desde jovem o padre Geraldo dedicou-se às lides literárias e sociorreligiosas; fez seus estudos teológicos nos Seminários da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, conhecido como Claretianos. Recebeu a ordenação

sacerdotal em 23 de maio de 1937, no Seminário do Ipiranga. Entre vários trabalhos, um dos mais importantes foi a criação, junto com as Senhoras Católicas, de uma casa que abrigava mais de 100 crianças: "o Fraterno Auxílio Cristão", em março de 1961.

Ao padre Geraldo foi conferido o prêmio Saúde da Criança pela Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. Na Academia Guarulhense de Letras, ocupou cargo na secretaria, a cadeira 13, tendo como patrono Guilherme de Andrade e Almeida e posteriormente passou à categoria de Acadêmico correspondente. Mais tarde tornou-se patrono da cadeira 34. Através de seus escritos levou a paz e a presença de Deus aos seus leitores; através de suas boas ações, levou a bondade de sua alma.

ACADEMIA

Mas, afinal, o que é uma Academia de Letras e qual a importância para um município?

Pois bem, a Academia de Letras é a maior referência no mundo cultural e intelectual de uma cidade, de um Estado, de uma Nação, simbolizando a alma, o anseio de liberdade, a busca inesgotável na fonte do conhecimento, a identidade, e a evolução da espécie humana. Assim, a Academia de Letras passa a ser a verdadeira guardiã, de fato e de direito, da alma da cidade.

Para salvaguardar a história lembro que a Academia de Letras, como instituição, teve início na França, no século XVII. Este termo remonta a Grécia antiga, quando o filósofo Platão fundou sua escola nos jardins pertencentes ao herói grego Akademos – dando origem ao nome Academia. Ali, buscava-se, pela retórica de Sócrates, o saber pelo questionamento e pelo debate, ao oposto

do saber mecânico, baseado na repetição. Esta tradição rompeu a barreira do tempo e atravessou gerações até chegar aos nossos dias.

Atualmente, as Academias de Letras, espalhadas pelo mundo inteiro, cultivam esta tradição. Nas Academias de Letras germinam, com toda a sua exuberância, o humanismo e o sentido da vida.

Obrigado!



PARTE III
Elogio Fúnebre



Nelson Antonio Natalino

ELOGIO FUNEBRE
Nelson Antonio Natalino



Mais uma vez a Academia Guarulhense de Letras sente as agruras do infortúnio. Instituição, cujo mister, reveste-se de causas nobres e solenidades festivas, convoca os seus membros para, unidos e contristados, dar o último adeus para um ente querido. Soam os sinos da sabedoria e da cultura para anunciar o desaparecimento de um baluarte das letras tombado no dia 25 de setembro de 2016. Recentemente engajado no movimento literário do nosso Sodalício, Natalino ocupou a cadeira de nº 16 com galhardia, zelo e dedicação o que, certamente, envaidece sobremaneira os pares que assistiram a sua meteórica ascensão, revelada pelas obras publicadas e pelo real interesse pelas artes em geral, inclusive, pelas inserções no teatro e no mágico mundo televisivo. Na literatura deu asas à sua fértil imaginação através de prosas e versos, numas demonstrou o conhecimento técnico no alinhamento de estórias e histórias que contou e registrou nos livros, noutras revelou o sentimento contido n'alma e exteriorizado pela imaginação, inundando versos de rara beleza e imenso amor irradiado nos poemas que fluíram do seu coração. No campo de batalha, palco da vida onde o escritor liberta as emoções para difundir as letras, Natalino esposava conhecimentos plenos sobre o tema escolhido para presentear os ouvintes, com

capacidade absoluta de causar orgulho àquele que, embora por pouco tempo, emprestou-lhe o nome como Patrono, o conceituadíssimo escritor Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac, se vivo fosse. Embora muito experiente no campo da literatura nas mais diversas vertentes, Natalino ingressou nesta casa de ensino e disse por que veio. Abraçou as causas defendidas por notáveis escritores que, reunidos em nome das letras, fundaram a nossa Confraria e, de corpo e alma, assumiu a figura do combatente que, incansavelmente, buscava a melhor forma de inculcar no próximo a vontade e a necessidade de galgar conhecimento e cultura. Ofereceu-se para trabalhar e, em obediência aos Estatutos que regem a agremiação, aceitou a primeira missão: levar a literatura para a classe estudantil. No cumprimento do mister de apresentar Saraus e ombreando outros Confrades, fez-se jovem ao tratar com jovens de todos os ambientes de ensino que visitou, ensinando a gostar de ler, a amar os livros e, principalmente, a desenvolver o interesse pela educação em nosso Município. Por algum tempo, será difícil participar das reuniões mensais e não mais encontrar sentado na cadeira 16 a figura impoluta, mas, sorridente, do amigo Natalino. Há que se preparar a consciência para suportar a lacuna deixada pelo escritor, cujo lugar, em momento oportuno, será ocupado por outro membro que, queira Deus, seja profícuo o suficiente para honrar o nome gravado no frontispício da cadeira 16 - NELSON NATALINO. Descanse em paz.

Mauro dos Santos Oliveira



PARTE IV
Sinopse da AGL

SINOPSE DA AGL

AGOSTO DE 2.016 A SETEMBRO DE 2.017



A vida é como um rio perene segue o curso imposto pela natureza e nós, considerados imortais pelos feitos culturais, temos absoluta certeza da finitude. Cada um, ao seu tempo, fará a passagem e, independente de posto, de comprometimento ou grau de colaboração, seremos lembrados pelos trabalhos tatuados nas páginas dos livros que ousamos entregar para conhecimento geral. Com a mesma certeza de que um dia quedaremos silentes para o descanso eterno, a Academia Guarulhense de Letras continuará impoluta trilhando o seu majestoso caminho a zelar pela cultura do nosso país, guardando e resguardando a língua pátria para o seu emprego correto. Assim, a partir de agora, damos continuidade à história de nosso sodalício para assegurar a sua incessante luta em busca do saber, gravando o que ficará assentado em seus anais. A voz dos acadêmicos lançada a cada opinião, controvérsia ou concordância será gravada, literalmente, de acordo com as atas geradas a cada reunião, por testemunhas dos fatos e feitos ali narrados. O cotidiano da nossa agremiação reveste-se de grande diversidade de assuntos. Hoje, por exemplo, acusa a visita em nossa sede de um edil interessado nas causas

acadêmicas e como de praxe, prometeu viabilizar reforma no prédio. O tesoureiro anunciou recebimento de verba que será rateada entre os confrades que participaram do Salão do Livro, salvaguardando a cota da AGL. A secretaria determinou a forma de pagamento da edição da Revista 2.016, além de registrar o prazo para inscrições dos pretendentes às cadeiras vacantes. Registro com muita alegria o lançamento de livro pela confrreira Antonia, na Casa das Rosas, informações geradas a partir das fitas abaixo.

- Em 30/08/16 – O presidente Ary Baddini, após determinar a leitura da ata da reunião anterior, informou aos pares que, em companhia do confrade Armando Colacioppo, recebeu em nossa sede, a visita do senhor vereador Vitor da Farmácia que, após se inteirar das projeções acadêmicas, manifestou a vontade de proceder, às suas expensas, melhorias no local de nossas reuniões. O confrade Colacioppo cuidará das tratativas para viabilizar a reforma.

- O confrade tesoureiro Claudemir recolheu as cãrtulas referentes à verba advinda do Salão do Livro de Guarulhos, depositada em nome dos confrades: Baddini, Bismael e Aura. Do numerário, 50% será carregado para a AGL e 50% será rateado entre os doze participantes do evento.

- O acadêmico Mauro informou que o custeio da edição da Revista 2016 será suportado pelos participantes, de acordo com o número de páginas necessárias.

- A secretária Teresinha lembrou aos pares que se encontram abertas as inscrições para novos membros efetivos com vigência até o dia 15 de setembro.

- A confrreira Antonia agradeceu o apoio recebido dos escritores que estiveram presentes no lançamento de suas obras, na Casa das Rosas.

Outubro de 2016. Nem só de vitórias, de sucessos e de alegria vive o nosso Sodalício. Hoje, pranteamos a ausência permanente de uma de nossas colunas de sustentação. Faleceu o acadêmico Nelson Antonio Natalino vitimado por um infarto do miocárdio. Ainda jovem, com muito por contribuir com o mundo da literatura, Natalino partiu sem nos avisar, deixando vaga a cadeira nº 16. Foi justificar a precocidade na partida com o seu patrono Olavo Braz Martim dos Guimarães Bilac, considerando que, para os seus admiradores, como nós, o seu legado será sempre lembrado pela importância e grande significado. Que o Reino do Céu seja a sua morada. A passagem do confrade, de inopino, obrigou remodelação na constituição da diretoria eleita recentemente. Recebemos a visita do advogado Alexandre Zeitune, candidato a vice-prefeito nas próximas eleições em Guarulhos. O acadêmico Clovis Domingues substituiu o presidente Ary Baddini Tavares, ausente por motivo de força maior e, entre as tarefas atribuídas, deu posse ao novel presidente José Augusto Rodrigues Pinheiro para conduzir o sodalício pelo próximo biênio. Observe a síntese da ata.

- Em 11/10/16 - O vice-presidente da gestão 2014/2016, José Augusto Pinheiro deu início à reunião cumprimentando os pares e concitando-os a fazer "Um minuto de silêncio" com os pensamentos voltados para o nosso inesquecível Confrade Nelson Natalino, desaparecido no mês de setembro. O Natalino, recentemente admitido nos quadros da AGL, fez parte da 4ª FLEG/2016 até a penúltima noite – 23/09, inclusive, coordenando os trabalhos e, no dia seguinte, foi acometido por um enfarte que lhe ceifou a vida no dia 25/09.

Data de falecimento do acadêmico efetivo Nelson Natalino - 25/09/16

Cadeira nº 16

Patrono = Nelson Antonio Natalino

Acadêmico:

- O confrade Augusto consultou os pares sobre a composição da diretoria eleita, considerando que, diante do falecimento do acadêmico Natalino ficou vaga a função de tesoureiro geral e a ausência temporária do mestre Bismael deixou vaga à presidência do Conselho Deliberativo. Nos dois casos, necessário substituí-los por novos membros e, ao convite, assumiram as lacunas, como tesoureiro a confrreira Antonia Vaz e como presidente do Conselho Fiscal o confrade Armando Colacioppo.

- Augusto recepcionou como seus convidados o advogado Alexandre Zeitune, candidato a vice-prefeito na chapa do vereador Guti e o ex-secretário de Esportes do Município de Guarulhos, Alberto Saraiva, convidando-os para comporem a mesa e testemunhar o ato de consagração da sua posse como presidente do Sodalício para o biênio 2016/2018.

- O secretário Mauro, na ausência temporária do presidente Baddini, por enfermidade, convidou o confrade Clovis Domingues, presidente do Conselho Fiscal 2014/2016 para assumir a tribuna e consagrar a posse efetiva do acadêmico José Augusto Rodrigues Pinheiro, eleito pela Assembleia em agosto, como presidente desta Agremiação.

- Clovis saudou as ilustres visitas e aos confrades, prefaciou a posse dizendo que substituíu o presidente Baddini com orgulho e

honradez. Enalteceu então as qualidades do empossado, mormente, destacando a postura, a juventude e a grande facilidade de comunicação, antevendo um comando proficuo e salutar para a cultura guarulhense. Num gesto simbólico, chamou o eleito à tribuna e ofereceu-lhe as chaves da AGL para que o empossado a comande por dois anos.

- Augusto agradeceu e discorreu sobre a satisfação e orgulho em empunhar a bandeira do nosso Sodalício, o que fará, indubitavelmente, com respeito, zelo e destemor.

Raramente a reunião do AGL se desenvolve sem embates, discussões, contratempos, discordância e muita conversa para dirimir dúvidas, porém, ajusta-se as diferenças, amolda-se pretensões chegando-se ao ponto de equilíbrio e passividade. Esta reunião primou pela paz absoluta, senão vejamos:

Leitura da ata; justificativa de medida que pode ser postergada; anuncio do confrade Silvio dando conta de que representou a confraria em evento no Município; A confrreira Antonia, como sempre, leva o nome do Sodalício além-fronteiras; cuidado especial quanto ao movimento de correspondência e ajuste nas datas e horários das reuniões. Louvores à confrreira Jane Rossi que, por problemas de saúde, não pode acompanhar as reuniões mensais e, conscientemente e por respeito ao Sodalício, solicitou a conversão de membro efetivo para membro honorário, deixando livre a cadeira que ocupa para que seja destinada a escritor que possa colaborar plenamente com os pares, ajudando na direção e solução dos problemas acadêmicos. Os registros abaixo referendam esse comentário.

- 25/10/16 O presidente iniciou os trabalhos cumprimentando os pares e solicitando a leitura da ata, o que foi feito pela secretária Teresinha e referendado pelos presentes.

- Disse mais, o presidente, sobre modificações dos Estatutos, tema defendido pelo confrade Jerônimo no encontro anterior. Ponderou que este assunto deve ser melhor estruturado, devendo os pretendentes apresentar moção por escrito, propondo e justificando as alterações para posterior discussão e possível aprovação.

- O confrade Silvio Ribeiro comunicou que visitou o grupo "Guarulhos Antigo" cujo mote versou sobre a história do nosso município.

- A acadêmica Antonia lembrou que, regularmente, visita a nossa coirmã Academia de Letras de Campos de Jordão.

- Augusto Pinheiro se pronunciou acerca das formalidades havidas para as correspondências do Sodalício, propondo que sejam exercidas da forma virtual, considerando que a forma física está em desuso.

- Augusto sugeriu alteração no horário das reuniões mensais, ou seja, início às 14 horas e término às 16 horas, modificação acolhida e aprovada pela mesa. Sugeriu, também, a mudança do dia das reuniões para quarta-feira e, aos debates, ficou decidido que a partir de janeiro de 2017 as reuniões ocorrerão na última quarta-feira do mês.

- A confreira Jane Rossi manifestou-se acerca de mal que foi acometida no sistema auditivo, impedindo-lhe de ouvir normalmente. Esta anomalia tem-lhe dificultado a participação nas reuniões com plena desenvoltura e, nesta circunstância, solicita a modificação da sua nomeação de acadêmica efetiva para acadêmica honorária. Sob protestos, porém, entendendo o problema e atendendo a solicitação, o Colegiado concordou com o pleito, tornando livre a Cadeira 34 que tem como patrono o escritor Padre Geraldo Penteado de Queiroz.

A confraria não cuida apenas das letras, mas, se ocupa, também, dos problemas sociais que afligem o Universo, mormente, aqueles que provocam a comoção pública. Desta vez, os escritores deram as mãos para pedir ao Altíssimo um pouco de conforto para as famílias enlutadas pelo acidente aeroviário que ceifou as vidas de diversos atletas que defenderam as cores da Chapecoense, time de futebol que representa o sul brasileiro. Demonstração de solidariedade salta aos olhos quando o presidente do sodalício, num gesto de colaboração e entrega, se oferece para auxiliar a tesoureira nos seus afazeres contábeis. A representatividade, atividade que incumbe a todos os membros da AGL, deve servir de arma para a disseminação da cultura e, desta vez, foi exercida pelo confrade Silvio Ribeiro em solenidade junto ao batalhão do Tiro de Guerra, em Guarulhos. Na nossa lida em prol das letras, testemunhamos a luta de verdadeiros guerreiros como o incansável acadêmico Clovis Domingues. Mesmo sabendo da situação caótica por que passa a economia do Município, Clovis tentou renovar o convênio que conseguiu, em passado recente, com a Secretaria de Cultura. Infelizmente não obteve sucesso, mas, o seu empenho e dedicação demonstraram de forma cristalina, que um soldado das letras não pode esmorecer, perde uma batalha mas não perderá, jamais, uma guerra. Um líder nasce para frutificar. Mesmo agredido por doença que lhe tolheu as forças temporariamente, eis que, como Fênix, o Mestre Bismael compareceu em nosso encontro, tornando-o festivo, provando que as vicissitudes da vida, por vezes, nos amedrontam, mas, não a ponto de nos impedir de comparecer onde homens comprometidos com a cultura se irmanam para falar das letras. As fitas abaixo justificam este comentário.

- Em 29/11/16 - Pontualmente, às 14h. o presidente convidou os pares para, em pé e contritos, guardarem um minuto de silêncio

com o pensamento voltado para os familiares das vítimas que sucumbiram no acidente nefasto, na tragédia aérea ocorrida na Colômbia na madrugada anterior, envolvendo atletas e dirigentes da Chapecoense, bem como jornalista que iriam cobrir o jogo final na cidade de Medellin, diante do Atlético Nacional.

- Augusto esclareceu que vai auxiliar a confreira Antonia no mister do exercício contábil do Sodalício. Falou da dificuldade numérica e sobre os gastos forçados, lembrando que a contribuição espontânea que hoje é de R\$ 30,00 per capita passará para R\$ 50,00 mensais no ano que se avizinha.

- O acadêmico Silvio Ribeiro, no dia 25 de novembro representou o Sodalício em evento realizado no TG 02.084-Tiro de Guerra.

- O confrade Clovis, em que pese ter se empenhado muito para renovar o convênio com a Secretaria de Cultura, informou que o pedido foi negado por absoluta falta de verba, dificultando assim os anseios da Instituição, inclusive, postergando a edição da Revista Anual.

- O confrade Bismael, ausente nas últimas reuniões por motivo de doença, compareceu hoje à reunião trazido pela esposa dona Tereza, o que foi motivo de alegria dos pares que o saudaram com efusiva salva de palmas.

A nossa agremiação, fundada no ano de 1.978, sempre se sustentou com recursos próprios. Outrora, nas gestões de nossos ancestrais, a verba para fazer frente aos gastos forçados, advinha dos partícipes escritores que se compunham para não sucumbir perante os compromissos. Na gestão do presidente Clovis Domingues, graças ao seu esforço e conhecimento, operou-se um convênio que permitiu a concessão de verba para gastos gerais,

inclusive, edição de livros sem ônus para os participantes. De algum tempo, à esta data, os membros que se dedicam às causas acadêmicas, frequentando reuniões e gerenciando a vida do Sodalício, têm colaborado mensalmente com pequena contribuição que permite arcar com as despesas necessárias, sem, entretanto, conseguir fazer fluxo de caixa. É necessário grande esforço para manter acesa a chama da nossa Confraria. Às vezes é preciso abdicar de habitualidades outrora culturais, como se pode observar no próximo registro, a impossibilidade de editarmos a Revista 2.016 fisicamente, restando, tão somente, a via da forma digital. Dificuldades à parte, a diretoria movimentou tratativas para não se distanciar dos órgãos públicos, sempre na esperança de um dia reaver o tão sonhado convênio conseguido por Clovis Domingues, em passado recente. As agruras não têm o condão de esmorecer os confrades que, realmente, se preocupam com a missão de semear o saber e o conhecimento. Tiram forças das entranhas e, reunidos, promovem festas para homenagear vultos guarulhenses, condecorando-os como prova de agradecimento por seus legados. Observe os próximos registros.

- Em 18/01/17 - O presidente Augusto abriu os trabalhos informando que esteve com o confrade Machado, renovando o convite para que compareça, sempre que puder, aos eventos da AGL.

- O presidente discorreu sobre as finanças do Sodalício, informando que em breve tempo não teremos dinheiro para suportar as despesas forçadas. Solicitou aos presentes que contribuíssem com a anuidade estipulada em R\$ 500,00, mesmo que de forma fracionada. Além da colaboração de alguns acadêmicos, quitando as anualidades, contamos, também, com parcelas mensais dos pares presentes.

- O confrade Clovis Domingues apresentou nota fiscal eletrônica referente à prestação de serviço de contabilidade, no valor de R\$ 460,00, importância que deverá ser paga mensalmente.

- Sobre a Revista 2016 o presidente recebeu informações do acadêmico André que coordena esta missão, dando conta de que diante das circunstâncias e da falta de verba, a edição somente será possível na forma digital.

- Augusto participou que esteve com autoridades municipais, obtendo resposta de que em breve marcarão uma reunião para tratar de assuntos da AGL.

- Disse, também, que na solenidade de 10/02 vultos guarulhense serão homenageados, sendo que as referências elogiosas serão precedidas pela fala do orador oficial do Sodalício, confrade Lineu Roque Aceiro. Augusto referendou o local da solenidade nas dependências do Campus da Fig-Unimesp.

- As honras concedidas aos vultos que demonstram consideração e apreço à nossa Instituição serão solenemente viabilizadas e, desta feita, serão reconhecidos: Clovis Domingues e Osvaldo Tassi com a outorga da Medalha de Mérito Cultural João Ranali.

É tempo de festa na academia, lá se vão 38 anos de sua fundação, obra de verdadeiros guerreiros em defesa da cultura e do vernáculo brasileiro. Guarulhos, finalmente, podia alardear o sonho realizado de possuir uma ACADEMIA DE LETRAS. Hoje existem, apenas, dois daqueles heróis: Ary Baddini Tavares e Aristides Castelo Hanssen a quem procuramos seguir com a mesma garra que os motivaram a lutar para o reconhecimento da cultura, através de uma instituição digna. Esta reunião registrou a transmissão de comando entre dois vultos de expressão acadêmica invejável. De um lado o decano Ary Baddini Tavares, responsável pelos dois últimos anos de muito trabalho, à frente do Sodalício que presidiu com garbo, conhecimento, cultura e aptidão governamental. Do outro lado um jovem

talentoso e ávido por colaborar com a expansão do saber, do conhecimento e da literatura entre todos os munícipes, independente de idade, raça, cor ou partidatismo, importando, somente, o interesse pelas letras e a vontade indômita de crescer na vida: José Augusto Pinheiro Rodrigues presidente responsável pelo próximo biênio. A solenidade foi pontuada por referências elogiosas aos membros que dela participaram, especialmente, aos homenageados com a láurea da Medalha de Mérito Cultural João Ranali. Observe os próximos registros.

- Em 10/02/17 - realizou-se reunião extraordinária para celebrar o 38º aniversário do Sodalício, ocorrido em 08 de dezembro p.p.; proceder à transmissão de posse para a nova diretoria - biênio 2016/2018 e consagrar a outorga honrosa da Medalha de Mérito Cultural "João Ranali" ao acadêmico Clovis Domingues e ao jornalista Osvaldo Tassi.

- O mestre de cerimônias Claudemir Pedroso deu início a solenidade cumprimentando os presentes, procedeu a formação da mesa diretora composta pelo ex-presidente Ary Baddini Tavares e pelo atual presidente Augusto Pinheiro além de vários confrades e autoridades do Município.

- O presidente Ary transmitiu a posse ao acadêmico José Augusto Pinheiro que, doravante comandará o Sodalício no período de 27 de setembro de 2016 a 26 de setembro de 2018.

- A secretária Teresinha leu à ata de eleição para conhecimento dos presentes.

- Augusto Pinheiro, ora empossado, nominou um a um os componentes da diretoria solicitando que ficassem de pé para identificação geral.

- O acadêmico Lineu Roque Aceiro assumiu a tribuna como orador oficial e alinhou o discurso com palavras construtivas que lembraram a fundação da AGL e do aniversário da cidade de Guarulhos. Rememorou o festejado confrade Gasparino José Romão, lembrando que com mais dezesseis notáveis escritores, fundou, nos idos de 1978, a Casa de Ensino que cuida com esmero da boa aplicação do vernáculo.

- O presidente agradeceu ao orador Lineu pelo incentivo e indicação do seu nome para o ingresso na imortalidade.

- A confrreira Antonia discorreu sobre a magnífica trajetória sociocultural do nobre acadêmico Clóvis Domingues, em preparação a outorga pública da Medalha do Mérito Cultural João Ranali.

- O homenageado, Clovis Domingues, agradeceu o título recebido considerando que a dádiva tem muita representatividade e importância. Lembrou que ao receber a mesma condecoração o saudoso acadêmico fundador, Gasparino José Romão, aos 87 anos, tratou de exibir com destaque na parede de seu escritório, devidamente emoldurada, a Medalha e o Diploma de concessão.

- O acadêmico Castelo Hanssen, membro fundador da AGL e maior poeta vivo de Guarulhos, assumiu a tribuna para declamar uma poesia autoral intitulada "Vestido de Mim".

- A confrreira Isabel destacou de seu acervo cultural uma poesia intitulada "Memórias", declamando-a para deleite dos ouvintes.

- A seguir Isabel anunciou o nome de um vulto guarulhense do mundo da comunicação, o radialista Osvaldo Tassi, lembrando que nos seus setenta e seis anos de vida destacou-se, primordialmente, na área dos esportes onde exerceu funções de grande significância. Por seu trabalho incansável em prol deste nicho

cultural também receberá homenagem acadêmica destacada pela outorga da "Medalha do Mérito Cultural João Ranali".

- O homenageado por indicação do acadêmico Clovis Domingues e aval do Colegiado, demonstrou gratidão pela comenda e se disse orgulhoso por ter sido lembrado pelos pares, reconhecendo dentre os membros da mesa diretora, amigos e parceiros angariados durante a vida profissional.

- O confrade Jerônimo, também da tribuna, manifestou-se sobre a importância do evento e a altivez demonstrada pelo presidente Augusto. Destacou, especialmente, o trabalho desenvolvido nas escolas do município, intitulado "Sarau da Academia".

- O presidente Augusto, encerrando os trabalhos, coordenou o canto de parabéns pelo trigésimo oitavo aniversário da AGL, enquanto chegavam ao recinto os bolos que significaram a alegria e a confraternização entre os presentes, com ênfase aos aniversariantes de fevereiro: Augusto, dia 05; Jerônimo, dia 06 e Clóvis, dia 10, patrocinadores da guloseima.

Os assuntos acadêmicos não se prestam para, simplesmente, anunciar alvissas. Entre colunas, há que se discutir os percalços inerentes de atitudes que não coadunam com a aplicação da cultura. Embora o acesso aos quadros do Sodalício seja precedido de preparação para o exercício do mister, alguns membros se esquecem de que têm compromisso em colaborar na condução dos destinos da Agremiação. Não se lembram do juramento feito quando do ingresso à imortalidade, tampouco, se importam em respeitar a magnitude dos Estatutos, ignorando-o quando faltam sucessivamente nas reuniões mensais. As constantes ausências de alguns membros que se desobrigam de cumprir o chamamento para os regulares encontros acadêmicos, provocam manifestações

de agravo e solicitações de medidas para reparar a ociosidade dos faltantes contumazes. Se não comparecem, devem abdicar da cadeira para permitir que outro escritor a ocupe em benefício da Instituição. Vez por outra, algumas autoridades do Município são convidadas para as nossas reuniões e, como os assuntos são diversos, inclusive os confidenciais, foge do nosso âmbito fragilidades como: falta de dinheiro para suprir necessidades emergenciais e, assim, a confiança torna-se pública. Dependendo do grau de determinação da autoridade presente, aproveita-se para reforçar os pedidos já protocolizados junto à municipalidade. Observe os tópicos abaixo alinhados.

- Em 22/02/17 - O presidente iniciou os trabalhos, cumprimentando aos pares e discorrendo acerca do evento de transmissão e posse da diretoria gestão 2016/2018 e condecorações com a Medalha do Mérito Cultural João Ranali, ocorrido no dia 10 p.p.

- Augusto ponderou sobre a situação de alguns membros que eram efetivos e que foram transformados em membros honorários destacando uma reflexão sobre a situação do acadêmico Valdir Carleto.

- O secretário Mauro lembrou da obrigatoriedade de se cumprir o estatuto que rege as normas acadêmicas.

- O confrade Bismael lembrou que o que se decide no Colegiado se transforma em lei, afirmando que Valdir Carleto foi um acadêmico efetivo especial e de importância para o Sodalício.

- O confrade Clovis Domingues lembrou que durante a sua gestão no comando da AGL, muito se debateu sobre os membros ausentes contumazes até que, por decisão colegiada, procedeu-se alteração nos estatutos para afastar os membros faltantes sem justificação e omissos, possibilitando, desta forma, a admissão de

novos pares para o exercício administrativo efetivo do Sodalício. Asseverou, ainda, que a Academia deve cumprir essencialmente os estatutos, pois, não se pode, em hipótese alguma, desobedecer às leis que a regem.

- O confrade Mauro sugeriu uma reunião para equacionar a situação dos membros afastados e convertidos para outra categoria.

- O senhor Tiago Nascimento, Diretor de Cultura do Município, convidado pelo presidente Augusto, conheceu assuntos intramuros e que lhes são alheios, mas, servem para demonstrar aos órgãos públicos, não só a fragilidade econômica, mas, expor outras dificuldades que afligem a nossa Agremiação.

- O presidente Augusto traçou algumas considerações sobre a sofrível situação econômica da AGL, informando da necessidade de se angariar fundos para suprir as despesas forçadas, solução totalmente dependente da participação dos acadêmicos. Observe-se que as dificuldades atuais, entre outros motivos, ocorrem pela não renovação do convenio outrora firmado pelo governo anterior. Sobre o delicado assunto, o diretor Tiago Nascimento manifestou-se favoravelmente a viabilizar colaboração espontânea. Confessou sentir-se extremamente orgulhoso por participar deste encontro acadêmico e que a atual gestão política vê a AGL com bons olhos, capacitada para atuar no mundo das letras em plena conexão com o órgão público. Alertou aos presentes que todas as bibliotecas da cidade serão geridas pela Secretaria de Cultura e que vai reativar o evento "Prêmio Guarulhos de Literatura" e o "Projeto Escola 360º", contando com a colaboração necessária desta Casa de Ensino.

- O Acadêmico Augusto Pinheiro, agradecendo a presença do diretor de cultura, solicitou o empenho e dedicação de Tiago Nascimento no sentido da concessão integral do prédio que agrega a nossa sede, devidamente precedido de necessária reforma.

Normalmente, a pauta elaborada para orientar a reunião, não segue rigorosamente, o plano definido. Quase sempre é quebrada por um rompante de emoção, por um discurso de improviso, repentinamente disparado em referência a algo ou alguém de prestígio reconhecido. Sempre presente e de difícil explicação, o assunto econômico envolve grande número de apartes, mas, dirimidas as dúvidas a vida continua em prol de uma academia operante e feliz. Ainda nesta linha de raciocínio, há que se desdobrar para angariar fundos e os métodos são lançados sobre a mesa e, aqueles que sinalizarem com reais possibilidades de sucesso, são colocados em prática para gerar o numerário necessário. Vale lembrar que as decisões dos problemas são amplamente debatidas, envolvendo acadêmicos de várias tendências profissionais, dentre as quais, engenheiros, advogados, publicitários, professores, empresários, funcionários públicos, pastores evangélicos e outros que tais. Outra preocupação entre os diretores são os preparativos para a recepção de novos pares. Os relacionamentos entre o Sodalício e outras instituições são intensos e produtivos quanto à diversidade de eventos. Observe as tiras que seguem.

- Em 29/03/17 – O presidente iniciou a reunião reverenciando a senhora Letícia Maria dos Santos Luxo pessoa de seu relacionamento, inclusive, chamando-a de segunda mãe e lembrando que referida senhora marcou presença no evento de encerramento dos trabalhos do Sodalício, falecendo alguns dias depois.

- O presidente Augusto esclareceu que conseguiu com o escritório Vênus, responsável pela contabilidade do Sodalício, um abatimento nas mensalidades no valor de R\$ 160,00, importância deduzida das parcelas de R\$ 460,00, a título de bonificação. Disse mais, que o caixa do Sodalício registra superávit de R\$ 5.300,00. Demonstrou,

porém, que o saldo é insuficiente para as despesas até o final do ano em curso e solicitou a todos que contribuam para que os trabalhos se desenvolvam como solução de continuidade.

- Quanto à impressão digital da Revista 2016, afirmou que há uma pendência de R\$ 700,00 para ser resgatada, sendo que o confrade André, intermediário da transação, se propõe a colaborar com R\$ 200,00.

- O confrade Mauro sugeriu o envio de um ofício cordial aos acadêmicos, temporariamente mais distantes, conclamando-os a colaborarem com a manutenção dos gastos forçados que se renovam mês a mês. Ficou esclarecido nos debates deste encontro que as pendências econômicas do Sodalício, até que se encontre fórmula precisa, depende, exclusivamente, dos seus membros.

- O presidente comunicou que todos serão contatados e comunicados sobre a atual situação e a necessidade das contribuições.

- O confrade Plínio Tomaz confidenciou aos pares que como engenheiro, participou da fundação da ACEAG Instituição que congrega os engenheiros guarulhenses, afirmando que no dia 31/03/17 a entidade completará 50 anos de existência.

- O confrade Augusto, membro do Rotary Clube de Vila Galvão, anunciou que, em reunião recente, encontrou boa receptividade e ânimo de grande parceria com a nossa Agremiação, objetivando futuras conquistas.

- Quanto à posse de novos membros, certamente, ocorrerá ainda neste semestre, talvez, em futuro evento cognominado "Semana da Academia".

- O confrade Mauro sugeriu que a mesa proceda entrevista com os escritores que serão convidados à imortalidade, ficando

determinado que a convocação será para o dia 26 de abril, próxima reunião, às 15 horas. Serão convocados os escritores: Ivo de Souza; Fernando Canto Berzagli; Marlene Torrigo e Edson Evaristo Vieira Júnior.

- O acadêmico Lineu apresentou à mesa o relatório sobre os pretendentes ao cargo de acadêmico efetivo, indicando como possíveis participantes os acima elencados que, sabatinados, poderão ostentar a cognominação "Confrade e Confreira". Sugeriu, também, o envio de ofício aos escritores, agradecendo a concorrência que muito abrilhantou o escrutínio, porém desta feita, não foram conclamados.

A Academia guarulhense de Letras ocupa lugar de destaque na cultura, no saber e no conhecimento, ombreando, no mesmo patamar, as mais respeitadas casas de ensino do Município. Não raramente, recebe em suas reuniões o alto escalão da política guarulhense, representantes das instituições diversas que aqui se sediaram, além de franquear, também, o acesso àqueles que procuram conhecer o trabalho desenvolvido pelo Sodalício. Hoje recebemos representantes do secretariado municipal acenando para possível convênio com universidade local. A instituição SESI Jardim Adriana convidou os membros acadêmicos para participarem da Semana do Livro e da Biblioteca e o jornalista Roberto Samuel ofereceu espaço em seu programa Tribuna Livre, na TV Guarulhos, aos confrades. Os acadêmicos vão ministrar curso de formação de agentes de leitura que irão trabalhar em evento de magnitude, patrocinado pelo órgão público. Foram sabatinados os pretendentes ao cargo de acadêmico efetivo. Assim esclarece os próximos recortes.

- Em 26/04/17 - o presidente iniciou a reunião agradecendo ao Altíssimo e solicitando que a secretária Teresinha procedesse à

leitura da última ata e, na sequência, declinou o nome dos seus convidados, cedendo lugar à mesa aos representantes da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Guarulhos, Darlam Cavalcanti e Tiago Nascimento, atual diretor de Cultura. Informou que foi procurado pelo senhor Alex Francisco, professor da UNG, interessado em firmar parceria entre aquela Casa de Ensino e o nosso Sodalício.

- Comunicou que o jornalista Roberto Samuel colocou à disposição dos acadêmicos o seu programa "Tribuna Livre", na TV Guarulhos, estreitando os laços de amizade e estendendo convites para futuras participações.

- A AGL recebeu convite da bibliotecária Roseli Souza, do Sesi Jardim Adriana, para que o Sodalício participe do evento - Selib - Semana do Livro e da Biblioteca que, este ano homenageará o escritor Mauricio de Souza com os temas: Estímulo à Leitura e Produção Literária e Cultural.

- O presidente franqueou a palavra aos senhores Tiago e Darlam para que discorressem sobre o Projeto "Agentes de Leitura" a se desenvolver no segundo semestre deste ano. Esclareceram que o referido projeto abrangerá todas as áreas do Município, privilegiando, geograficamente, os seus participantes que poderão exercer o mister na comunidade em que residem.

- A formação dos agentes de leitura ficará a cargo da Academia Guarulhense de Letras que receberá, em contrapartida, pela orientação devida, a importância de R\$ 36.000,00. A formação didática dos agentes de leitura que deverão ter no mínimo 18 anos, será através de aulas ministradas por acadêmicos em espaço fornecido pela Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, cuja carga horária será estabelecida de acordo com a necessidade do aprendizado.

- Às 15 horas compareceram nesta reunião os senhores: Ivo de Souza, Fernando Canto Berzaghi, Marlene Auxiliadora Torrigo e Edson Evaristo Vieira. Os escritores aspiram à condição de acadêmico efetivo e, hoje, serão sabatinados para corroborar as exigências contidas no edital que os convocou. Assim, um a um, foram anunciados e, da tribuna, desfilaram desejos, ideais e responsabilidades que estão assumindo como membros efetivos e que, em breve, alcançarão o rol dos imortais. Aferidos e minuciosamente ouvidos pelo Colegiado, os postulantes foram por unanimidade aceitos como hábeis para receber a cognominação de confrade e de confrreira.

Há 39 anos a AGL segue impoluta o seu destino rumo à cultura e, como guardiã, na preservação do cultivo da perfeita aplicação da língua pátria. Neste diapasão, forçoso voltar à lembrança a nossa ancestralidade. Mostrar a grande preocupação que os laboriosos fundadores do Sodalício demonstravam na preservação e boa-venturança da vida acadêmica e que, faziam absoluta questão de deixar registrado nos anais da história a importância que davam para manter uma Academia progressista, inteligente e participativa. Suprir a vacância ocasionada por morte ou qualquer ocorrência, era de suprema necessidade, pois, quanto mais membros efetivos e interessados no desempenho do nosso trabalho, mais forte estaríamos para superar as adversidades. Entristece quando um confrade resolve deixar o ambiente acadêmico, porém, há que se respeitar a opinião de todos, até daquele que justificando o abandono da cadeira que lhe foi ofertada por mérito, não quer mais carregar os símbolos que os amantes das letras tanto sonham em ostentar. Certamente, o retirante guarda motivos que somente a ele cabe a resposta do ato da desistência. A caminhada prossegue rumo aos píncaros da glória e do conhecimento. Veja a ilustração.

- Em 31/05/17 - O presidente Augusto Pinheiro iniciou os trabalhos cumprimentando os pares e solicitando a leitura da ata anterior pela secretária Teresinha.

- O confrade Mauro sugeriu ao presidente que desse conhecimento aos pares do trabalho de autoria do falecido confrade Laerte Romualdo de Souza publicado na revista da Academia "Fragmentos Literários" no ano de 1991. Ilustrando a contracapa da alusiva obra, a mensagem estelar traduz a preocupação de nossos ancestrais com a retidão e a responsabilidade que obrigam os acadêmicos efetivos a se empenharem no cumprimento do mister que lhes cai sobre os ombros.

- O Presidente também noticiou o encaminhamento de um ofício reivindicando reforma em nossa sede, estendendo, também, o pedido para o resto do prédio, bem como, no seu entorno.

- Conclamou os pares no sentido de ultimar a escolha dos patronos e respectivas cadeiras para serem ocupadas pelos novos membros, obedecendo ao processo de ordem alfabética. Assim, ficou determinada a distribuição das cadeiras: 31 - Edison Evaristo Vieira Júnior - (Patrono José Edinaldo Freitas Couto); 32- Fernando Canto Berzaghi - (Adolfo Vasconcelos Noronha); 34 - Ivo de Souza - (Pe. Geraldo Penteado de Queiroz) e 35 - Marlene Auxiliadora Torrigo - (Patrono Néfi Tales). Para a consagração dos novéis o Colegiado se reunirá ordinariamente no dia 28/06/2017.

- O acadêmico Ibrahim, depois de longo período ausente das reuniões, assumiu a tribuna e, nominando alguns acadêmicos presentes a quem fez referências elogiosas, revelou que, por motivos particulares declina do posto de acadêmico efetivo liberando a cadeira para outro pretendente que se disponha a ajudar a Instituição. Alegou que não reúne mais condições para sair de casa, inclusive, foi assaltado por duas vezes defronte a sua residência.

- O confrade Augusto interrompeu a fala contestando o pedido, sendo referendado pela confrreira Antonia. No mesmo compasso, outros pares se movimentaram no sentido de convencer Ibrahim a reconsiderar o seu pleito. O pretense retirante, novamente, insistiu na sua decisão de deixar a AGL.

- O confrade Clovis manifestou-se contrário ao ato de desistência de um soldado do Sodalício que resolveu deixar a trincheira, solicitando que Ibrahim declinasse do seu intento.

- O acadêmico Lineu declarou-se emocionado diante do gesto de coragem demonstrado pelo companheiro que resolveu sair da Confraria ao deixar vaga a cadeira para outro escritor que possa se dedicar com mais afinco às letras. Atendendo a solicitação de alguns pares, Ibrahim, emocionadíssimo, declinou uma poesia autoral e, ao final, entre lágrimas, reiterou a decisão alardeada, solicitando, se possível, o título de acadêmico honorário, mantendo assim um liame com a turma que sempre lhe acompanhou.

- O mestre Bismael, convalescido e feliz, informou à mesa que, depois de nove meses, conseguiu escrever artigo intitulado "Os Fabricantes da Morte" que será publicado pelo noticioso "Tribuna do Direito" no mês de julho. Ao conseguir alinhar as letras e dar sentido à ideia formada, Bismael enche de alegria os pares que testemunharam o seu calvário. Parabéns Mestre Bismael!

A confraria, às vezes, deixa a zona de conforto e sai de sua sede para, momentaneamente, habitar outras plagas e, desta vez, transferiu a sala Dr. Laerte Romualdo de Souza para o Centro Municipal de Educação e Arte - Cemear onde realizou reunião para tratar da posse de novos membros efetivos. Como sempre, nestas ocasiões, o ato se traveste de formalidade maior, consistente no convite de personalidades e amigos das letras. O

evento contou com a participação de músicos de alto coturno que abrilhantaram a festa com arranjos espetaculares, sob os auspícios do conceituado confrade e maestro Armando Colacioppo. Sob forte emoção, foram agraciados com o mérito de Acadêmico Efetivos os novéis escolhidos para ocuparem as cadeiras que honrarão com os votos da imortalidade. Aprecie a origem do comentário.

- Em 28/06/17 - Reunião realizada nas dependências do Centro Municipal de Educação e Artes - CEMEAR -, Sala Dr. Laerte Romualdo de Souza, na Rua Abílio Ramos 122, Macedo, município de Guarulhos.

- Antecedendo o encontro, como forma de entretenimento, o músico Carlos Diomézio, membro do Conservatório Municipal de Guarulhos apresentou alguns números musicais, fazendo-o com maestria.

- Às 20 horas, o presidente Augusto Pinheiro iniciou a reunião anunciando a presença do vice-prefeito Alexandre Zeitune e do diretor de cultura, Tiago Nascimento, convidando-os para tomar assentos na mesa diretora composta pelos nobres acadêmicos: Bismael, Castelo, Armando Attilio, Jacques, Mauro, Isabel, Clovis, além do senhor José Luiz Toro da Silva, presidente do Rotary Club de Guarulhos - Vila Galvão. Sob a regência do maestro Colacioppo, perfilados, todos os presentes entoaram o Hino Nacional Brasileiro.

- O presidente convidou o vice-prefeito Alexandre Zeitune para fazer uso da palavra. Como responsável no auxílio da administração e gerenciamento da rés-pública em sede municipal, o Dr. Alexandre hipotecou solidariedade com o Sodalício, lembrando aos presentes a importância cultural desta Agremiação, demonstrou satisfação em receber os escritores naquele espaço público, solicitando que a Academia ali se faça presente noutras oportunidades. Saudou os acadêmicos neófitos desejando-lhes farta colheita cultural.

- O presidente Augusto Pinheiro deu início ao ponto culminante da reunião, a consagração dos novéis para que, doravante, sejam reconhecidos por seus pares e pela sociedade como membros efetivos. Para os pares serão confrades e para a sociedade serão imortais. Um a um, os quatro escritores foram instados ao seguinte procedimento, após declinado o seu nome: Edison Evaristo Vieira Junior, cadeira 31, breve discurso sobre o seu patrono José Edinaldo Freitas Couto; proferiu juramento para o exercício do melhor desempenho acadêmico; recebeu a Medalha, o botom, o Diploma legal e o exemplar dos Estatutos. O mesmo protocolo foi exercido pelos outros três consagrados, a saber: Fernando Canto Berzaghi, Cadeira 32, Patrono Adolfo Vasconcelos Noronha; Ivo de Souza, cadeira 34, Patrono Pe. Geraldo Penteado de Queiroz e Marlene Auxiliadora Torrigo, Cadeira 35, Patrono Néfi Tales.

- O confrade Jerônimo apresentou uma poesia de sua lavra intitulada "Academia ao Mundo".

- Vários alunos do Cemear, sob os influxos artísticos do diretor Tiago Nascimento apresentaram números culturais demonstrando interesse e satisfação em participarem efetivamente daquele evento social.

O ambiente em nossas reuniões pauta-se sempre pela mais absoluta cordialidade. Os cumprimentos são, habitualmente, precedidos de caloroso e fraternal abraço. Alvissas permeiam as conversas em português escorreito e sem preciosismo, o que agrada e nos induz a aguardar, ansiosos, pelo próximo encontro. Esta atmosfera galante e proveitosa aproxima mais e mais os fiéis participantes que, empenhados em solucionar as pendengas da agremiação, nem chegam a sentir falta dos ausentes contumazes. Vislumbramos notícia de acadêmicos que, ao participarem de programa televisivo e de grande alcance no

Município, reforçaram o pleito em conquista de uma sede própria para o Sodalício. Também em busca de modernidade para os nossos feitos, surgem ideias para aumentar a visibilidade e a facilidade de acesso às redes sociais. É sempre orgulho para a turma quando um membro merece destaque com trabalho publicado em revista de respeitabilidade e reconhecimento no meio jurídico.

- Em 26/07/17 - Às 14h02min. o presidente iniciou a reunião promovendo um ato de contrição, dando boas vindas aos pares noveis Marlene e Fernando, como partícipes da primeira reunião oficial.

- Em agradecimento à dádiva da vida o acadêmico Colacioppo teceu louvores de benignidade na condução dos trabalhos.

- O acadêmico Plínio Tomaz noticiou que, juntamente com o confrade Darci Pannocchia participou de programa televisivo em emissora deste Município e que, nos debates, dentre outros assuntos acadêmicos, aventou-se a possibilidade de se conseguir nova sede própria para a AGL.

- O acadêmico Plínio Tomaz, a respeito da Revista anual da AGL se manifestou no sentido de que seja incluída na plataforma Amazon/kindle, propiciando maior visibilidade e fácil acesso, a preços módicos.

- Augusto discorreu sobre o evento que consagrou a posse dos novos membros. Lembrou que o espaço físico onde se desenvolveu o evento foi preparado pelo Diretor Tiago Nascimento com alguma dificuldade, pois, teve que arregimentar cadeiras para acomodar a plateia, improvisar a mesa diretora, além de providenciar luz, som e outros arranjos que permitiram a funcionalidade do ato.

- O mestre Bismael presenteou os confrades com exemplares do jornal Tribuna do Direito no qual, às fls. 12, apresenta matéria com

o título “Os Fabricantes da Morte”, tratando de problema social de difícil solução. Este trabalho tem significado especial para o mestre Bismael e para toda a comunidade acadêmica, tratando-se do primeiro trabalho desenvolvido desde que foi acometido por doença que lhe impôs afastamento temporário das letras.

As exigências impostas para que se possa assumir o posto de acadêmico efetivo não são tão severas, contanto que o candidato seja escritor e saiba se portar como tal, primando por usar o vernáculo de forma escoreita, sendo as demais condicionantes as mesmas que o cidadão se submete para viver em sociedade. Depois de consagrado com a possibilidade da imortalidade as obrigatoriedades se multiplicam e somente serão assimiladas se o novo membro tomar gosto pelo Sodalício, entender que terá que oferecer trabalho sem jamais reivindicar contra partida e sempre irradiar os feitos acadêmicos onde quer que se apresente, anunciando a sua condição de representante desta Casa de Ensino. A imensa responsabilidade que pesa sobre os ombros de um acadêmico, lhe incumbe zelar pelo procedimento perante a sociedade que, em grande parte, afastada do mundo cultural, espera do membro da mais alta corte da sabedoria lhe projete luz, conhecimento, saber e cultura. Em que pese a graduação do membro acadêmico ser um pouco mais elevada do que a do cidadão comum, ele é visto com certo privilégio, principalmente, por que pertence a uma casta reservada que conta com apenas quarenta membros e esta condição provoca curiosidade e vontade de manter aproximação com um imortal. Devo confessar que o relacionamento entre os pares que militam em nossa Agremiação, pauta-se pela simplicidade e pelo respeito que deve reinar entre irmãos. Esta assertiva é facilmente comprovada pelo comportamento de um dos membros que, não por acaso, ocupa a presidência da confraria e, com toda fidalguia, educação,

modéstia e humildade assim se reportou para os demais: passado um ano do meu mandato, pergunto à mesa se devo continuar à frente do destino da nossa querida academia. A resposta não poderia ser outra: uníssonos os acadêmicos aquiesceram desejando que o companheiro José Augusto Rodrigues Pinheiro dê sequência na condução dos trabalhos, empunhando com galhardia o cetro que determina o caminho, a forma e a necessidade de disseminar o saber, a cultura e o conhecimento. Voltou à baila o assunto “Símbolos” da AGL. O confrade Silvio Ribeiro desenvolveu projeto para a confecção do pavilhão representativo, apresentando ao Colegiado o protótipo que, por estar de acordo com as nossas causas foi aprovado, devendo aguardar momento oportuno para a consagração e o hasteamento inaugural. Na sequência abordou-se o assunto Hino da AGL, considerando-se que a letra já foi confeccionada pelo confrade Castelo Hansen e complementada pelo secretário Mauro. A melodia ficou a cargo do festejado Maestro Colaccioppo que, depois de elaborá-la, procederá a adequação à letra. O trabalho desenvolvido pela Academia é intenso e já se avizinha a época da comemoração da FLEG – Feira do Livro do Escritor Guarulhense, serviço muito bem desempenhado pela comissão responsável por este evento. O Universo se movimenta em perfeita sintonia com o meio virtual e a AGL não pode prescindir deste fabuloso recurso da comunicação. Atualizações para assegurar a interação entre os pares, as instituições congêneres e as redes sociais, são pontuais para adequar o sistema, permitindo a integração da cultura como base da educação em nosso Município. Observe as próximas tiras.

- Em 30/08/17 - O presidente José Augusto Pinheiro após os ofícios de praxe lembrou que cumpriu o primeiro ano de seu mandato

como presidente desta confraria. Num rompante de consciência e humildade, perguntou aos pares se merecia concluir a sua jornada.

- O primeiro aparte foi do Secretário Mauro que enalteceu a condução do Sodalício pelas mãos do nobre escritor, afirmando que o desempenho em prol da literatura desenvolvido por Augusto já referenda a continuidade do seu comando para a visibilidade e o bom andamento da Agremiação.

- Os demais componentes da mesa proclamaram a atual gestão por unanimidade.

- Augusto deliberou, também, que o confrade Silvio Ribeiro retomasse o assunto Bandeira da AGL, consumando as explicações antes desenvolvidas para as tratativas finais e escolha do modelo do pavilhão que será hasteado sempre em memória ao nosso Sodalício. Aos debates, ante apartes sobre o projeto de Silvio, o presidente determinou que procedido os ajustes necessários, o autor concluísse a sua obra para a apresentação do referido símbolo na festa de encerramento dos trabalhos do ano de 2017, 39º aniversário da AGL, no Auditório Baeta Neves – Unimesp-FIG, no dia 13/12/2017.

- Na sequência foi abordado o assunto: “Hino da AGL”, cuja música será desenvolvida pelo Maestro Colacioppo, para adequação da letra.

- O confrade Jerônimo lembrou que o dia do Escritor Guarulhense - 21/09, seja, como sempre, comemorado durante a FLEG, de preferência em um dos Teatros: Adamastor, Nelson Rodrigues ou Pedro Dias Gonçalves.

- O acadêmico Edison sugeriu a formação de um grupo de e-mails, unificando e particularizando a comunicação entre os confrades, informando que somente os participantes do grupo terão livre trânsito. A sugestão foi aceita por unanimidade, ficando Edison

responsável pela formatação da ideia. Edison comentou sobre a página da AGL no Facebook, informando que, doravante, vai administrar esta via de comunicação.

A vida segue no círculo acadêmico e os eventos culturais se multiplicam exigindo participação ativa do Sodalício. Desta feita a festa esteve a cargo da senhora Vera Novo, amiga das letras que, gentilmente cedeu aconchegante espaço nas dependências do Centro Britânico – Livraria Nobel onde se realizou evento em comemoração a 5ª FLEG – Feira do Livro do Escritor Guarulhense. Na oportunidade foi homenageado, “in memoriam”, o confrade Nelson Antonio Natalino. Dentre os escritores presentes e algumas autoridades, marcaram presenças familiares do homenageado, abrilhantando em muito a reunião descontraída e pontuada por momentos de pura emoção. De obrigatório registro a lembrança trazida por Armando Colacioppo do confrade Ary Baddini Tavares que, temporariamente ausente por motivos de saúde, não deixa de trabalhar em seu gabinete nas dependências das FIG-Unimesp, onde ocupa o exercício de pro-reitor. Armando trouxe o recado de que os pares podem visitar o mestre naquela casa de ensino, onde serão recebidos de braços abertos e com a deferência que deve ser destinada aos imortais. Já faz parte da grade da Secretaria de Cultura a participação da AGL nos eventos culturais, com a participação efetiva de seus membros nas palestras, nos cursos e apresentações correlatas. A secretaria convidou os acadêmicos para uma reunião referente ao Salão do Livro que se realizará no mês de maio de 2018. Traçados os primeiros ajustes e confirmada a participação da confraria, foi instituída uma comissão de dez confrades para tratar deste assunto e deliberar em reunião na Cecel em oportuno tempo. Já, no mês de outubro, a Academia vai participar da Semana do Conhecimento a se realizar nas

dependências do Teatro Adamastor entre os dias 23 e 27. Para cumprir a agenda e também participar deste evento, o presidente modificou a data da reunião mensal para o dia 25 de outubro, transferindo, também, a sede para a sala 3 do mesmo Teatro que, durante o festivo encontro receberá o nome de Laerte Romualdo de Souza. As visitas ao Sodalício se multiplicam e assim torna conhecida a existência de uma Instituição que luta pela literatura em nosso Município. Desta feita recebemos duas professoras que se dedicam à arte de educar jovens que recebem ensinamentos na Escola Adventista de Vila Galvão. Convidaram os acadêmicos para conhecerem a escola e promoverem apresentações no sarau que ocorrerá em breve tempo. Em tempos de recessão, com a política do Brasil em rebuliço, as instituições se desentendendo e o mau quase vencendo o bem, as finanças da confraria se desestabilizaram. Tanto é que a edição da Revista da Academia 2.016 não foi editada fisicamente, faltou verba. Luta para cá, luta para lá, contando exclusivamente com a colaboração de alguns acadêmicos a AGL conseguiu fazer caixa e arcar com as despesas forçadas, honrando, à duras penas, os compromissos ajustados. Tanto se fez que, para não contrariar o hábito cultural de lançar a Revista anualmente, em 2.017 conseguiremos realizar o sonho de ver editada fisicamente. O livro sairá a qualquer custo mesmo que seja necessário os participantes arcarem com 50% e a Academia com 50%, a Revista será distribuída, gratuitamente, para os amantes das letras como sempre foi, desde a sua fundação. Aprecie a exposição que segue.

-Em 27/09/17 - O presidente discorreu sobre o encontro literário ocorrido no dia 21/09 nas dependências do Centro Britânico - Livraria Nobel. A confraria comemorou mais uma Feira do Livro do Escritor Guarulhense - FLEG, na oportunidade, apenas

celebrando o Dia do Escritor Guarulhense e homenageando, in memoriam, o saudoso acadêmico Nelson Antonio Natalino.

-O Maestro Colacioppo teceu considerações sobre o estado clínico do mestre Ary Baddini. Pontuou Colacioppo que, nos picos de melhoras na saúde, Baddini atua como pró-reitor em seu gabinete nas dependências da FIG-Unimesp, onde certamente terá prazer em receber visitas dos pares.

- O presidente colheu aspectos pessoais dos partícipes da reunião realizada no dia 25 p.p. na Secel, que cuidou do evento "Salão do Livro 2018". Aos debates estabeleceu-se um grupo para representar a AGL e participar das tratativas para a efetivação deste evento, assim constituído: Augusto, Valdir, Bismael, Clovis, Fernando, Isabel, Silvio, Mauro, Teresinha e Wilma.

- Lembrou, também, da Semana do Conhecimento, nos dias 23 a 27 de outubro nas dependências do Teatro Adamastor. Sugeriu que a próxima reunião do Sodalício ocorra no dia 25 de outubro nas dependências do referido teatro, promovendo interinidade com o evento que ali transcorrerá.

- Augusto apresentou à mesa as professoras Glaucia e Fernanda que ministram aulas na Escola Adventista de Vila Galvão, concedendo-lhes a palavra. O objetivo das representantes daquele núcleo de ensino é estreitar laços culturais com a nossa Agremiação, consistentes na execução de saraus e outros encontros literários. Nesta linha de raciocínio, as educadoras anunciaram que no dia 14 de novembro, às 19 horas promoverão um sarau nas dependências do colégio, convidando os acadêmicos para participarem da festa.

- Quanto à revista da Academia - 2017 ficou determinado pelo Colegiado que será impressa fisicamente e que, o custo para tal feito será assim distribuído: 50% do custo total arcado pelo Sodalício e

50% rateado entre os escritores participantes que, se responsabilizarão pelo ônus advindo da participação graciosa do confrade Castelo Hanssen.

Compilação do núcleo extraído das reuniões ordinárias e extraordinárias implementadas entre os meses de agosto de 2.016 e setembro de 2.017. Com este trabalho ajusta-se para conhecimento geral, a história da AGL, em cujos anais se assentarão todas as decisões necessárias para a continuidade da sua majestosa trajetória.

Mauro dos Santos Oliveira – Acadêmico Efetivo.

Teresinha Silva Maltez de Souza – Acadêmica Efetiva.



PARTE V
Medalha do Mérito
Cultural João
Ranali



**MEDALHA DO MÉRITO
CULTURAL "JOÃO RANALI"**



Fundadores:

GASPARINO JOSÉ ROMÃO

OSCAR GONÇALVES

ARISTIDES CASTELO HANSSEN

ARY DADDINI TAVARES

In memoriam:

JOÃO RANALI

JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ

NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos efetivos:

ARMANDO ATILIO COLACIOPPO SOBRINHO

BISMAEL BATISTA DE MORAES

CLOVIS DOMINGUES

Radialista:

OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

Corporação Musical:

BANDA LIRA DE GUARULHOS

Empresária:

VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico honorário:

EDMILSON SOUZA SANTOS

ESPECIFICAÇÕES

Formato: 14 x 21 cm - Página 272

Tipografia principal: Calibri 11/16 - Minion Pro

Papel/capa: Cartão 250gm² - Miolo: Homem Book 70gm²

Impressão: Navegar Gráfica - Dezembro de 2017

Edição penosa, que exige algumas palavras corajosas sobre o esforço e devotamento dos acadêmicos componentes do Sodalício. Aí estão, nesse lançamento, fragmentos de trabalhos escritos, colhidos apressadamente aqui e ali, como que arrancados ou subtraídos daqueles que os redigiram... Sem apoio oficial nenhum, embora reconhecida como Entidade de Utilidade Pública, vive a Academia, sufocada no acanhamento de modesta sala adaptada, promíscua de outras dependências, para realizar suas reuniões mensais e, vez ou outra, solenes.

Clamamos cansados, um lugar ao sol no orçamento comunal. Pelo menos para editar nossa Revista anual que em derradeira análise é um complemento que enriquece as solenidades comemorativas da fundação da cidade. Mesmo assim, com sacrifícios de ordem pessoal, os acadêmicos continuarão oferecendo algumas jóias buriladas pelas suas inteligências, para deleite da gente de Conceição dos Guarulhos.

Paciência!!! “É bela a rosa do nosso jardim! Seus espinhos feriram a Borboleta, mas nem por isso deixará de ser beijada por ela...”

Lineu Roque Aceiro